

HELEN DE SOUZA OLIVEIRA

**VIDA COTDIANA E AMBIENTE NA BEIRA-RIO DE EDUCANDOS,
MANAUS – AM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Centro de Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Amazonas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade da Amazônia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Elenise Faria Scherer

Manaus

2007

À minha Avó ANA CASTRO, sua força de vontade e seu poder de superação hoje me nutrem. À JAKELINE DE SOUZA, grande incentivadora desta jornada, companheira de todas as horas. Sua presença, ânimo e dedicação me motivam a nunca perder a Coerência, a Alegria e a Poesia pela vida.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação só pode ser desenvolvida, solidariamente com o apoio de muitas pessoas. Assim, os agradecimentos se constituem muito além do mero reconhecimento do apoio durante a elaboração da Dissertação, mas a exigência de uma produção científica que preza pela ética e pela sustentabilidade. Diante disto, meus especiais agradecimentos:

À Deus pelo dom da vida e por ter permitido que eu encontrasse as pessoas certas nos momentos certos.

À minha mãe Maria do Carmo e minhas tias Dora, Tina e Peta por preencheram minha existência de cuidado e afeto. Obrigada pela disponibilidade de me ajudarem sempre.

À Prof^a. Dra. Elenise Faria Scherer pela orientação, confiança e flexibilidade de diálogo.

À coordenação e aos professores do curso de Pós-Graduação de Ciências Ambientais e Sustentabilidade na Amazônia.

Aos colegas de mestrado, em especial à Marisa e ao Ricardo, por compartilharmos momentos semelhantes e únicos de vida.

Agradeço ao Yuri, pela atenção e solidariedade.

À Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas pela bolsa de auxílio à pesquisa sem a qual seria muito difícil a realização deste trabalho.

Aos ribeirinhos urbanos da cidade de Manaus e, em particular, aos moradores da beira-rio de Educandos, pessoas que constroem o seu dia-a-dia com muito sacrifício em uma paisagem de enorme valor cultural, mas esquecida no tempo.

Ao “Amor, à Poesia e à Sabedoria”. Obrigada Jake de Souza!

*Se o sinhõ não tá lembrado
Dá licença de contá
Que aqui onde agora está
Este ardifício arto
Era uma casa véia
Um palacete assobradado
Foi aquí, seu moço, que eu,
Mato Grosso e o Joca
Construímo nossa maloca
Mas, um dia, nós nem pode se
alembrá
Veio os home co as ferramenta
O dono mandô derrubá
Peguemo todas nossas coisa
E fumo pro meio da rua
Apreciá a demolição
Que tristeza que nós sentia
Cada taubua que caía
Doía no coração
Mato Grosso quis gritá
Mas em cima eu falei
Os home tá coa razão
Nóis arranja outro lugá
Só se conformemo
Quando o Joca falou
"Deus dá o frio conforme o
cobertô"
E hoje nós pega as páia
Na grama do jardim
E pra isquece nós cantemo
assim
Saudosa maloca, maloca
querida
Dim dim donde nós passemo
dias feliz de nossas vida.*

Adoniran Barbosa

RESUMO

Esta pesquisa aborda a questão da percepção e da apropriação do espaço em um pequeno assentamento construído às margens do rio Negro na orla portuária do bairro de Educandos, um dos poucos lugares na cidade de Manaus em que ainda podemos identificar por meio de objetos espacial-geográficos traços de uma vida ribeirinha que resiste e expõe o contraditório ao projeto de modernidade manauense. Nossa análise compreende tanto os aspectos objetivos retratados na paisagem como, e fundamentalmente, os aspectos subjetivos que orientam a relação das pessoas com o lugar, aqueles que estão para além da aparência e que ressaltam a interação homem/meio, cujo âmbito é o vivido, a relação prático-sensível que permeia o cotidiano. Para essa leitura, cujo objetivo foi identificar os valores sociais e afetivos consolidados pelas experiências e vivências dos moradores deste fragmento da vida urbana, além de realizar uma interface com outros campos dos saberes buscou-se o aporte teórico-metodológico da Geografia da Percepção, cuja análise da experiência ambiental se dá a partir de sentimentos denominados topofílicos e topofóbicos. Trabalhou-se com a abordagem qualitativa, onde lidamos com as percepções e valores, assim como com a abordagem quantitativa para o registro de indicadores ou tendências observáveis. A análise dos dados de campo coletados por meio de formulários e entrevistas semi-estruturadas revelou, quanto aos aspectos ligados à topofobia, a predominância de sentimentos de indignação e medo relacionados, respectivamente, à degradação do ambiente e ao aumento da marginalidade, conseqüência do tráfico de drogas na área. Em relação aos aspectos topofílicos identificamos sentimentos de apego pelo ambiente vivido, provedor dos recursos materiais (subsistência), sociais e simbólicos da existência. A problemática ambiental aqui enfocada representou um tema propício para aprofundar a reflexão em torno da possibilidade de implementar alternativas diversificadas de democracia participativa no processo de planejamento urbano. Apontamos para a importância de envolver diferentes níveis de intervenção sobre o espaço social e de reconhecer os vínculos das pessoas para com o espaço vivido, visto que o lugar encarna as experiências e as aspirações pessoais e esta realidade deve ser compreendida da perspectiva dos que lhe dão significado.

Palavras-Chave: Percepção, Paisagem, Lugar.

ABSTRACT

This study approaches the question of the perception and appropriation of space in a small settlement constructed on the banks of the Negro river at the port of the Educandos neighborhood, one of the few places in the city of Manaus where we can still identify, by way of spatial/geographic objects, traces of a riparian life that resists and exposes the contradiction of the project for modernity in Manaus. Our analysis understands the objective aspects portrayed in the landscape as well as, fundamentally, the subjective aspects that orient the people's relationship to the place, those which go beyond appearance and return to man/means interaction, whose space is lived, the practical-sensitive relationship that permeates daily life. For this reading – whose objective was to identify social values and connections to place through the life experiences of the residents of this fragment of urban life, in addition to creating an interface with other fields of knowledge – the theoretic-methodological contribution of the Geography of Perception, whose analysis of environmental experience is based on sentiments called topophilic and topophobic, was sought. A qualitative approach was used to deal with the perceptions and values; a quantitative approach was used for the register of indicators or observable trends. The analysis of field data collected through forms and semi-structured interviews revealed, in terms of the aspects connected with topophobia, the predominance of feelings of indignation and fear in relation to, respectively, the degradation of the environment and the growth in marginality, a result of drug trafficking in the area. In relation to the topophilic aspects, we identified feelings of attachment to the lived environment, provider of material (subsistence) and social resources as well as those that are symbolic of existence. The environmental issue on which we focus here was an opportune theme for deepening reflection on the possibility of implementing diverse alternatives for democratic participation in the process of urban planning. We point out the importance of involving different levels of intervention in social space and of recognizing people's links to the lived space, seeing that the place embodies personal experiences and aspirations and this reality must be understood from the perspective of those who give it meaning.

Keywords: Perception, Landscape, Place

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Paisagem antiga do Igarapé de Educandos.....	23
Figura 2: Imagem de satélite – Limites do bairro de Educandos.....	31
Figura 3: Imagem de satélite – Recorte espacial da área estudada. Trecho percorrido: final do Amarelinho até a Feira da Panair.....	34
Figura 4: As palafitas da beira-rio de Educandos no período da vazante do rio Negro – área pesquisada.....	34
Figura 5: As palafitas da base da encosta.....	35
Figura 6: A moradias de melhor padrão de construção no alto da encosta.....	35
Figura 7: A intensa ocupação da área mais próxima à Panair.....	36
Figura 8: O lixo acumulado debaixo das palafitas.....	37
Figura 9: O lixo espalhado ao longo da orla.....	37
Figura 10: O processo de limpeza da orla.....	38
Figura 11: O processo de limpeza da orla sendo finalizado.....	38
Figura 12: A paisagem da beira-rio na cheia.....	39
Figura 13: Os espaços estreitos e precários que dão acesso às moradias.....	40
Figura 14: As instalações simples e improvisadas de uma moradia.....	40
Figura 15: O espaço que resta para transitar por trás do setor mais adensado..	42
Figura 16: Deslizamento do barranco.....	43
Figura 17: Uma moradia afetada pelo deslizamento.....	43
Figura 18: Imagem da área próxima ao Amarelinho.....	44
Figura 19: O espaço mantido por trás das moradias.....	45
Figura 20: A manutenção de pequenos jardins atas de uma casas.....	45
Figura 21: Pequenos jardins na lateral de uma casa.....	45
Figura 22: A organização do espaço interno de uma moradia da área próxima ao Amarelinho.....	46
Figura 23: Uma das estâncias da beira-rio.....	48
Figura 24: A brincadeira de bola quando seca o rio.....	107
Figura 25: O passeio de canoa improvisado para agradar a criança.....	107

Figura 26: O entorno: pequenos comércios.....	117
Figura 27: O entorno: a feira da banana.....	117
Figura 28: A balsa de armazenamento de pescado.....	117
Figura 29: O setor da feira da Panair onde se comercializa o pescado.....	117

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Tempo de moradia.....	89
Tabela 3: Faixa Etária por Sexo nas unidades familiares.....	91
Tabela 4: Nível de Escolaridade.....	92
Tabela 5: Renda Familiar por domicílio.....	93
Tabela 6: Distribuição das Profissões.....	94

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Situação dos Domicílios.....	46
Gráfico 2: Classificação da população da beira rio de Educandos quanto à origem.....	87
Gráfico 3: Tempo de moradia.....	90
Gráfico 4: Nível de Escolaridade.....	92
Gráfico 5: Renda Familiar por domicílio.....	93
Gráfico 6: Distribuição das Profissões.....	94
Gráfico 7: O que menos você gosta do lugar onde mora?.....	106
Gráfico 8: Como é a vida na beira-rio?.....	110
Gráfico 09: O que você mais gosta no lugar onde mora?.....	115
Gráfico 10: Atualmente você utiliza o rio para quê?	116
Gráfico 11: Você gostaria de mudar para outro local.....	117

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1: O BAIRRO E O AMBIENTE PESQUISADO: FORMAÇÃO, APROPRIAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM	21
1.1 DO “ALTO DA BELA VISTA” À EDUCANDOS	21
1.1.1 A Criação do Estabelecimento dos Educandos Artífices	28
1.1.2 A Busca pela Integração à Cidade	31
1.1.3 A Segregação Disfarçada	31
1.2 A BEIRA-RIO DE EDUCANDOS	37
1.3 O AMBIENTE PESQUISADO: ASPECTOS DE SUA CONFIGURAÇÃO ESPACIAL	42
CAPÍTULO II: MANAUS: PERMANÊNCIAS E RUPTURAS NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO	49
2.1 UM BREVE HISTÓRICO DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO	49
2.2 A CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS NAS MARGENS DO RIO	57
CAPÍTULO III: A PERCEPÇÃO COMO EXPERIÊNCIA DO MUNDO VIVIDO	63
3.1 A GEOGRAFIA HUMANÍSTICA COMO ABORDAGEM	63
3.1.1 O Alicerce Teórico	65
3.1.2 A Perspectiva Experiencial na leitura dos lugares	66
3.2 SOBRE O PROCESSO PERCEPTIVO	70
3.2.1 Percepção	71
3.2.2 Atitudes	78
3.2.3 Valores	80
CAPÍTULO IV: BEIRA-RIO DE EDUCANDOS: A LEITURA DO SENTIDO DO LUGAR	86
4.1 OS MORADORES	86
4.2 O LUGAR NA MEMÓRIA DE QUEM NELE VIVE	96
4.3 AS RUPTURAS COM O AMBIENTE VIVIDO	100
4.4 A VIDA COTIDIANA NA AVENIDA BEIRA MAR	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS: CONTRIBUIÇÕES E PERSPECTIVAS	120
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	125
ANEXOS	132

INTRODUÇÃO

Vida Cotidiana e Ambiente na beira-rio de Educandos é um estudo voltado para a compreensão do significado e da importância do espaço como lugar. Esta dimensão de análise ressalta a interação homem/meio cujo âmbito é o vivido, a relação prático-sensível que permeia o cotidiano, relações que se somam e se fragmentam dando significados próprios a cada lugar.

É com este direcionamento que lançamos nosso olhar para os espaços ditos marginais e precários que, na cidade de Manaus, assim como na maioria das metrópoles brasileiras, se multiplicaram em meio aos conflitos e as contradições inerentes aos processos de produção do espaço urbano. Fomos conhecer o que está por trás da aparência exterior de um pequeno e antigo assentamento de beira de rio localizado na orla portuária do bairro de Educandos, dimensionando sua inserção espacial e sua constituição enquanto lugar, enquanto espaço de vivência, onde vínculos afetivos foram construídos a partir das experiências daqueles que ali construíram seu espaço de moradia.

A concepção desta pesquisa teve como pano de fundo as transformações urbanísticas pela qual a cidade de Manaus vem passando, transformações que visam recuperar/requalificar áreas ambientalmente frágeis, ocupadas, há muito tempo, por populações de baixa renda que, erroneamente, são compreendidas como inimigas da qualidade de vida e do meio ambiente.

A exemplo do que ocorreu no “período áureo da borracha” (1890 a 1910), os espaços continuam sendo modificados por meio de estratégias que ignoram o

“tempo lento”, o tempo do rio, dos igarapés, das formas simples dos cenários das “cidades ribeirinhas”, do modo de vida do caboclo que acessa e constrói seu abrigo na cidade. Estas dimensões, que constituem a verdadeira riqueza da nossa região vem sendo desprezadas por ações pontuais de transformações do espaço urbano que, no final das contas, reafirmam o processo de descaracterização da cidade de Manaus.

Daí o motivo para o objeto de estudo deste trabalho ter sido um assentamento localizado na beira rio do bairro de Educandos. Aportar em Educandos foi perceber que por trás da aparente imagem de precariedade do lugar, existem particularidades que em muitos aspectos estão arraigadas em um modo de vida ribeirinho, referenciado em um passado não tão distante.

Neste sentido indagamos: até que ponto este espaço perdeu uma das dimensões da vida, um tempo espontâneo, simbolizado pelo rio? Qual a importância do rio para as pessoas que vivem entre ele e a cidade? Qual é o grau de afetividade pelo ambiente vivido? Os moradores gostariam de sair do lugar onde vivem?

Considerando estas indagações trabalhamos com a percepção da população da Avenida Beira Mar para conhecermos e compreendermos o significado social da área, sua função e sua história. Estas dimensões de análise estão alicerçadas no reconhecimento da vivência, da sociabilidade e, por conseguinte, da identidade e, também, das resistências, já que esta área está sujeita a desaparecer ou a continuar sendo ignorada.

Esta pesquisa justifica-se na medida em que a incorporação destas dimensões de análise na intervenção planejada dos espaços irá aumentar a eficácia e a eficiência das políticas, programas e projetos e irá aumentar o prospecto de um

desenvolvimento mais eqüitativo e sustentável (Levy, 1992). Em outras palavras o trabalho assume singular importância, pois, a partir da compreensão da vida cotidiana nesta pequena localidade identificaremos suas potencialidades que por sua vez podem ser incorporadas a diferentes formas de planejamento e gestão da cidade. Elementos como a cooperação e as sociabilidades, uma vez reconhecidos e analisados, podem ajudar a despertar para uma forma de planejamento e gestão mais inclusiva e participativa. Portanto o dialogar e interagir com os moradores, se faz necessário para pensar a cidade a partir de suas demandas e necessidades cotidianas, de modo que as realidades vividas analisadas suscitem lógicas alternativas de desenvolvimento para a cidade.

Assim sendo, definimos como objetivo principal da pesquisa investigar a percepção e os valores dos moradores da beira rio de Educandos em relação ao ambiente vivido. Para isto formulamos os seguintes objetivos específicos:

- (Re)construir, a partir de depoimentos dos moradores, a paisagem da beira-rio de Educandos de antigamente;
- Verificar as práticas sociais da população da beira-rio em Educandos vinculadas à questão ambiental;
- Identificar relações positivas e negativas de afetividade com relação ao ambiente vivido.

Vale ressaltar que a apreensão do significado do vivido relaciona-se aos processos de cognição, percepção, afetividade, memória, alienação e construção de imagens que, de acordo com Yi Fu Tuan (1980), conduzem-nos à percepção de outras “realidades”. Desta forma a construção do trabalho tem por base fundamental a caracterização do lugar, onde a experimentação/percepção cria lugares (ligação com lugares – Topofilia). (TUAN, 1980;1983)

Desta forma, além de trabalharmos com uma abordagem qualitativa, onde lidamos com as percepções e valores, aprofundando desta forma a complexidade dos fatos e processos enraizados no dia-a-dia das pessoas do lugar, não descartamos a abordagem quantitativa, uma vez que ela atua em níveis da realidade na qual os dados se apresentam aos sentidos objetivando trazer à luz fenômenos, indicadores e tendências observáveis. Nosso intuito, acima de tudo, visa promover relações entre o concreto e o abstrato, o geral e o particular, a teoria e a prática. (MINAYO, 2003)

As estratégias da pesquisa consistiram basicamente em: 1. proceder à leitura das especializações da área estuda, fazendo uso de todos os registros disponíveis (registros históricos oficiais ou não, fotos, observação direta em campo) de maneira a permitir, em um primeiro momento, o conhecimento do objeto de estudo – o lugar à Beira-rio de Educandos – como hoje ela se apresenta e o processo de sua formação; 2. realizar o levantamento empírico dos dados; 3. fazer a análise dos mesmos com vistas nos objetivos propostos.

Nossa busca por informações nos inúmeros órgãos da administração pública foi frustrante. A única documentação oficial que encontramos foi o chamado Relatório Final da Comissão Técnica para a Identificação das Edificações em Risco de desabamento na orla de Manaus (2001), um estudo meramente técnico desenvolvido para mapear e diagnosticar riscos geológicos nas áreas de encosta da cidade¹.

Deste modo, ir a campo significou construir, como nos fala Ferrara (1999), um tipo de informação que ultrapassa a totalidade homogênea do espaço para descobrir

¹ É necessário ultrapassar a totalidade hegemônica do espaço para descobrir seus lugares nos quais a informação se concretiza, na medida em que produz aprendizado e comportamento traduzidos nos seus signos: usos e hábitos. No lugar, o espaço se concretiza na e pela informação que agasalha. De um espaço de informação evoluímos para um lugar informado. (FERRARA, 1999, p. 153)

seus lugares nos quais a informação se concretiza, na medida em que se produz aprendizado e comportamento traduzido nos seus signos: usos e hábitos. No lugar, o espaço se concretiza na e pela informação que agasalha.

Em uma primeira ida a campo realizamos cerca de 7 (sete) entrevistas (ANEXO A) e aplicamos 15 (quinze) formulários (ANEXO B). Isto se deu no período de março a setembro de 2006. A dificuldade de acesso à área inviabilizou, em parte, a continuidade do trabalho neste período. Retornamos ao campo nos meses de novembro de 2006 a janeiro 2007. Neste retorno encontramos o lugar em melhores condições de acesso, a vazante do rio Negro estava em seu pico e toda orla passara por um processo de limpeza promovida pela Prefeitura da cidade. Realizamos então mais 5 (cinco) entrevistas e aplicamos mais 7 (sete) formulários. Ao todo, aplicamos 22 formulários e realizamos 12 entrevistas, especificamente com moradores da área.

As entrevistas tiveram como objetivo a obtenção de dados históricos sobre o lugar, visto que, como disse anteriormente, não encontramos registros desta natureza. O formulário proposto continha questões fechadas e abertas embasadas nos procedimentos indicados nos trabalhos de Whyte, 1978; Machado, 1996; Bley, 1996.

Na análise dos procedimentos buscamos reconstruir a paisagem da beira-rio de antigamente a partir dos relatos de alguns dos moradores que julgamos possuir os cenários da região estudada gravados na memória. As falas dos sujeitos primam pelo seu tempo de vivência e convivência com a região estudada. Podemos, inclusive, dizer que esses sujeitos são os "guardiões da memória", como Le Goff (1999) interpreta, dada a significativa reconstrução da paisagem que os mesmos se propõem a relatar. Primamos então por respeitar a memória por eles descrita, pois no interior de suas falas os moradores mais antigos da área apresentavam a

capacidade de evocar imagens, experiências e conhecimentos, tornando com isso estes elementos presentes como recordações; sendo estas a chave para que as muitas portas da memória desses sujeitos fossem abertas apresentando-nos diferentes paisagens.

As fotografias também contribuíram de forma significativa para composição do trabalho no tocante à contextualização do lugar no passado e no momento presente. Segundo Ferrara (1993) a leitura do ambiente urbano pela percepção e interpretação de seus elementos pelo usuário, trazem para a ação sobre a cidade parâmetros mais concretos, posto que é o significado do espaço para aquela pessoa. A autora afirma que a leitura do ambiente requer uma comunicação capaz de registrar o espaço habitual do cotidiano, que não seja a palavra e, a máquina fotográfica pode ser um instrumento eficaz para tal finalidade.

Além da pesquisa bibliográfica e documental, dados como mapas e imagens foram obtidos de órgãos como: Prefeitura Municipal de Manaus; Instituto Municipal de Planejamento Urbano – IMPLURB; Defesa Civil; Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas - IPAAM e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Salientamos neste diálogo introdutório o caráter interdisciplinar de nossa pesquisa. Nossa fundamentação teórica busca uma interface com elementos da Psicologia/Percepção do meio ambiente, Arquitetura e Urbanismo, somados ao aporte importante da Geografia Humana.

O trabalho em si foi estruturado em quatro capítulos: No primeiro capítulo descrevemos, a partir de levantamentos histórico-bibliográficos, as considerações sobre a formação, ocupação e transformação da paisagem no bairro de Educandos e, por meio da pesquisa empírica, apresentamos a configuração espacial e sócio-ambiental de sua beira-rio nos dias de hoje.

A dissertação segue no segundo capítulo discutindo as transformações do espaço na cidade de Manaus, bem como de sua orla fluvial. Evidenciamos a problemática espacial urbana, reforçada por um planejamento urbano progressista, que fomenta o conflito de classes que leva ao crescimento acelerado da metrópole e ao surgimento das ocupações irregulares.

No terceiro capítulo discutimos sobre o pensamento filosófico, que embasa a vertente da Geografia Humanística e visualiza os fenômenos a partir de suas essências, abstraindo-se de conceitos e de cientificismo. Nessa idéia, apresentamos os espaços como lugares vivenciados e experienciados, complexos de significados que são interpretados pela Fenomenologia. Essa interface dos conhecimentos foi se consolidando à medida que se avançava a pesquisa, permitindo-nos um novo discurso sobre a análise espacial. Assim, partimos para a leitura da dimensão vivida da paisagem e do lugar.

O quarto capítulo consagra nosso desafio. Durante meses percorremos a beira-rio na tentativa de levantar os dados necessários para a análise em questão. Medos, tensões e inseguranças foram dia após dia sendo amenizados graças à humildade e à generosidade das pessoas contatadas.

Os resultados foram muito instigantes e revelaram que a ótica interdisciplinar permite-nos atravessar as barreiras do real ao imaginário, em outras palavras, pelas representações cognitivas do mundo real pudemos compreender as percepções imaginárias do mundo vivido de cada indivíduo. Assim, um novo olhar sobre o urbano renasce, colocando em questão a lógica do planejamento urbano e a valorização do espaço como lugar vivenciado e experienciado pelo homem.

CAPITULO I

O BAIRRO E O AMBIENTE PESQUISADO: FORMAÇÃO, APROPRIAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM

São os pobres que na cidade mais fixamente olham para o futuro. Isso não significa fazer uma apologia da pobreza, mas compreender a vida das pessoas, de onde brotam dimensões de espacialidades que quase sempre são desconsideradas, pois estão eivadas por coisas simples, transmutadas numa sensação de extrema obriedade pela frequência de estar sempre por aí.

(MILTON SANTOS)

1.1 DO “ALTO DA BELA VISTA” À EDUCANDOS

Em todo o processo de formação, apropriação e transformação da paisagem do bairro de Educandos evidenciamos rastros dos conflitos e das contradições geradas em meio ao contexto em que vinha se delineando a produção² do espaço urbano na cidade de Manaus no final do século XIX e início do século XX.

A história da consolidação de Educandos enquanto bairro foi visivelmente marcada por: uma fase inicial, em que se destaca a criação do Estabelecimento dos Educandos Artífices em 21 de agosto de 1856, fase que se caracterizou pela necessidade local de integração à cidade; e uma outra fase cuja característica principal foi a segregação³ imposta às localidades afastadas do centro da cidade de Manaus. Esta problemática espacialização que vinha se concretizou na cidade no início dos anos 20, contribuiu de forma substancial para acentuar os conflitos no espaço do bairro.

² O processo de especialização crescente da produção e da multiplicação das trocas, numa base regional, mas não raro ligada a interesses distantes acarreta efeitos também sobre o espaço de modo que a cidade torna-se estranha à região, a própria região fica alienada, já que não produz mais para servir às necessidades reais daqueles que a habitam. (SANTOS, 2007, p. 28-9)

³ O processo de segregação aqui mencionado segue o padrão das metrópoles brasileiras, caracterizado como centro x periferia. O primeiro, dotado da maioria dos serviços urbanos, públicos e privados, é ocupado pelas classes de mais alta renda. A segunda, subequipada e longínqua, é ocupada predominantemente pelos excluídos. (VILLAÇA, 2001, p. 143)

Acerca dos fatos que tratam sobre a origem bairro podemos verificar que seu processo de formação se deu com o crescimento da cidade de Manaus em direção ao sul, pouco tempo depois da criação de um núcleo urbano no largo da Trincheira (hoje Praça Nove de Novembro) e de sua expansão em direção à ilha de São Vicente sobre uma extensa área antes ocupada por um cemitério indígena.

Nesta época, a localidade encontrava-se circunscrita ao “Alto da Bela Vista”, uma colina verdejante cujo acesso se dava por um único caminho que se iniciava no porto das catraias⁴, local onde aportavam tanto os estudantes do Estabelecimento dos Artífices como os visitantes de outras localidades.

1.1.1 A criação do Estabelecimento dos Educandos Artífices

A criação do Estabelecimento dos Educandos Artífices (1856) foi o marco inicial no processo de formação de Educandos. O local funcionou no prédio da Olaria Provincial localizado na outra margem do igarapé da Cachoeirinha, hoje igarapé de Educandos. O Estabelecimento tinha por objetivo a formação profissional de jovens para o exercerem inúmeros ofícios – livreiro, ferreiro, sapateiro, alfaiate, etc. – e funcionara em regime de semi-internato. Vale salientar que tal modelo de educação, destinado à formação profissionalizante, se configurava como o mais avançado da época e sua expansão se dava por todo o Brasil.

Tendo em vista que o lugar permaneceu por muito tempo possuindo apenas a escola, o governador Fileto Pires Ferreira (1896 a 1898) resolve distribuir as terras das margens do rio Negro às famílias abastadas de Manaus, que por sua vez ocuparam estes espaços criando inúmeras fazendas na ilha onde se localizara os

⁴ O porto das catraias de Educandos situava-se na rua Manuel Urbano e na rua dos Andradas. (OLIVEIRA, 2003, p. 142)

Educandos Artífices. Tomado por uma das muitas florestas que circundavam Manaus, o lugar passou a ser o refúgio de tais famílias (Figura 1).

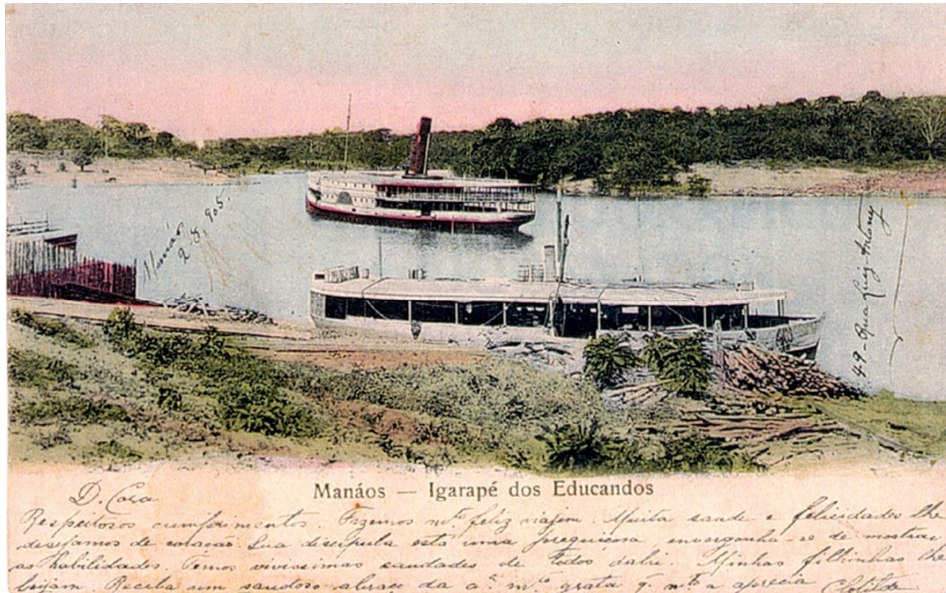


Figura 1 – Paisagem antiga do Igarapé dos Educandos
 Fonte: A Crítica, 2003/Álbum do Amazonas 1901-1902.

A figura 1 retrata a paisagem antiga do era o igarapés dos Educandos em um tempo em que a forte presença do verde emoldurava toda sua margem e as águas límpidas dos cursos d'água regia os hábitos e os valores da vida cotidiana não só no lugar como na cidade de Manaus.

Cláudio Amazonas em uma narrativa histórica sobre bairro relembra aspectos significantes que ainda predominavam na paisagem e no ambiente vivido mesmo depois de meio século da criação do Estabelecimento dos Educandos Artífices. Nas palavras do autor “quase nada havia mudado nesse meio século de vida dessa população”.

As casas eram de chão batido, cobertas de palha, iluminadas por lamparinas de óleo de peixe. O sustento das famílias era garantido pela pesca nos igarapés das redondezas, de onde provinha a água potável; da caça nas florestas mais adiante; da criação de aves e de porcos nos terreiros cercados de árvores frutíferas, com predominância das bananeiras, mangueiras, mamoeiros, sorva e tucumanzeiros em abundância (AMAZONAS, 1996, p. 18).

A ocupação da colina do alto se dá paulatinamente, tendo como seus principais agentes os professores do Estabelecimento dos Educandos Artífices que decidiam fixar residência no local e os migrantes do interior do Amazonas e de outros estados do Norte e do Nordeste, que se viam atraídos pela perspectiva de enriquecimento com a borracha.

Diante do eminente processo, começou, ainda em 1856, a movimentação em torno dos primeiros serviços urbanísticos no bairro até então conhecido como o lugar dos Educandos. Desta forma, o espaço geográfico do bairro foi sendo modificado e passou a ter nova delimitação em 1901 (130.693 m²) quando o governador da época, Silvério José Nery, manda abrir as seis primeiras ruas do bairro, denominadas de Norte-Sul 1,2 e 3, cortadas pelas Leste-Oeste 1,2 e 3. As ruas Leste-Oeste foram abertas acompanhando os mesmos traçados das ruas de Manaus, obedecendo a um modelo avançado de urbanização (AMAZONAS, 1996).

A abertura das ruas objetivou o assentamento das famílias migrantes que estabeleciam no bairro. Sete anos após serem abertas as ruas receberam os nomes pelas quais são conhecidas até hoje: “Boulevard Sá Peixoto” (faixa marginal do igarapé da Cachoeirinha), “Delcídio Amaral” e “Manoel Urbano” (prolongamentos através do igarapé da Cachoeirinha das Rua Quintino Bocaiúva e Remédios) e “Monsenhor Amâncio de Miranda” e “Inocêncio Araújo” (as 2.^a e 3.^a ruas N.S. de Constantinópolis e Praça Dr. Tavares Bastos, a praça existente no mesmo bairro).

Em 22 de julho de 1907, pelo Decreto nº. 67, o bairro é oficialmente denominado de Constantinópolis⁵. No entanto, foi notório a não identificação dos moradores com o nome oficial, que não prevaleceu frente à vontade popular e ao

⁵ O coronel José da Costa Monteiro Tapajós, superintendente municipal, foi quem sugeriu o nome de Constantinópolis para o bairro como forma de homenagear o governador Antônio Constantino Nery (1904-1907).

amplo conhecimento do lugar a partir de seu nome de origem, Educandos, este então foi consolidado.

Até este período, o bairro continuava circunscrito ao Alto da Bela Vista, com suas seis ruas. O acesso à cidade dava-se apenas por meio das catraias⁶, que “com sol e chuva ainda eram a solução” uma vez que o transporte por terra não atendia a “grande massa insulada no alto da igreja” (AMAZONAS, 1996).

Contando com uma população que totalizava 4 mil pessoas em 1920, o modo de vida no bairro vai sendo impactado com as alterações impostas pela aproximação do progresso trazido pela economia da borracha.

1.1.2 A busca pela integração à cidade

Fazia-se necessário integrar Educandos ao resto da cidade visto que o que estava em jogo era o transporte de mercadorias realizado, estrategicamente, por inúmeras embarcações nesta região. A ausência de um porto para que estas embarcações descarregassem em terra todos os produtos fazia emergir a importante atuação da figura do catraieiro. Referência da época, esta categoria de trabalhadores, predominantemente portugueses, também eram os responsáveis pelo embarque e desembarque de passageiros (ANDRADE, 1985).

Não se tinha nesta forma de transporte, que atuava tanto com a movimentação de produtos quanto de pessoas, a dinamicidade que estas atividades exigiam. Necessitava-se, portanto, implantar no bairro elementos que dessem autonomia, agilidade e fluidez para quem desejasse acessar a cidade. Para tanto, pleiteou-se a construção de uma estrada (a estrada de Constantinópolis, hoje a

⁶ As catraias eram pequenas embarcações cobertas com toldo de lona, tocadas manualmente por um homem conhecido como catraieiro. As embarcações conduziam entre 15 e 20 passageiros sentados, com horários de saída e duração da viagem. (ANDRADE, 1985)

Avenida Leopoldo Peres) e de uma ponte que ligaria Educandos ao bairro da Cachoeirinha, a região da cidade mais adequada para a desejada integração.

Esta negociação contou com a participação fundamental da Sociedade Sportiva e Beneficente de Constantinópolis, fundada em 1927 para defender os interesses da população do bairro. Foi então que em 1928, o governador Ephigênio de Salles inaugurou a ponte que foi batizada com o seu nome. Nos anos 30 de fato Educandos liga-se ao bairro da Cachoeirinha. (AMAZONAS, 1996).

Com o início das atividades do aeroporto de Ponta Pelada e da Escola de iniciação Agrícola do Amazonas (localizada onde funcionou, em 1852, o forte do Vigia), abre-se a estrada João Zany (posteriormente denominada estrada do Paredão) por determinação do então prefeito Alexandre Carvalho Leal.

Ainda com o objetivo de possibilitar maior integração do bairro com outras comunidades, em 1936, na administração de Antônio Botelho Maia, constrói-se um ramal de 1.400 metros que se interliga com a estrada João Zany. Este ramal ligaria por terra Educandos à Colônia Oliveira Machado (1889). Assim, estrada do antigo bairro de Constantinópolis começa a ser ocupada de fato, inclusive por estabelecimentos comerciais.

Em 1929, uma depressão econômica atinge o mundo com a quebra da Bolsa Valores de Nova Iorque. Este fato prejudicou ainda mais a economia regional já abalada pelo declínio da economia da borracha. Localmente, o bairro de Educandos também sofre as consequências negativas desta crise. A Falta de energia elétrica e de água encanada eram os maiores problemas em termos de infra-estrutura enfrentados pela população local.

Vale lembrar que a presença do rio nos limites do bairro remediava substancialmente os problemas de ausência de infra-estrutura. Além disso, cabe

aqui destacarmos que este elemento natural compunha um belo cenário para as memoráveis cenas das lavadeiras, de mulheres buscando água em suas beiradas para os afazeres domésticos, banhos rotineiros como opção de lazer e passeios de canoa até o igarapé do 40. Estas cenas antigas da paisagem e do modo de vida manauense nos permitem afirmar que o rio se constituía em uma verdadeira extensão de suas casas.

No ano de 1939, ano em que eclode a Segunda Guerra Mundial, Educandos passa por um período de letargia econômica, social e urbana, que se estendeu até o final da Guerra, em 1946. No final da década de 30, o bairro conta com 6.009 habitantes, 31 residências térreas, 1.333 mocambos e 3 sobrados (Amazonas, 1996, p. 27).

1.1.3 A segregação disfarçada

Novos moradores começam a se instalar no bairro sob um clima de insatisfação por parte das antigas famílias da localidade. O fato é desencadeado não só pela chegada dos nordestinos, mas também pela vinda das prostitutas do centro da cidade. Os primeiros eram migrantes, os chamados “soldados da borracha”, que vinham para a Amazônia para trabalhar na produção do látex e responder a uma tentativa de reerguer a economia da região. Muitos destes migrantes passaram a residir na estrada de Constantinópolis onde abriram pequenos comércios. As segundas, expulsas do chamado Cabaré Chinelo, foram para o bairro por causa de uma política que tinha por objetivo levar as “damas da noite” para áreas mais afastadas⁷.

⁷ A centralidade que se impôs à cidade de Manaus tentou reduzir as diferenças e produzir um espaço urbano homogêneo. Neste sentido, o embelezamento da cidade, as infra-estruturas construídas culminavam na retirada dos pobres do alcance da visão. (OLIVEIRA, 2001)

A partir da imposição desta dinâmica de ocupação, o bairro de Educandos veio a tornar-se um dos bairros mais populares⁸ da cidade de Manaus juntamente com o bairro de São Raimundo (1849) e o bairro da Colônia Oliveira Machado (1989). A configuração sócio-espacial somada à forte presença do rio e de igarapés, podem ser consideradas, até hoje, como as principais características destes bairros.

Por outro lado, tanto o rio quanto os igarapés se transformaram em uma espécie de fronteira que delimitava o espaço entre a cidade do fausto e os espaços dos “vencidos”. É neste contexto que a segregação apresenta seu caráter de luta, ou melhor, de luta de classes, uma vez que fica evidente não só a existência de vitoriosos e derrotados, mas também se evidencia a atuação do espaço como mecanismo da exclusão, como bem salienta Villaça (2001).

No bairro de Educandos a representatividade destas situações vieram à tona inúmeras vezes por meio da imprensa. Nos jornais da época (1946) publicavam-se notas que manifestavam a preocupação com o avanço das acomodações precárias nas margens do rio e igarapés, levantando pesadas críticas ao governo pela falta de construção de moradias dignas para a população desprotegida.

As matérias bem descreviam o tipo de estrutura e crescimento das formas espaciais no bairro:

Aquelas barracas em fila indiana vão serpenteando a estrada, passam pela Baixa da Égua e vão dar num botequim esverdeado chamado Favela. Nesse local, param as barracas em fila e para baixo, na beira do rio e na margem do igarapé, umas fazendo verdadeiros prodígios de malabarismo, trepadas lá no alto, em suas estacas podres [...] Barracas feitas de tábuas velhas, de palha e de lata, ali poderia localizar o nosso Morro da Favela [...] Homens, mulheres e crianças do Brasil nasceram, viveram e vão morrer ali. É o destino de gente humilde e boa. O interessante é que eles nunca desesperam. São sempre sorridentes e amáveis para o visitante da cidade. Carregam água ladeira acima, ladeira abaixo, e não escorregam na lama

⁸ Segundo Villaça (2001, p. 227), os bairros residenciais populares das grandes cidades brasileiras se caracterizavam quanto ao seu processo de formação em dois tipos: os centrais, comuns na segunda metade do século XIX, e os periféricos, que começaram a surgir no início do século XX em decorrência da expulsão das classes populares do centro. Neste processo de formação ocorria, necessariamente, que as camadas de baixa renda ocupavam parcelas do espaço urbano desprezadas pelas de mais alta renda.

traíçoira [...] Aqueles girais altíssimos de entrada complicada têm um belíssimo panorama para as águas tranqüilas do rio. Os capitalistas não se importam e o governo nada diz a respeito (O Jornal apud AMAZONAS, 1996, p. 32-3)

Esta narrativa expressa claramente a temporalidade hegemônica que se instaurava na cidade, uma temporalidade que já tendia à negação dos espaços construídos à beira-rio.

O bairro só viria a passar por um intenso processo de urbanização na década de 50. Ruas foram abertas, outras alargadas, há o melhoramento dos serviços de fornecimento de água e energia elétrica e o transporte coletivo passa a ser uma realidade com o funcionamento da Sociedade de Economia Mista Transportamazon.

Na gestão do prefeito Jorge Teixeira de Oliveira (1974-1978) novas obras urbanísticas são realizadas. Constrói-se a ponte que liga Educandos ao centro da cidade, inaugurada no dia 18 de novembro de 1975. Nesta mesma época ocorre a remoção dos barracos construídos na encosta do barranco “Baixa da Égua”, onde somente em 2 de fevereiro de 1996 se efetivou o Projeto do Amarelinho.

Com a ponte que ligou o bairro ao centro de Manaus, Educandos passa a caracterizar-se como um bairro de passagem. A ocupação dos seus espaços públicos, que vinha se processando paulatinamente para atender às necessidades emergentes e podendo contemplar as áreas menos nobres, se intensificou desordenadamente e confinou uns e outros a espaços cada vez mais limitados.

Atualmente a referência do bairro é o centro comercial da Avenida Leopoldo Peres, *locus* financeiro e econômico. Segundo o último senso do IBGE, o bairro apresenta uma população de 15.995 habitantes (IBGE, 2000) e pertence à Unidade de Desenvolvimento Humano (IDH) – 1.5, juntamente com a Colônia Oliveira Machado.

1.2 A BEIRA-RIO DE EDUCANDOS

A beira-rio de Educandos enquanto um fragmento urbano articulado à totalidade da cidade de Manaus, expõe uma dinâmica que reflete inúmeras formas de relação da cidade com o rio, demonstra ainda, dentro dessa perspectiva, um modo de viver na/da cidade que em sua singularidade, é múltiplo, uma vez que nossas considerações referem-se tanto as formas de relação existentes no presente entre a cidade e o rio no espaço analisado, como também à sucessão de contextos históricos e a respectiva sucessão de diversas formas de uso do tempo e do espaço nesta parte de orla fluvial.

O bairro de Educandos está emoldurado em toda sua extensão pelas águas do rio Negro. Seu perímetro inicia no Rio Negro com o igarapé do Educandos; deste último até o igarapé do 40; vai até a avenida Leopoldo Peres e segue para a avenida Presidente Kennedy; em linha reta, no sentido Norte/Sul até a nascente do igarapé da Colônia Oliveira Machado; voltando ao Rio Negro até o igarapé do Educandos (FIGURA 2).



Figura 2 – Imagem de satélite do limites do bairro de Educandos
Fonte: Atlas Municipal de Desenvolvimento Humano – IDH, 2006.

A ocupação dos espaços da orla fluvial da cidade em direção ao bairro de Educandos pode ter se iniciado, segundo Bechman (2003), com as obras da construção do Porto de Manaus⁹. Para o autor, a movimentação gerada em torno deste acontecimento impulsionou o deslocamento destas e de outras atividades para as regiões localizadas ao longo da orla, obedecendo à lógica da proximidade com local de trabalho dos moradores destas áreas.

O crescimento do bairro acompanhou o ritmo intenso e desordenado da cidade. As construções tanto em terra quando às margem do rio se intensificaram com funcionamento da Feira Livre da Panair e com a implantação do modelo Zona Franca a partir de 1967, quando os limites da cidade foram modificados significativamente. (BECHMAN, 2003)

Pode-se dizer que as intensas transformações sofridas pela cidade a partir da criação da Zona Franca não foram acompanhadas por uma política de controle ambiental compatível com o crescimento urbano. Assim, a cidade acumulou um passivo ambiental¹⁰ de iguais proporções, o que provocou a redução da qualidade de vida da maior parte da população, com reflexos diretos nas condições de saúde, higiene e moradia, principalmente nas áreas ambientalmente frágeis localizadas nas beiras de rio e igarapés que passaram a ser intensamente ocupadas.

⁹ A construção do Porto de Manaus ou *Roadway* se deu no início do século XX. Obra da engenharia inglesa, sua estrutura era composta por uma ponte flutuante e forma de T, armazéns, guindastes e outros elementos, todos de ferro. (LOUREIRO, 1986; OTONI, 2006)

¹⁰ Uma das definições para os passivos ambientais é dada por Ribeiro (1998:57-70). Segundo o autor, os passivos ambientais devem ser constituídos pela expectativa de benefícios futuros impostos por legislações e regulamentações ambientais, como taxas contribuições, multas e penalidade por infrações legais e, ainda em decorrência de ressarcimento a terceiros por danos provocados, estimativas de gastos para recuperação e restauração de áreas degradadas seja por iniciativa própria, seja exigida por lei ou terceiros. Enfim todos os compromissos que impliquem o provável consumo de recursos futuros para fazer face às obrigações decorrentes de questões ambientais. Outra definição é dada pelo Instituto Brasileiro de Contadores (apud Silva, 2003): passivo ambiental pode ser conceituado como toda a agressão que se praticou/pratica contra o Meio Ambiente e consiste no valor dos investimentos necessários para reabilitá-lo, bem como multas e indenizações em potencial (IBRACON, s.d., p. 4-5).

Entretanto, a ocupação que se consolidou neste local, considerado um ponto estratégico da orla fluvial¹¹ de Manaus expõe os sinais de resistência, as permanências e as rupturas do que consideramos ser a face ribeirinha da cidade. A análise que propomos abarca tanto os aspectos objetivos, ligados às imagens, à aparência, à forma, como também os subjetivos que orientam a relação das pessoas com o lugar, aqueles que estão para além da aparência e que ressaltam a interação homem/meio, cujo âmbito é o vivido, a relação prático-sensível que permeia o cotidiano.

Trataremos inicialmente da primeira abordagem, ou seja, apresentamos a beira-rio de Educandos, objeto de estudo deste trabalho, descrevendo e caracterizando o local levando em consideração aspectos como tipologia e crescimento. É importante ressaltarmos que por trás desta prática dita “convencional” reside o fato de querermos compreender as fronteiras da existência humana condensadas neste espaço, de querermos ler o espaço e expressá-lo em seus significados.

Chegamos, portanto, ao espaço em questão.

1.3 O AMBIENTE PESQUISADO: ASPECTOS DE SUA CONFIGURAÇÃO ESPACIAL

Nosso objeto de estudo encontra-se localizado à margem esquerda do rio Negro entre o calçadão do “Amarelinho” e a Feira da Panair, um trecho da orla portuária do bairro de Educandos oficialmente denominado de Avenida Beira Mar, conforme indicação da figuras 3.

¹¹ A orla de Educandos é uma área tradicionalmente utilizada em atividades portuárias. Há um grande movimento de embarcações neste local. A vocação do local como um centro logístico estratégico na cidade de Manaus, para movimentação, distribuição e comercialização de cargas já está consolidada, conforme se constata com o início do Projeto da construção do Terminal Pesqueiro da cidade naquela área.



Figura 3 – Imagem de Satélite - Recorte espacial da área estudada. Trecho Percorrido: final do Amarelinho até à Feira da Panair, Avenida Beira Mar
 Fonte: Instituto de Proteção Ambiental do Estado do Amazonas - IPAAM, 2005.
 Escala 1:2000.

O primeiro contato com o campo provocou uma turbulência de impressões sobre o que objetivamente se apresentava na paisagem, o que de imediato pode ser classificado como um quadro de desigualdade social e precariedade.



Figura 4 – As palafitas da beira-rio de no período da vazante do rio Negro – a área pesquisada
 Foto: Helen Oliveira, out. 2005.

A área, objeto de nosso estudo, apresenta um grande percentual de palafitas, habitações levantadas sobre estacas de tamanhos variados, obedecendo ao declive do terreno para dar certo equilíbrio à construção (FIGURA 4). Este fragmento de beira de rio, que se mantém alicerçado em um conjunto de formas e conteúdos tipicamente regionais ligados à importância do rio para a cidade, há anos compõe parte do cenário da orla fluvial da cidade. Entretanto, a perspectiva urbanística¹² instalada em Manaus ignora-os e os deixada à margem das políticas públicas urbanas.

De modo geral, a paisagem exhibe um cenário de zonas altas e baixas, bem definido hierarquicamente. No topo da encosta verificamos as residências edificadas em alvenaria, teoricamente mais seguras do que as palafitas da base da encosta se levarmos em consideração o melhor padrão de construção e infra-estrutura (FIGURAS 5 e 6).



Figura 5 e 6: As palafitas e as moradias de melhor padrão de construção no alto da encosta
Foto: Helen Oliveira, out. de 2005; jan. de 2007.

¹² A perspectiva da urbanização instalada na cidade de Manaus foi caracterizada a partir das observações de Seixas (2004) em pelo menos em dois aspectos fenomenologicamente mais relevantes. Por um lado, uma desconfortável vivência com o rio, que faz com que a cidade se construa de costas para o rio e que os braços de rio ("igarapés") que por ela entram sejam primeiro desvalorizados, depois interstícios votados a serem ocupados pelos "marginais" da cabloclização urbana, e, finalmente, aterrados. A esta desconfortável vivência com o rio junta-se uma também desconfortável vivência com a floresta, lugar em que aos medos naturais se juntam os medos humanos. A cidade-da-selva, para além dos seus pequenos jardins públicos, poucas árvores tem e cada vez que se dá uma "invasão" ou que surge uma "urbanização", a queimada total da zona é o padrão sem exceções.

Diferentemente das palafitas, estas residências em alvenaria possuem uma característica marcante, as chamadas “janelas para o rio”, um padrão de construção que também pode ser observado em outros pontos de encostas de beira de rio da cidade¹³.

Por ser uma área localizada às margens do rio o assentamento está sujeito aos fenômenos da natureza típicos de nossa região, a seca e as cheias do rio. No período da seca tivemos a oportunidade de observar, caminhar e registrar o lugar de ângulos significativos. A paisagem nesta época abre um novo caminho de passagem para moradores e não moradores.



Figura 7 – A intensa ocupação da área mais próxima à Panair
Fotos: Helen Oliveira, jan. de 2007.

Aproximando-nos do setor onde se concentra um maior número de palafitas, aqui retratado pela figura 7, percebemos a dimensão do crescimento do número de construções na área. Os espaços por entre as casas são extremamente estreitos e tortuosos; as estruturas improvisadas que dão acesso às casas impõem cautela, mesmo para aqueles que moram no lugar.

¹³ Sobre a identificação destas características em moradias erguidas em outros pontos de encostas de beira de rio, ver BECHMAN, M.J. (2001); GUGLIELMINI, L.A. (2004).

Nos primeiros dias quando já se pode observar a faixa de terra, o lixo, que antes pouco se via, agora vem à tona. Os resíduos aparecem em toda parte, mas principalmente acumulados debaixo das palafitas. A situação obriga que a prefeitura organize todos os anos um mutirão para a limpeza na área. Nestes mutirões, toneladas de entulhos de toda a natureza são retirados desta faixa da orla, como podemos observar pelas imagens das figuras 8 e 9:



Figuras 8 e 9 – O lixo acumulado debaixo das palafitas e espalhado ao longo das orla
Fotos: Helen Oliveira, set. de 2005.

Testemunhamos dois cenários para orla portuária de Educandos, um, logo que o rio seca quando a faixa de praia ainda está tomada pelo lixo, outro, quando este quadro é suavizado por meio da limpeza realizada pelo serviço público (FIGURAS 10 e 11).



Figuras 10 e 11 – O processo de limpeza da orla portuária de Educandos sendo finalizado
Fotos: Helen Oliveira, out. de 2005.

Na enchente a paisagem da beira-rio sofre outra metamorfose, o lugar parece ganhar outro ritmo, outro movimento, o movimento das águas, dos barcos, das canoas. Foi em meio a estes momentos que observamos o cotidiano de resistências e de superação dos ribeirinhos.

As habitações inundadas (Figura 12) nos chamam a atenção, muitas acabam tendo seus cômodos parcial ou totalmente submersos. Esta situação obriga àqueles que tiveram sua casa afetada a se mudarem para outras moradias antecipadamente à subida das águas. Normalmente, quem se muda acaba tendo que pagar aluguel durante o tempo em que a situação se mantém.



Figura 12 – A paisagem da beira-rio na cheia
Foto: Helen Oliveira, jul. de 2006.

Pode-se se observar também que o fenômeno intensifica o movimento de grandes e pequenas embarcações, umas transportando mercadorias, como o pescado, por exemplo; outras, levando e trazendo pessoas e também mercadorias. Neste período as canoas e as pequenas lanchas com toldos tornam o ir e vir de moradores e não moradores bem mais rápido e prático.

A convivência com esta outra dinâmica já faz parte do lugar experienciado pelos moradores, é o momento em que a apropriação e o uso do lugar interagem com a modificação da paisagem provocada tanto pela vazante, durante os meses de agosto a novembro, quanto pela cheia do Negro, nos meses de dezembro a julho.

Adentrando no trecho de maior ocupação da beira-rio pudemos identificar e qualificar de forma mais precisa os aspectos ligados à tipologia e ao crescimento da área assentada. A figura 13 exhibe a imagem de um dos estreitos corredores que tivemos que percorrer para acessarmos a residência da mais antiga moradora da beira-rio.



Figura 13 – Espaços estreitos e precários possibilitam o acesso às casas
Foto: Jakeline de Souza. Jan. de 2007

Devido à grande quantidade de casas, estreitos e precários corredores de madeira, uma espécie de acesso semi-público interno, são os meios que possibilitam o ir e vir de moradores e não-moradores. De modo geral, é a partir desta precária estrutura que as moradias vão se interligando, de modo que onde termina o espaço de uma imediatamente começa o de outra. E, assim, as habitações estão ligadas uma a uma, tanto horizontal como verticalmente.



Figura 14 – As instalações simples e improvisada de uma moradia
Foto: Helen Oliveira, jan. de 2007.

A imagem da figura 14 foi registrada do interior de um cômodo de uma outra moradia (cozinha). Logo em seguida, ao fundo, se observa uma outra casa e até mesmo uma escada que dá acesso à próxima. Verificamos a existência de uma pequena área de uso comum entre as casas, destinada aos serviços cotidianos como lavar roupa, tratar do peixe, etc.. Vale ressaltar que esta pequena estrutura, uma espécie de extensão de ambas as casa, não é comum de se vê nas demais palafitas, isto se deve ao fato de que as casas pertencerem a pessoas de uma mesma família.

O crescimento de áreas de palafitas, segundo Del Rio, em geral, segue as “linhas de crescimento” das vias em áreas firmes e a associação entre as unidades se dá primeiramente lado a lado para só então acontecer nos “fundos” das unidades, gerando a estrutura básica dos “quarteirões”. Sobre a alta densidade, o autor afirma que ela é gerada por duas razões básicas, além dos valores diferenciais do solo: dificuldade de apropriar área muito maior que a unidade em si nestas áreas e economia e facilidades proporcionadas com associação direta parede/parede (DEL RIO, 1990, p. 132).

Ao que tudo indica, o crescimento da área assentada realmente se deu, primeiramente, ao longo da margem do rio, para logo após, continuar linear em direção a água. O prolongamento das moradias em direção ao rio não se estendeu muito, pois os próprios moradores estabeleceram um limite para que a via de acesso não se tornasse muito longa. Esta constatação deve ao fato de termos verificado muitas ocupações construídas nos fundos, atrás das unidades da primeira linha, adensando a área e fazendo o máximo uso do pouco acesso que existe nesta parte, como nos mostra a figura 15:



Figura 15 – O restrito espaço para transitar por trás das moradias
Foto: Jakeline de Souza, jan. de 2007.

A característica alongada das vias de acesso às palafitas também aponta para o problema dos desmoronamentos do barranco. Acontece, que a medida que ocorriam os deslizamentos de terra e, conseqüentemente, a destruição das moradias próximas à margem, os moradores eram levados a reconstruir suas casas cada vez mais à frente. Atualmente, os desmoronamentos do barranco se tornam mais recorrentes dadas a grande quantidade de chuva na cidade, a ausência de vegetação na encosta e aos resíduos sólidos que se acumulam na encosta.

Registramos o rastro de destruição deixado por um deslizamento que ocorrera dois dias antes à nossa visita (FIGURAS 16 e 17). Não houve caso de vítimas, entretanto, podemos constatar e registrar a dimensão dos danos que, tanto foram de ordem material, como de fundo emocional: três casas destruídas e uma parcialmente danificada; entulhos; reclamações; preocupação; improvisação. Os inúmeros acontecimentos desta natureza intensificaram na população um estado de

tensão que aparece nos momentos em são questionados sobre os problemas do lugar¹⁴.



Figura 16 e 17 – Vista do barranco e de uma moradia da base da encosta após um deslizamento de terras

Foto: Jakeline de Souza, jan. de 2007.

Embora o cenário espacial apresentado até agora seja o predominante, na outra extremidade da área a paisagem se apresenta, surpreendentemente, com uma outra organização, logo percebida a partir do menor número de moradias construídas.

O confronto com situações bem diferenciadas entre o setor mais próximo da feira da Panair e o outro próximo ao Amarelinho despertou ainda mais nosso interesse pelo lugar. A complexidade desse ambiente nos instigou a orientar a pesquisa para uma análise que, como já dissemos, reconhece não só a importância dos sujeitos, suas práticas sociais e sua capacidade criativa (Lefebvre, 1983), mas também suas emoções e seus medos (Tuan, 1980). É assim que buscamos uma diferente interpretação para o que está materializado na paisagem¹⁵. Esta

¹⁴ Estes aspectos serão aprofundados no capítulo III.

¹⁵ De acordo com Seabra (2004) é necessário ir para além de nossas percepções imediatas, da paisagem que se mostra aos nossos sentidos. Entender essa lógica é compreender que a metrópole, em sua materialidade, é composta por justaposições sucessivas de tempos sociais, de modo que tais justaposições refletem a convergência de diversas lógicas contraditórias entre si.

interpretação abarca o espaço da vida cotidiana – um espaço que ora é concreto, ora é pura subjetividade.

Vejamos a imagem da outra extremidade da Avenida Beira Mar, área mais próxima ao “Amarelinho”.



Figura 18 – Imagem da área próxima ao “Amarelinho”
Foto: Helen Oliveira, jan. de 2007.

Estávamos diante de um espaço com mais cor, me arrisco a dizer até mesmo mais familiar uma vez que sua configuração espacial nos lembra as áreas ribeirinhas que emolduram o grandioso cenário amazônico de nossas beiradas de rio. No entorno das residências se vê cá e lá o verde quebrando a monotonia da paisagem (FIGURA 18).



Figura 19 – Espaço mantido por trás das moradias
Foto: Helen Oliveira, jan. de 2007.

A imagem da figura 19 nos mostra que a linha da margem do rio nesta parte da orla ainda se mantém preservada, e a expansão das construções a partir dela, ao que nos parece, foi controlada. Estes pequenos espaços são apropriados e usados como quintais.



Figura 20 e 21 – O detalhe da existência de pequenos jardins nas extensões das casas
Fotos: Helen Oliveira, jan. de 2007.

Os estreitos corredores de madeira, como podemos observar pelas figuras 20 e 21, agora não mais se apresentam como articuladores ou meio de passagem para outras moradias, pelo contrário, eles aparecem como uma extensão da casa por onde se entra e sai sem maiores dificuldades, além disso nestes locais se tem a

possibilidade de se manter, bem cuidados, pequenos jardins com uma variedades de plantas decorativas, medicinais e até mesmo com umas poucas hortaliças.

Estas particularidades passam despercebidas ao olhar do observador distante. Entretanto, ressaltamos aqui sua importância, pois mostram que apesar das dificuldades o lugar toma forma nos pensamentos e sentimentos de seus moradores uma vez que estes produzem esforços para que a beira-rio guarde as características de uma ruralidade, em meio à uniformidade estereotipada de pobreza e marginalidade.

As condições estruturais internas das moradias também apresentam um melhor padrão em relação à área anteriormente apresentada. As casas são maiores e os espaços são bem identificados e individualizados (FIGURA 22).

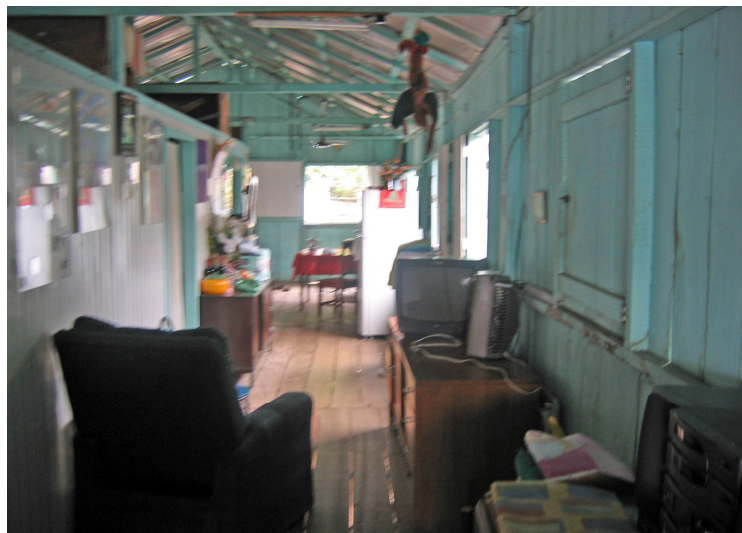


Figura 22 – A organização interna de uma outra residência do setor B
Foto: Helen Oliveira, jan. 2007.

A caracterização interna desta habitação identifica também o melhor *status* econômico de seus moradores. Os objetos e acessórios domésticos dominam todos os espaços da casa e se multiplicam, misturando o útil funcional e o decorativo.

Um ponto deve ser ressaltado acerca de nossas observações, o de que independentemente do lado em se mora, se do lado mais adensado ou do menos adensado, a propriedade da casa para os homens e mulheres da beira-rio entra no rol das necessidades básicas do ser humano. Para eles, demarcar um espaço próprio para, a partir dele, estruturar o pertencimento significa e traduz a materialização do sonho da casa própria e da proteção da família, negados pela precariedade e instabilidade das políticas públicas. Isso se traduz bem nos números que envolvem a questão da propriedade das moradias. Veja o gráfico:

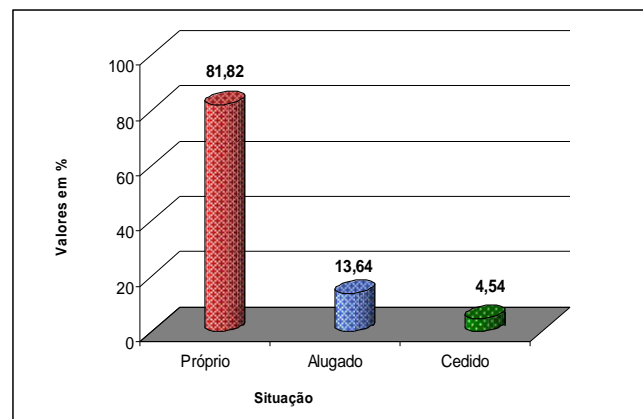


Gráfico 1 – Situação dos Domicílios

Das 22 residências pesquisadas, 81,82% delas são próprias; 13,64% são alugadas e 4,54% são casas e/ou cômodos cedidos (GRÁFICO 1). Esta última categoria, casa “cedida”, aparece de forma tênue na configuração dos resultados. Ela representa um sinal na direção das relações sociais de solidariedade presente entre os moradores, fundada nas relações de parentesco.

Sobre os domicílios alugados é importante trazer à tona que o preço pago por aluguel nestas áreas é dado em função do material utilizado na construção das casas e da infra-estrutura do lugar. O baixo custo do aluguel e a acessibilidade ao comércio, feiras, postos de saúde, etc. são fatores que contam na hora da decisão.

Além disso, se paga um preço relativamente baixo por um cômodo nas estâncias da Avenida beira Mar, normalmente entre R\$ 100 e R\$ 150 ao mês.



Figura 23 – Uma das estâncias da beira-rio
Foto: Helen Oliveira, jan. de 2007.

As estâncias (Figura 23) acabam servindo de abrigo para uma parcela pobre da população que periodicamente necessita vir à capital do Amazonas. Na cidade, sem ter para onde ir, alugam pequenos e precários cômodos no local. Por fim, acerca dos domicílios próprios o resultado da investigação reafirma que o emprego do termo “casa própria” não é realizado apenas em sua expressão consensual e dominante enquanto dimensão material, objetiva ou mercadológica. Assim, seu conceito se expande, de modo que sem ela, o homem seria um ser disperso.

CAPITULO II

MANAUS: PERMANÊNCIAS E RUPTURAS NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Tantas coisas foram destruídas, coisas cuja dimensão de perda é irreparável, pois são referências retidas na memória e construtoras de nossos sonhos.

(José Aldemir de Oliveira)

2.1 UM BREVE HISTÓRICO DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Após a caracterização do ambiente pesquisado se faz necessário construirmos um histórico da apropriação do espaço na cidade de Manaus, levantando no mesmo, as modificações impostas ao longo dos diversos processos históricos pelos quais a cidade atravessou. Nesse sentido, tentamos construir uma análise capaz de nos fornecer as informações necessárias para que conheçamos os contextos de vida urbana que diretamente ou indiretamente influenciaram o uso e a ocupação dos espaços à beira-rio.

O núcleo explicativo deste processo histórico, ou seja a relação homem e natureza, pode ser verificado a partir da noção de formação econômico-social, esta noção, segundo Martins (1995, p.15), “já carrega consigo [...] o intuito de datação das relações sociais, a indicação que as relações sociais não são uniformes nem têm a mesma idade”.

Assim sendo, o fato de existirem múltiplas temporalidades no espaço urbano nos aponta para a necessidade de analisarmos a cidade a partir das coexistências e simultaneidades presentes no urbano, ou seja, de “padrões”, de maneiras de viver a vida urbana, de modos e vida, de formas de uso do tempo diferentes uma das outras (LEFEBVRE, 2001).

Nossas considerações acerca da leitura histórica da produção do espaço urbano em Manaus, estão centradas no ano de 1948, quando a vila foi promovida a cidade, passando a denominar-se cidade da Barra do Rio Negro e, logo depois, em 5 de setembro de 1850 foi elevada à categoria de província¹⁶. Esta periodização justifica-se a partir da constatação de que foi ao longo deste período que começa a exibir uma certa aparência ostensiva de urbanismo¹⁷.

Era um período em que inúmeros viajantes, atraídos pelas mudanças significativas na história da cidade, passavam por Manaus e se debruçavam em investigar e observar a cidade sob seus aspectos morfológicos, culturais, políticos e econômicos. O primeiro registro que se tem sobre a cidade é o do inglês Alfred Russel Wallace¹⁸, em que este bem descreve as características morfológicas da cidade no ano de 1849:

A cidade da Barra-do-Rio-Negro está situada na margem leste daquele rio, cerca de doze milhas da junção com o Amazonas. Está localizada em um terreno desigual repleto de ondulações, cerca de 30 pés acima do nível das mais altas cheias, e é cortada por dois córregos, cujas águas, na estação chuvosa, atingem a considerável altura, havendo, porém, sobre eles duas pontes de madeira. As ruas são regularmente traçadas, mas não têm, no entanto, nenhum calçamento, sendo muito onduladas e cheias de buracos, o que torna a caminhada sobre seus leitos muito desagradável, principalmente à noite. As casas geralmente só tem um pavimento; são cobertas de telha vermelha e assoalhadas com tijolos, têm paredes pintadas de branco ou de amarelo; e as portas e janelas pintadas de verde. Quando o sol bate sobre elas, o efeito é muito bonito.

Destacam-se também os registros dos oficiais da Marinha americana, William Herndon e Ladner Gibson (1991, p. 339),

¹⁶ Apesar de o Amazonas ter sido elevado à categoria de província desde setembro de 1850, a instalação de fato só ocorreu em 1º de janeiro de 1852, com a chegada na Barra do primeiro presidente João Batista Tenreiro Aranha (MESQUITA, 2006, p. 30).

¹⁷ Foi na época da província que, os presidentes preocupados com os problemas urbanísticos, iniciaram os aterros dos igarapés, construíram pontes de madeira, edificaram, alargaram, calçaram ruas, abriram praças, dotaram a cidade de luz e água encanada. Instaura-se de fato a mudança e deflagram-se ações que vão de encontro à tradição da população local, predominantemente indígena. A dinâmica rural é substituída pela urbana (MONTEIRO, 1994).

¹⁸ WALLACE, Alfred Russel *apud* MONTEIRO, Mário Ypiranga (1994, p. 60).

as casas eram geralmente baixas, mas havia três ou quatro de dois andares. Eram de madeira e taipa, cobertas com telhas e ladrilhadas e as paredes eram rebocadas com terras coloridas que eram abundantes nas margens dos rios da região.

Em uma outra narrativa, o médico alemão Robert Avé-Lallemant, dizia que a localização privilegiada da cidade de Manaus se contrastava com seu aspecto urbano. As ruas foram descritas como “meros lanço, términos, esquinas e interrupções” que subiam e desciam por toda a parte. As casas estavam distribuídas tanto pelo outeiro quanto pela beira do rio e, foram denominadas como “primitivas casas tapuia de barro” quando comparadas aos sólidos edifícios europeus. (AVÉ-LALLEMANT *apud* MESQUITA, 2006, p.35-6)

Ao entrar no século XX, quando a cidade torna-se a capital mundial da borracha, o poder do capital consolida a demolição da antiga aldeia e da velha cidade colonial, é quando Manaus se projeta para o mundo com uma imagem moderna e civilizada (DIAS, 1999).

O remodelamento do centro de Manaus por meio de serviços de saneamento, luz à nafta (depois elétrica), água encanada, alinhamento de ruas, arborização, etc. que iniciou em 1870 e foi acelerado, a partir de 1880 valorizaram esse espaço enquanto investimento para o capital imobiliário.

Com esse intuito ignorou-se a acidentada topografia do lugar: igarapés foram aterrados, colinas niveladas, artérias, calçadas e edifícios foram construídos em moldes europeus, mas nem sempre adaptáveis ao clima tropical. Se por um lado, melhoram as condições de comunicação, higiene, transporte; por outro interferia-se na geografia, modificava-se o clima e impunham-se costumes, ignorando as tradições culturais locais. (MESQUITA, 2006, p. 145)

À medida que a morfologia espacial da cidade de Manaus se transforma, o sentido dos lugares e os modos de uso revelam uma nova relação espaço-tempo. A preservação do natural e o seu sentido social e até cultural vão sendo ignorados. Os

igarapés, que faziam parte da vida da população passam a ser aterrados e a dar lugar a uma nova avenida ou o alargamento de uma antiga viela.

Esta nova dinâmica imposta pelo capital vai fazer com que “importantes aspectos da paisagem social amazonense” pouco a pouco desapareçam. Hábitos como os da lavagem de roupa às margens do rio e dos igarapés e dos banhos diários da população nestes cursos d’água. A mudança nos hábitos, nos valores e, em particular, na paisagem da cidade traziam conseqüências claramente perceptíveis, como bem evidenciou à época o médico Hermenegildo Campos:

Todos os moradores antigos de Manaus sentem que atualmente há mais calor que outrora. As matas próximas à cidade foram destruídas, e vão recuando na razão direta do aumento das habitações; os igarapés que não foram aterrados diminuiram muito de volume, depois que foram cortadas as árvores que os ensombravam. Nestes anos (1897 a 1898) as escavações tornaram-se um delírio; eram feitas em todos os lugares e ao mesmo tempo; cavava-se, aterrava-se depois alguns lugares escavados; escava-se o mesmo lugar, etc.

Para Oliveira (1998, p. 235) a estrutura espacial de Manaus (forte, povoado, vila, cidade) foi determinada por políticas que produziram espaços e tempos diferentes dos até então vividos pelas populações preexistentes, os quais passaram a ser vistos com novos valores e novas funções. Espaços e tempos foram produzidos pela atuação do Estado para a expansão de novas formas de relações sociais de produção.

Assim, para atender às necessidades do comércio, ao longo de décadas priorizou-se a valorização de vias principais da cidade, ruas que também se transformaram em pontos de encontros preferidos dos comerciantes extrativistas. Em sua breve passagem pela então Manaós, no ano de 1903, Koch-Grünberg¹⁹ descreve inúmeros aspectos que constituíam a vida social, econômica e cultural da

¹⁹ KOCH-GRÜNBERG, Theodor. Dois anos entre os indígenas: viagens ao noroeste do Brasil (1903-1905). Manaus: EDUA/FSDB, 2005.

população local. Entre outros fatos, o pesquisador narra às cenas dos animados momentos de recreação entre os endinheirados freqüentadores do que se tornara a principal Avenida da cidade, a “Avenida Eduardo Ribeiro”:

Na rua principal de Manaós, que é a bela e larga “Avenida Eduardo Ribeiro”, a sociedade encontra-se diariamente. Depois do pôr-do-sol, a gente se encontra aqui junto das pequenas mesinhas redondas, para tomar um “chopp” bem gelado, um “whisky com soda” ou uma limonada mais suave. Conversam, fazem barulho, fecham negócios, falam da política, especialmente os senhores mais idosos. Fazem um joguinho, bilhar, xadrez, dados, e ainda encontram tempo para criticar as elegantes damas do mundo e do submundo, que passeiam para serem vistas entre as mesas colocadas nos largos passeios (p. 29).

A influência desta classe social que enriquecera com comércio foi decisiva no processo de transformação do espaço urbano. O Estado, em atendimento à elite local, promove a modernização das áreas de interesse dessa parcela da sociedade. O pouco que existia da arquitetura colonial e as velhas casas de palha e de barro foram sendo substituídas pela construção de grandes palacetes e sobrados. Leandro Tocantins (2000, p. 233) bem ilustra esta situação:

Manaus está assim, cheia de palacetes, além de casas assolaradas, todas com porão, seguindo o academicismo francês já denominado, porém, pelo estilo *art nouveau*. Boas e vistosas construções, socialmente um grau abaixo dos palacetes, casas, vivendas, bastantes numerosas, possuem frontispícios somente trabalhados no cenário frontal. Uma simbiose de concepções portuguesas de arquitetura e de estilos franceses.

Portanto, o centro da cidade foi a principal área de investimento entre as décadas de 1890 e 1910. Sua valorização se deu por fatores conhecidos como transporte, arruamento e pavimentação, iluminação pública, água encanada esgotos e serviços urbanos.

A implantação de serviços urbanísticos no centro da cidade, somados ao fator localização (proximidade com o local de trabalho) atraía também para esta área a classe trabalhadora, população menos favorecida que, além de pagar para morar

nas áreas centrais, era submetida à péssimas condições de habitabilidade. Moravam em vilas, cortiços, hospedarias, porões e casebres, habitações disfarçadas por belas fachadas, assépticas do ponto de vista externo. A exceção dos casebres, as demais opções guardavam em comum o fato de serem exploradas pelo mercado imobiliário.

De modo geral nas duas maiores cidades da Amazônia, Manaus e Belém, o processo de elitização do espaço urbano, conforme enfatiza Trindade jr. (1997), acontece simultaneamente com o expurgo destes setores populares das áreas próximas ao centro para áreas mais distantes, sendo isso viabilizado por políticas de saneamento, abertura e pavimentação de ruas.

Oliveira (2003, p. 72-73) admite que em Manaus, como no resto da Amazônia, não se construiu um Estado baseado nos princípios universais, ou seja, num sistema de leis válido para todos. Como isso não ocorreu, ficou estabelecida a violência [...] o papel do Estado na produção do espaço urbano não se dá na perspectiva da mediação, mas da defesa de interesses que se colocam claramente contrários aos das populações locais.

Potanto, para o autor, a produção e reprodução destas espacialidades nas últimas décadas do século XIX e em todo o século XX consistem-se em dinâmicas que possibilitam tão somente a expansão do capitalismo uma vez que a priorizam a inserção da cidade em uma escala global. E é para atender às regras deste sistema que os mecanismos de controle do espaço urbano atuam de modo a tornar a cidade fragmentada, homogeneizada e/ou diferenciada e hierarquizada

Esta forma desigual e contraditória em que o espaço foi se construindo na cidade de Manaus está duramente exposto na paisagem do ambiente urbano. Verifica-se que a desigualdade espacial é produto da desigualdade social e isso esta

na base de uma sociedade que segregadora que impõe diferenciadas possibilidades de acesso aos serviços urbanos, ao trabalho e a habitação²⁰.

Em se tratando dos espaços habitados pela parcela pobre da população, normalmente áreas ambientalmente frágeis, vale ressaltar que há muito tempo o governo abdicou de qualquer iniciativa séria para combater a questão e/ou remediar a dita marginalidade urbana. O que se repete é a idéia do Estado intervencionista, que transforma o espaço urbano em nome do progresso, do embelezamento e até da justiça social para os pobres, redesenhando as fronteiras espaciais. A questão central é pouca atenção se dá às verdadeiras estratégias de sobrevivência dos pobres urbanos uma vez que se impõe o deslocamento desta parcela da população para áreas distantes da cidade para se tirar de vista os problemas.

A realidade do processo de urbanização nos demonstra que apesar da experiência adquirida, continua-se a utilizar modelos e conceitos já testados em situações diferentes, até porque as mesmas formas urbanas acabam de uma maneira ou de outra, por produzir resultados idênticos. A exemplo disso podemos citar os projetos de requalificação urbana.

A remoção e a reinstalação de aglomerados ainda se constituem em estratégias para que se atinja objetivos de melhoria da qualidade de vida da população a ser removida²¹. Contudo, os resultados desanimadores deste tipo de estratégia já foram amplamente discutidos e exemplificados por inúmeros estudos²² uma vez que, normalmente, os núcleos habitacionais para os quais moradores de

²⁰ Além das incertezas do desemprego, da desproteção social e da precarização do trabalho, os trabalhadores são submetidos aos riscos da moradia em encostas perigosas, beira de cursos d'água sujeitas a enchentes, áreas contaminadas por lixo tóxico, situadas sob gasodutos ou sob linhas de transmissão de eletricidade (ACSELRAD, 2001, p. 23).

²¹ O Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus - PROSAMIN tem como objetivo melhorar a qualidade de vida da população residente na área de abrangência do Programa, por meio do melhoramento das condições de saúde e do entorno urbano.

²² Ver DAVIS, Mark. **Planeta Favela**. São Paulo, 2006; TASCHNER, Suzana. **Favelas do Município de São Paulo: Resultados da Pesquisa** In: BLAY, L. (org.). **A Luta pelo Espaço. Textos de sociologia urbana**, 1979.

favelas são removidas são situados em terrenos periféricos, de difícil acesso, já que necessariamente devem ter custo baixo.

Propostas como estas só tendem a agravar o cotidiano das famílias removidas. Segundo Taschner (1979), a maior distância dos centros de serviços impede a contribuição feminina na renda familiar, já que a mulher fica sem condições de aproveitar seu tempo livre na execução de serviços remunerados. Além disso, o custo do transporte aumenta, onerando ainda mais o orçamento doméstico.

Além desta nova ordem de problemas, um outro fator foi verificado entre os que contribuem para a não adaptação da população removida, a incompatibilidade entre as moradias periféricas em prédios altos com a estrutura social e a economia informal das comunidades pobres. Esta história é, naturalmente, antiga; “um pecado original repetido há décadas no mundo todo por reformadores e czares urbanos”. (DAVIS, 2006, p. 72)

Entendemos que a cidade recria-se ao longo do processo de urbanização, contudo esta lógica, que impõe aos espaços urbanos dinâmicas próprias fruto das políticas dos solos urbanos, que por sua vez são dependentes das especulações do mercado, não abarca o modo de estar e viver dos seus habitantes.

Esta contradição verificada no tempo e no espaço nos faz pensar em uma outra lógica, a de que precisamos entender a cidade como uma unidade geradora de um excedente de bem-estar e facilidades, para depois podermos identificar os elementos capazes de gerar esse bem-estar, que precisam ser mantidos ou valorizados. Caso contrário, ou seja, não observância e o não tratamento dos espaços como lugares de vivências podem resultar em mais um forma de segregação sócio-ambiental.

Esta pesquisa não tem a pretensão de ditar uma forma ou modelo para uma possível intervenção na área estudada. Deseja-se apenas mostrar que soluções que vão além do campo estritamente científico, adotando novos valores e novos critérios, são mais suscetíveis ao êxito.

2.2 A construção dos espaços nas margens do rio

Os tipos de povoamento se inter-relacionam com as características físicas do território e com o tipo de atividades das diversas regiões. Segundo Moreira (1998), a base do desenvolvimento das atividades econômicas, culturais e humanas de nossa região foi constituída a partir dos rios em cujas margens surgiram os primeiros embriões de cidades.

Particularmente, no caso da cidade de Manaus, bem como de outras cidades Amazônicas, verifica-se que a ocupação dos espaços às margens dos rios se deu, principalmente, em função de uma estratégia geopolítica portuguesa para a conquista do território.

Nesse primeiro momento de produção do espaço local, temos como marco inicial da cidade e expressão maior da dominação portuguesa na área do rio Negro, a Fortaleza de São José do Rio Negro²³, construída em 1669 pelo Capitão Francisco da Mota Falcão “para guarnecer a boca do rio Negro e para rebater o maior prezo do gentilismo”²⁴. No terreno adjacente ao forte, ao abrigo do canhão e do crucifixo²⁵, o povoado da Barra até então constituído por dirigentes, missionários, oficiais e indígenas, foi se desenvolvendo. A paisagem do simples arraial se constitua na

²³ A Fortaleza localizava-se a três léguas da margem do rio Negro, foi construída de forma quadrangular, em pedra e barro, sem fosso, mais ou menos no local onde se encontrara o antigo prédio da Fazenda Estadual (MONTERIO, 1994, p. 26).

²⁴ Ver FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Diário da viagem filosófica pela capitania de São José do rio Negro**. Circulo do Livro, s/d.

²⁵ A igreja foi fundamental para o domínio e exploração da região a partir da expansão da fé católica como instrumento de dominação, o que a coloca enquanto um importante agente produtor do espaço nesse momento.

expressão maior das tendências estéticas do amazoníndio, como bem salienta Monteiro:

[...] abarracamento pitorescos de palha de injá e de buçu, sem simetria, sequer sem delineamento, num amontoado promíscuo, como se uma civilização, chantada apressadamente na clareira da mata virgem, tivesse fome de horizontalidade numa comunidade ativa. Derramavam-se pelas sombras dos matoais que marginavam os igarapés, estacando em agrupamentos palafíticos ou isoladas à orilha apendoada do litoral pedregoso [...] (MONTEIRO, 1994, p.31).

Na descrição do autor as casas encontravam-se isoladas ou em pequenos agrupamentos, eram construções do tipo palafitas e localizavam-se margeando os igarapés, confundiam-se inclusive com o verde da paisagem. Paulatinamente, com o desenvolvimento de suas atividades e de sua população, o povoado vai adquirindo feições de vila, “com suas primeiras ruas e praças lamacentas e sua engrenagem social e administração funcionando em termos precários” (MONTEIRO, 1994).

Neste primeiro período, a relação que a cidade de Manaus estabelecia com o rio era um reflexo não só da organização espacial imposta pelos portugueses, visto que era forte a preocupação da colônia com a proteção do território contra invasões, mas também refletia a importância do rio como elemento econômico²⁶, de subsistência, lazer e outros hábitos que caracterizavam a paisagem social amazonense destes tempos, como era o caso das lavadeiras²⁷.

Há muito tempo a cidade deixou para trás este tempo lento constituído de temporalidades e as espacialidades de lugar que cresceu e se desenvolveu mantendo uma relação estreita com o rio. Esta temporalidade nos remete

²⁶ Um dos principais ciclos econômicos da Amazônia foi o da extração e consumo da “manteiga” ou banha de tartaruga, esta era utilizada inclusive na iluminação doméstica e pública, à base de nafta nos. Fazia-se uso também da banha de peixe-boi, e em menor escala da do tambaqui e do jacaré. A indústria punha em movimento toda uma engrenagem econômico-social e tanto a administração como o homem comum dependiam das tartarugas (MONTEIRO, 1994, p. 121).

²⁷ Ibid., p. 135.

imaginariamente às paisagens do passado, dos límpidos igarapés, das frondosas árvores.

Como discutimos anteriormente, a ocupação destes espaços foi se dando a partir das diferentes alterações ocasionadas no meio físico e social impostas por um caldeirão de fatores econômicos e sociais que convergem para o atual sistema capitalista de produção e, nesse sentido, refletem uma gama de conflitos e constrações inerentes a este sistema. Aqui podemos destacar a influência do meio de transporte dominante na região, que veio a influenciar toda a dinâmica sócio-espacial predominante na orla fluvial de Manaus.

Quando o transporte fluvial assume maior relevo²⁸, as estruturas espaciais das margens da cidade começam a materializar sua importância. Esta dinâmica intensifica as modificações/transformações no espaço urbano e a ocupação da orla obedece a essa tendência, com grande parte das edificações sendo construídas de costas para o rio.

A cidade de Manaus, em todo seu processo de expansão e crescimento demográfico, teve seu desenho urbano em grande parte traçado em consequência da retenção dos terrenos por parte de grupos privados. Desta forma, ação do poder público estadual e municipal se restringiu tanto no passado como agora, a seguir os núcleos de ocupação criados pelo setor privado, e os investimentos públicos vieram a colocar-se a serviço da dinâmica da especulação imobiliária.

Há de se considerar também o fato de que a forma da cidade de Manaus foi estruturada pelo conjunto de sistemas naturais, igarapés, áreas alagadas, margem

²⁸ A abertura do rio Amazonas aos navios internacionais, propiciou, além da elevação do número de embarcações na região, a instalação de empresas de transporte estrangeiras, como, por exemplo, da *"Amazônia River Steam Navigation Company"*, empresa inglesa que monopolizou a navegação no interior da Amazônia e que, em suas linhas saídas de Belém e Manaus, promoveu uma certa integração regional, além do florescimento de algumas cidades ao longo das margens e da confluência dos rios (BENCHIMOL, 1995).

do rio Negro, consideradas como zonas de transição²⁹, desvalorizadas em decorrência de fenômenos da natureza. Estas áreas foram ocupadas pela camada pobre da população³⁰.

Sendo assim, nossa análise acerca das ocupações que surgiram às margens do rio parte do pressuposto de que em vez de ser considerada como aberração da paisagem na cidade, elas têm que ser vista a partir da lógica da construção da espacialidade numa sociedade desigual, em que ocupar um lugar na cidade significa poder pagar por isso. (OLIVEIRA, 2003, p. 35)

Esta lógica se apresentou de forma marcante à cidade na década de 50, período em que Manaus presencia o surgimento do fenômeno da “cidade flutuante”, um complexo conjunto de moradias construídas na água sobre toras de madeira, cuja lógica da produção da moradia fugia à perspectiva do capital. Esta condição, segundo Oliveira (2003), representou um meio de diminuição de custos de moradia para a população pobre, uma vez que não se fazia necessário à compra de lotes:

A cidade flutuante insere-se no tipo de moradia caracterizada como de segregação residencial imposta, que são áreas residenciais ocupadas pelos seguimentos de renda mais baixa que, pelo custo da moradia na cidade, vêm-se privados da escolha de onde e como morar, no caso de Manaus, a ocupação de áreas desfavoráveis como os igarapés, as periferias distantes e a água (OLIVEIRA, 2003, p. 81)

Salazar (1985) trata a problemática instaurada por conta do surgimento de centenas de casas flutuantes em frente à cidade como uma consequência da inexistência de emprego e de habitação em Manaus, e ainda, do êxodo rural

²⁹ Ver Mark Gottdiener, 1993.

³⁰ A falta de moradia e todas as problemáticas que dela decorre não é exclusividade de uma época, pelo contrário faz parte de um *continuum* que emergiu principalmente na década de vinte por conta da significativa migração da população interiorana em virtude da crise nos seringais. Estimativas apontaram que somente em 1922 chegaram cerca de 10 mil migrantes vindos da zona rural, especialmente dos vales do Madeira, Purus e Juruá, considerados rios seringueiros. Como agravante, ocorria que, desde a década de dez, o poder público municipal não direcionava investimentos para a construção de habitações, fato este que contribuiu para o decréscimo significativo nos números de habitações construídas.

causado pela euforia da borracha. O autor é contrário à visão de que o “fenômeno” decorria de uma forma de adaptação do homem do interior ao seu habitat natural - a água³¹.

Bechman (2003), a partir da investigação da categoria risco ambiental nas encostas de beira de rio dos bairros de Educandos, São Raimundo e Compensa, considerando indicadores como renda e qualidade de vida, sustenta que a beira de rio da cidade de Manaus enquadra-se como a periferia de um sistema urbano que literalmente marginalizou populações do acesso à moradia digna na cidade.

Mais recentemente, Guglielmini (2005) tipificou e identificou as formas de ocupação e os agentes sociais envolvidos no processo e reprodução do espaço urbano na cidade de Manaus da foz do rio Tarumã à foz do igarapé de São Raimundo. Na visão da autora, a população em geral, nestes espaços, além de ter acesso ao rio limitado à Praia da Ponta Negra, bairro da Compensa e ao bairro de São Raimundo, perdeu o direito a circulação por estas serem áreas de uso restrito de hotéis, estaleiros, portos privados e condomínios fechados. (GUGLIELMINI, 2005, p. 178)

Estas abordagens nos apontam para uma nova lógica de produção do espaço local e regional. É um padrão de produção do espaço que se impõe com uma temporalidade³² própria, com uma vida de relações própria, guiado pela dinâmica de relações capitalistas, pela reprodução do valor de troca.

Assim, a cidade de Manaus vai sendo redesenhada de forma que as simultaneidades e os encontros se intensificam, os tempos e espaços distintos e articulados contraditoriamente são mais diversos. Nela multiplicam-se os fragmentos

³¹ Ver SALAZAR, João Pinheiro. **O Abrigo dos Deserdados**. Dissertação de Mestrado, 1985, p. 59.

³² A urbanização capitalista, enquanto processo de concentração, prolifera-se, articulando um conjunto hierarquizado de cidades através de fluxos diversos, sejam eles materiais ou imateriais, os quais convergem dando forma à metrópole (SEABRA, 2004).

de vida urbana e é entre esses fragmentos que se encontra a beira-rio de Educandos.

CAPÍTULO III

EXPERIÊNCIA E PERCEPÇÃO DO MUNDO VIVIDO

A paisagem na qual uma pessoa vive não emoldura simplesmente [...] entra na sua verdadeira existência e torna-se parte dela.

(WASSERMAN apud RELPH, 1979, p. 16)

3.1 A GEOGRAFIA HUMANÍSTICA COMO ABORDAGEM

Toda análise que pretende ter acesso às verdadeiras motivações do comportamento social no espaço não pode partir de modelos lógicos. O método de interpretação consiste em resgatar o sentido a partir daquilo que circula entre a esfera da ação e da representação, projetado sobre o espaço. Para se chegar a essa interpretação, é preciso compreender o código complexo de signos e representações simbolizado no espaço. (GOMES, 1996, p. 323)

Estes preceitos nos levaram a procurar na abordagem humanística da geografia os alicerces para a compreensão dos significados das experiências humanas no âmbito do vivido.

Esta corrente de pensamento ganhou destaque no final dos anos 60 do século XX. Sobre forte influência teórica das filosofias do significado – fenomenologia, existencialismo, idealismo e hermenêutica – que em essência encontram na subjetividade humana as interpretações para suas atitudes perante o mundo, os geógrafos humanistas trazem para o centro das discussões as noções de mundo vivido e de intencionalidade, além de aspectos referentes a percepção, valores e representações humanas no contato com o espaço, contrapondo-se à quantificação, racionalização e sistematização da corrente neopositivista (Amorim Filho, 1996).

Entre os teóricos contemporâneos da geografia, cujos trabalhos ressaltam a importância dos lugares, do mundo vivido, dos significados e das representações podemos citar os geógrafos Yi-Fu Tuan, Edward Relph e Leonar Guelke.

Para Relph (1979, p. 4), a descrição e a interpretação fenomenológica oferecem métodos bem desenvolvidos para se realizar trabalhos cujas considerações são pontuadas a partir de um caráter de utilidade de todo fato culturais, sempre inscritos dentro de uma perspectiva prática, ativa ou potencial. E de um caráter antropocêntrico de todo conhecimento, do qual se deriva uma explicação que só é satisfatória à medida que é fundada sobre a compreensão das intenções e das atitudes humanas.

Kozel (2001) salienta que os trabalhos desenvolvidos por Relph foram um dos primeiros a apresentar os conceitos da Fenomenologia associados à Geografia, buscando uma nova perspectiva para entender a constituição do mundo, onde a fenomenologia apresentava condições ideais para o projeto humanístico, principalmente de forma de resgatar os aspectos esquecidos pela geografia tradicional. Já a obra de Yi-Fu Tuan restabelece o contato entre o mundo e as significações, buscando a essência dos conceitos de espaço, homem e experiência, cujo lugar encerra tanto a experiência como as aspirações de um povo. Fundamentado em Bachelard, propõe um estudo geográfico, "...baseado no amor do homem pela natureza e cria o conceito de Topofilia, que define como sendo o elo afetivo existente entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico e Topofobia, que corresponde ao oposto". (KOZEL, 2001, p. 135)

3.1.1 Alicerce Teórico

Segundo Amorim (1999), a abordagem fenomenológica se consolidou como uma filosofia madura e aceita universalmente somente na metade do século XX. Suas raízes mais antigas estão em Kant e em Hegel, mas seus significados contemporâneos são atribuídos a Edmund Husserl³³.

A partir de sua teoria Husserl influenciou diversos pensadores, entre os quais se destacam Heidegger, Sartre, Max Scheler, Merleau-Ponty, Gabriel Marcel, Tran Duc Tao, Nicolai Hartmann.

Merleau-Ponty (1908-1961) nos diz que a fenomenologia é o estudo das essências, “[...] é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua ‘facticidade’”³⁴.

Para o autor, a realidade revela-se não apenas com as medições que nela e dela fazemos, mas também através da intermediação e análise das nuances subjetivas que a compõem e perpassam a relação integradora do sujeito no mundo e do mundo no sujeito. Uma filosofia fenomenológica não deixa de ser “[...] uma ‘ciência exata’, mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo ‘vivos’”³⁵. Há que se reencontrar a experiência que está por detrás do pensamento, mergulhar no sensível e achar o invisível por detrás do visível, uma vez que um é condição existencial do outro (MERLEAU-PONTY, 2000).

³³ O método fenomenológico foi criado pelo filósofo alemão Edmund Husserl (1859/1938). Este método propõe estabelecer uma base segura, liberta de pressuposições, para todas as ciências e, de modo especial, para a filosofia. Ele não é dedutivo nem empírico. Consiste em *mostrar* o que é dado e em *esclarecer* este dado. Não explica mediante leis nem deduz a partir de princípios, mas considera imediatamente o que está perante a consciência, o objeto. Conseqüentemente, tem uma tendência orientada totalmente para o objetivo. Interessa-lhe imediatamente não o conceito subjetivo, nem uma atividade do sujeito (se bem que esta atividade possa igualmente tornar-se em objeto da investigação), mas aquilo que é sabido, posto em dúvida, amado, odiado, etc.

³⁴ MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1994, p.1

³⁵ idem, 1994, loc. cit.

A aquisição mais importante da fenomenologia, segundo Ponty, foi sem dúvida ter unido o extremo subjetivismo ao extremo objetivismo em sua noção do mundo ou da racionalidade (1994, p. 18). É do encontro subjetivo entre as coisas e os sujeitos que o ato perceptivo revela o invisível componente do visível dos conceitos, significando-os, ou fazendo com que estes possam significar.

O autor assegura que não há deformação ou inferioridade no ato de perceber. Percebemos não apenas com o nosso raciocínio, mas também com todos os nossos sentidos. A percepção não é falaciosa, ela é o que é, a nossa interpretação do mundo. Assim, para a teoria fenomenologia, a percepção é a origem primordial do conhecimento humano.

3.1.2 A perspectiva experiencial na leitura dos lugares

A leitura dos lugares por meio das experiências evidencia a valorização do homem enquanto sujeito, buscando a relação do espaço e do comportamento humano no ambiente. Sob esses aspectos podemos desvendar um mundo verdadeiramente percebido, construído sob os fundamentos cognitivos, afetivos e simbólicos do lugar.

A Experiência pode ser conceituada pelas diferentes maneiras pelas quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. É constituída a um só tempo de sentimento e pensamento. Sob a perspectiva experiencial não há limites precisos entre espaços, paisagens e lugares e nem a relação entre essas categorias é constante: “Lugares têm paisagens, paisagens e espaços têm lugares” (Relph, 1979, p. 16).

...a experiência implica na capacidade de aprender a partir da própria vivência, [...] significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento. [...] Experimentar é vencer perigos. Para experimentar no sentido ativo, é necessário aventurar-se no desconhecido e experimentar o ilusório e o incerto [...]. Por que alguém se arrisca? O indivíduo é compelido a isso. Está apaixonado, e a paixão é um símbolo de força mental. (TUAN, 1983, p. 10-11)

Tuan (1983, p. 11) sustenta que embora haja uma tendência de classificar sentimento e pensamento em lados opostos, um registrando estados subjetivos e o outro se reportando à realidade objetiva, é preciso entender que sentimento e pensamento situam-se nas extremidades de um *continuum* experiencial e ambos são maneiras de conhecer, dando colorido a toda experiência humana.

Na visão de Machado (1999, p. 97-98) as experiências diárias vêm compor o quadro individual sobre a realidade, na qual todos somos artistas e arquitetos de paisagens, cujas lentes culturais e pessoais, de costumes e fantasias, permite-nos criar e organizar o espaço, tempo e causalidade, de acordo com nossas percepções e predileções.

Entretanto, são extremamente complexos os sentimentos e idéias do homem sobre espaço, lugar e paisagem. Embora possamos articular idéias acerca das experiências humanas mais sutis, há dificuldades de expressar o que se conhece pelos sentidos.

Espaços e lugar são termos familiares que indicam experiências comuns. Na experiência seus significados às vezes se fundem, porém o espaço é mais abstrato enquanto que a noção de lugar se refere a centros aos quais atribuímos valor (moradia, abrigo, alimentação, lazer, etc.). Espaço e lugar são idéias complementares: o que começa como espaço indiferenciado acaba assumindo a configuração de lugar ao conhecermos e o dotarmos de valor. O lugar sugere segurança, e o espaço, liberdade: estamos apegados a um, mas aspiramos ao

outro. “Além disso, se pensarmos no espaço como algo que permite movimento torna possível para que a localização se transforme em lugar” (TUAN, 1983, p. 6).

O catalisador que converte um ambiente em lugar é o modo de tratá-lo, não como uma coisa, mas como um organismo vivo. A sintonia é conseguida após lentas e progressivas adaptações recíprocas, que exigem certa estabilidade de relações entre pessoas, as sociedades e os lugares. (DUBOS, 1981, p. 98)

Culturalmente, lugar talvez seja o mais fundamental, porque focaliza o espaço e paisagem em torno das intenções e experiências humanas. Os lugares clamam por nossa atenção e afeição e estão associados à necessidade de raízes. Para Relph (1979), lugar significa mais do que localização, é um tipo de experiência e envolvimento com o mundo e isso não é uma questão de escolha, mas é largamente pré-determinado: você simplesmente (re)conhece onde se sente em casa.

Ao mesmo tempo em que parece haver uma necessidade quase universal para a fixação num lugar, as pessoas relacionam-se aos lugares de inumeráveis modos e, portanto, não se pode fazer simples generalização sobre isso. Os lugares que conhecemos e gostamos são todos lugares únicos, e suas particulares são determinadas por suas paisagens e espaços individuais e por nosso cuidado e responsabilidade, ou ainda pelo nosso desgosto por eles. (RELPH, 1979, p. 18)

A partir destas considerações nos reportamos aos conceitos de topofilia e topofobia. O primeiro termo, segundo Tuan (1980, p. 4), é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. A topofilia associa sentimento com lugar. É um sentimento orientado para o lar, para o que é confortável, detalhado, sem confusão e tensão; envolve experiências com lugares naturais e construídos, com ambientes atrativos. Não que o ambiente seja a causa direta da topofilia, mas ao agir como imagem percebida dá forma às nossas alegrias e ideais. Entretanto, muito de nossos

encontros com o mundo vivido (devido ao costume, as circunstâncias, ou ao próprio ambiente) podem ser topofóbicos. Desta forma, incluem-se ao conceito de topofobia, todas as experiências de espaços, paisagens e lugares que são de algum modo desagradáveis, ou induzem ansiedade e depressão. Topofobia é, sob vários aspectos, oposto de topofilia (RELPH, 1979).

Tanto a topofilia quanto a topofobia estão associados com o caráter do ambiente e com os valores e atitudes daqueles que os experienciam. Estes conceitos incluem os bons e os maus encontros com os ambientes, e pode bem ser que a atração por um e o desgosto pelo outro adquiram suas forças e qualidades através da comparação.

Segundo Holzer (1992) não se pode descartar a existência humana desenvolvida num espaço material, pois é aí que se estabelece uma cumplicidade constante entre o homem e o seu entorno. É neste sentido que a interpretação da experiência humana, com sua ambigüidade e complexidade, pode ser sistematicamente explorada para esclarecer o significado dos conceitos, dos símbolos e das aspirações no que dizem respeito ao espaço, lugar e suas paisagens, mostrando como o lugar é um conceito e um sentimento compartilhados seja como localização ou como meio ambiente físico (MACHADO, 1999, p. 98-9).

Partimos agora a aprofundar a reflexão sobre os mecanismos e fatores envolvidos na percepção, objetivando inclusive um melhor entendimento da noção de paisagem e lugar.

3.2 SOBRE O PROCESSO PERCEPTIVO

Segundo Machado (1996), a pesquisa convencional não fornece descrições adequadas da experiência de paisagem porque separa a pessoa (corpo, mente, emoção, vontade) e mundo. Para a autora, ambos estão engajados em um só processo que implica fenômeno perceptivo e não pode ser estudado como um evento isolado. Embora nem todas as manifestações psicológicas que sustentam a interação homem-ambiente, sejam evidentes, elas são fatores constantes nas nossas vidas e afetam nossa conduta e atividades cotidianas, na maioria das vezes, inconscientemente. Tuan (1980) chama a atenção para o fato de que a abordagem desses temas prepara-nos, primeiramente a compreender nós mesmos.

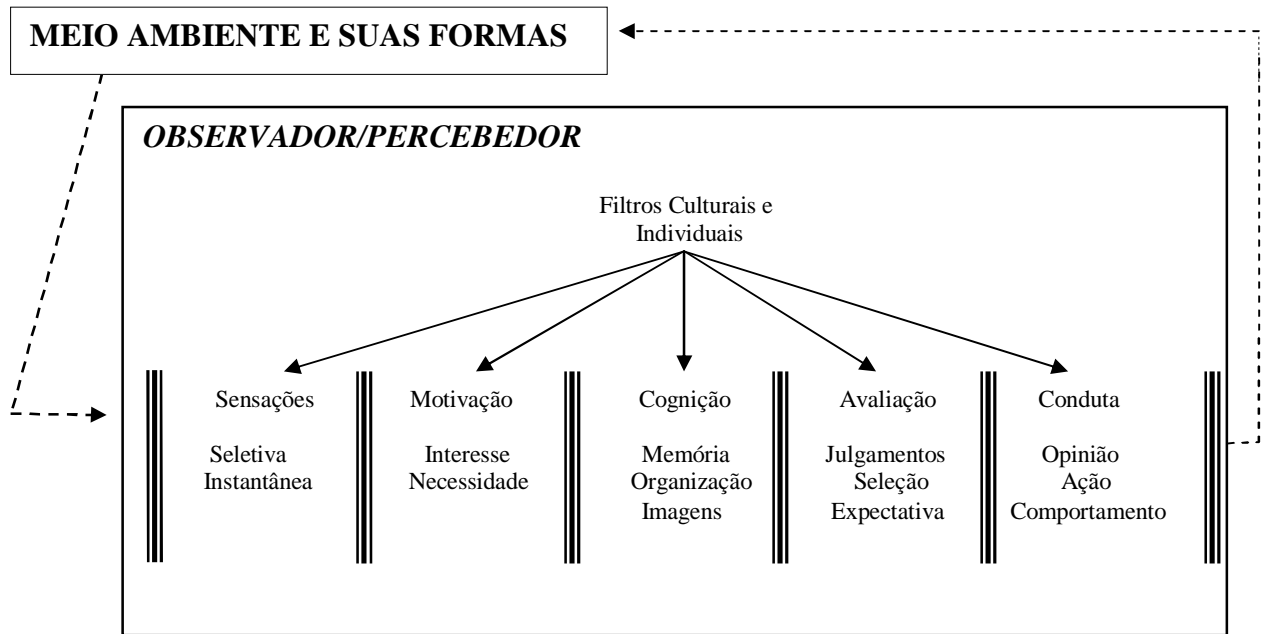
A percepção do espaço não depende só do olhar, o corpo inteiro está envolvido nele. No contato com o ambiente, a maioria das pessoas faz uso dos cinco sentidos que se reforçam mútua e constantemente, mas a inteligência é necessária para a estruturação da experiência. Logo a mente não funciona somente a partir dos sentidos e nem recebe os dados passivamente; existem contribuições ativas do sujeito ao processo perceptivo que vão desde a motivação até a conduta. Das diferenças básicas entre percepção e inteligência convém ressaltar que enquanto a percepção é dependente de um campo sensorial e está subordinada à presença do objeto, a inteligência pode invocar o objeto em sua ausência (representação), mediante função simbólica (OLIVEIRA, 1996)

Assim é que vemos, ouvimos, cheiramos, tocamos, degustamos tudo aquilo que se apresenta aos nossos sentidos, mas apreendemos somente o que é selecionado por meio da atribuição de significados. Isso também se aplica à percepção do ambiente vivido. Antes de tudo, é a atividade informadora da percepção visual que torna, por exemplo, a paisagem um conjunto de significante.

Percepção, valores e atitudes são aspectos inter-relacionados, comum a todo processo perceptivo e dos quais dependem as relações das pessoas com os lugares. Da valorização da percepção e das atitudes decorre a preocupação de verificar os gostos, as preferências, as características e as particularidades dos lugares. Valoriza-se também o contexto ambiental e os aspectos que redundam no encanto e na magia dos lugares, na sua personalidade e distinção. Há o entrelaçamento entre o grupo e o lugar. Quantos lugares nos encantam pelo típico que possuem?

3.2.1 Percepção

A percepção é definida como o significado que atribuímos às informações, ou seja, às sensações recebidas pelos nossos sentidos. Inicialmente o indivíduo capta diretamente o ambiente, processa essas informações recebidas com aquelas que lhes são inerentes, constrói uma representação mental, realiza uma avaliação de acordo com seus valores e expectativas e finalmente gera condutas e ações. Desta maneira, a cognição é um processo mental que a partir do interesse ou necessidade, seleciona as informações percebidas, armazenando-as e conferindo-lhes significados, segundo Machado (1998) e Souza (1998), e que pode ser representado pelo quadro 01.



Quadro 1 – Esquema teórico do processo perceptivo
 Fonte: Adaptado de DEL RIO&OLIVEIRA, 1996.

Por ser um processo mental de interação do indivíduo com o ambiente, a percepção se dá por meio de mecanismos perceptivos propriamente ditos e principalmente cognitivos³⁶. Diversos estudos analisam que a mente exerce parte ativa na construção da realidade percebida e conseqüentemente na definição da conduta.

Del Rio (1996) acentua que nossa mente organiza e representa essa realidade percebida por meio de esquemas perceptivos e imagens mentais. O mesmo autor destaca que os mecanismos perceptivos são dirigidos por estímulos externos, captados pelos cinco sentidos, principalmente a visão. Já os mecanismos cognitivos compreendem a contribuição da inteligência com a participação ativa do sujeito ao processo perceptivo desde a motivação à decisão da conduta. Esses

³⁶ Para DEL RIO e OLIVEIRA (1996), a cognição é o processo mental mediante o qual estruturamos nossa interface como o mundo, selecionando, armazenando e conferindo significado às informações percebidas.

mecanismos cognitivos incluem motivações, humores, necessidades, conhecimentos prévios, valores, julgamentos e expectativas.

Para TUAN (1980, p. 4), a percepção “é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital na qual certos fenômenos são claramente registrados enquanto outros são bloqueados”. Afirmou ainda que o *homem é um animal visual*, ou seja, dependente mais da visão que dos demais sentidos para sentir conscientemente o mundo que o cerca. O lado inconsciente ou subliminado, o pensamento (realidade objetiva) e o sentimento (estado subjetivo), assim como os valores culturais, também contribuem para a percepção de onde estamos.

Por termos visão estereoscópica e superposição bifocal, o cenário do mundo físico se apresenta em três dimensões. O que percebemos, no entanto, não é um espaço abstrato, com três linhas que interseccionam em ângulos retos, mas um espaço de cômodos, ruas, praças, quarteirões. Do ponto de vista psicofísico, não é o mundo, não são os objetos que atingem os nossos olhos, mas a luz refletida das superfícies; sabe-se também, que não é uma figura retiniana (bidimensional) que é transmitida ao cérebro pelo nervo ótico, mas impulsos nervosos. Logo, a percepção não é uma cópia da imagem retiniana, mas sim uma correlata. A terceira dimensão é recuperada no cérebro, mediante a percepção (OLIVEIRA, 1996, p. 206-207).

Para TUAN (1983, p.11) ver, pensar e sentir são processos intimamente relacionados, que permite ao perceptor “vivenciar o meio”. A visão é um processo seletivo e criativo em que os *estímulos* do ambiente são organizados em estruturas que fornecem sinais significativos, que se complementam.

Então, a percepção é uma interpretação com o fim de nos restituir a realidade objetiva, através da atribuição de significado aos objetos percebidos (OLIVEIRA,

1977, p. 62). A autora considera que é preciso não confundir o ver com o perceber e sugere que há diferenças entre sensação e percepção: a sensação compreende ao mundo externo e está limitada aos órgãos sensoriais enquanto a percepção é elaborada no córtex cerebral.

Essa distinção é, em parte, contestada por certos estudiosos. Chauí (1996) comenta que sentir é algo ambíguo, pois nos fornece ao mesmo tempo as qualidades do objeto (o quente e o frio, vermelho e o verde, o doce e o amargo, o liso e o rugoso) e os efeitos internos dessas qualidades sobre nós. Nesse século Fenomenologia e Gestalt que nunca temos sensações parciais, pontuais ou elementares que depois seriam reunidas na percepção do objeto. Logo não há diferença entre sensação e percepção. Nesse sentido, a percepção “[...] é o conhecimento sensorial de configurações e totalidades organizadas e dotadas de sentidos [...]” (CHAUÍ, 1996, p. 122).

Para a autora, a percepção se caracteriza como uma forma de comunicação e uma vivência corporal, de modo que sua situação e a condição de nosso corpo são tão importantes quanto a do objeto percebido. Uma vez que a percepção depende das coisas e do nosso corpo, do mundo e dos nossos sentidos, do exterior e do interior, é mais adequado falar em “campo perceptivo” para indicar que se trata de uma relação complexa entre corpos num campo de significações visuais, táteis, olfativas, gustativas, sonoras, motrizes, espaciais, temporais e lingüísticas.

Convém lembrar que certos teóricos adotam a distinção entre percepção individual e percepção social, onde a primeira é função da história pregressa e do estado do indivíduo ao entrar em contato com o estímulo, e a segunda está relacionada com a impressão que se tem em face a um estímulo ou a um conjunto

de estímulos sociais. Sendo assim, quando se tratar da percepção do ambiente, o segundo tipo de percepção deve ser priorizado (SCHIFF,1973)

A expressão “percepção do meio ambiente significa a tomada de consciência e a compreensão pelo homem do meio ambiente ao seu redor”. De modo abrangente, a percepção é caracterizada como um fenômeno psicossocial, em que processos cognitivos e afetivos estão imbricados na representação do ambiente, tanto na esfera individual como coletiva. (WHYTE, 1978, p. 18).

Biologicamente a percepção está limitada às condições anatômicas e fisiológicas do ser humano, processando-se dentro de padrões culturais, geográficos e históricos. Assim apesar da percepção ser individual ela depende da inteligência que fornece as diferentes formas cognitivas para os conteúdos perceptivos.

No contato com o ambiente, a maioria das pessoas faz uso dos cinco sentidos que se reforçam mútua e constantemente, mas a inteligência é necessária para a estruturação da experiência. Portanto, a mente não funciona somente a partir dos sentidos e nem recebe os dados passivamente; existem contribuições ativas do sujeito ao processo perceptivo que vão desde à motivação até a conduta. Das diferenças básicas entre percepção e inteligência convém ressaltar que enquanto a percepção é dependente de um campo sensorial e está subordinada à presença do objeto, a inteligência pode invocar o objeto em sua ausência (representação), mediante a função simbólica (OLIVEIRA, 1996).

Tuan (1980) aponta a dificuldade de se avaliar com precisão e eficácia os fatores responsáveis pela percepção humana, pois:

Para compreender a preferência ambiental de uma pessoa, necessitaríamos examinar sua herança biológica, criação, educação, trabalho e os arredores físicos. No nível de atitudes e preferências de grupo, é necessário conhecer a história cultural e a experiência de um grupo no contexto do ambiente físico. Em nenhum dos casos é possível distinguir nitidamente entre os fatores culturais e o papel do meio ambiente físico. Os conceitos “cultura” e “meio ambiente” se superpõem do mesmo modo que os conceitos “homem” e “natureza” (p. 67).

Os estudos de percepção têm perpassado por várias áreas do conhecimento como psicologia, arquitetura, geografia, e ciências bio-ecológicas, como lembra Machado (1998), na psicologia ambiental, a década de 70 foi marcada pelos estudos da influência do ambiente sobre as pessoas, já em 80 estudou-se a ação das pessoas sobre os ambientes. Na década de 90 os estudos envolveram as questões relacionadas aos recursos ambientais do planeta.

Na geografia, os estudos sobre percepção ambiental iniciaram na década de 60, abordando a ocupação humana nos ambientes sujeitos a riscos naturais. Na área da arquitetura e do urbanismo uma importante referência para orientação de estudos voltados à percepção do espaço é Kevin Lynch. Em seus trabalhos este autor traçava como objetivo considerar a necessidade de identidade e estrutura em nosso meio perceptivo e demonstrar a importância da imaginabilidade no complexo meio urbano. Ressaltando a importância de uma nova atitude para o desenvolvimento dos estudos da percepção do espaço urbano, Lynch expunha sua crítica aos “fabricantes de espaços” afirmando que “...eles têm uma visão externa dos espaços urbanos e que é característica de nossa época os especialistas trabalharem a partir de dados, passíveis de quantificar e de cartografar, sem levar em conta as reações afetivas da população”.

Lynch (1997, p. 51) assevera que existem outras influências atuantes sobre a imaginabilidade, como o significado social de uma área, sua função, sua história, remetendo-nos a um espaço criativamente transformado pelos grupos humanos, que

denominamos de espaço social. Ao estudarmos esse espaço, compreendemos as transformações e as crises sociais, apreendidas no conjunto de fatos, de acontecimentos, de paradoxos ou de contradições que caracterizam a sua transformação no mundo moderno. Transformações estas que, segundo Ferrara (1993), refletem a diversidade e as desigualdades na divisão de riqueza³⁷.

Ferrara (1996) também desenvolveu trabalhos de percepção de representação, apreendendo a cidade pelas marcas e sinais impressos em sua imagem. No estudo desses signos, a percepção compreende a cidade como linguagem, estudando a representação social através das marcas e sinais, pois toda representação se faz através de signos. “A representação não substitui o objeto em todos os seus aspectos, mas é parcial na medida em que seleciona ângulos ou faces do objeto que se quer representar. Essa escolha se faz a partir de uma concepção ou escala de valores que o emissor da representação tem do objeto representado” (FERRARA, 1996, p. 63).

Uma representação significa uma relação entre uma teoria e um domínio de fenômenos do mundo, segundo Lacey (1998). Não se pode comparar diretamente as teorias com o mundo, pois são apenas representações dele, visto que o homem reproduz tais representações, ou seja, produz ciência. Assim, a ciência é paradoxal, o objetivo é representar o mundo como ele é, mas as representações são produtos humanos, são simbólicas, envolvem julgamento de valores. Para representar precisamos interagir com o mundo, e a experiência não é sempre o mundo, mas do mundo em interação conosco.

³⁷ Essa explicação continua bem fecunda entre as diversas interpretações que orientam os estudos sobre o espaço e lugar. A origem destes pensamentos encontra-se intimamente relacionada ao processo de expansão do modo capitalista de produção que através de uma ampla rede de fluxos (de transportes, de informação e de mercadorias), conseguiu incorporar progressivamente todos os pontos da superfície do planeta, inclusive aqueles considerados como os mais remotos.

Percepção e representação, seja individual ou coletiva, são processos simultâneos e interdependentes. Percebe-se a realidade em si e a leitura realizada por cada pessoa caracteriza-se como uma representação, sendo permeada de valores que compõem seu filtro cultural.

A percepção refere-se a toda maneira de olhar o mundo, seja ela consciente ou inconsciente objetiva ou subjetiva, conforme Lowenthal (1982). “A própria percepção nunca é pura: sensoriar, pensar, sentir e acreditar são processos simultâneos, interdependentes”. Uma visão puramente perceptiva do mundo seria defeituosa e falsa tanto como a baseada somente na lógica, compreensão e ideologia [...] A experiência do mundo mais simples e direta é composta de percepção, memória, lógica e fé (LOWENTHAL, 1982, p. 123).

Portanto, não se pode falar de paisagem a não ser a partir de sua percepção. Esse processo sustenta toda e qualquer experiência ambiental e enquanto vivência, a paisagem não se separa do cotidiano do indivíduo ou do grupo. Cabe manter a inquietude sobre o que leva o homem a selecionar, dentre a variedade de cenários existentes na superfície terrestre, determinadas paisagens ou determinados lugares. Essa escolha não implica somente em rotular esse ou aquele lugar, mas em última instância, determina também a atitude e conduta do indivíduo ou grupo em relação ao lugar.

Obviamente essas avaliações ambientais dependem de estruturas perceptivas, cognitivas e afetivas, conscientes e inconscientes, pré-determinadas ou não e isso reclama por uma atenção maior sobre a valorização e as atitudes diante da paisagem ou do lugar, pois na relação entre a percepção humana e o ambiente os elementos físicos, sociais, psicológicos e imaginários fazem parte da construção do espaço.

Tuan, em suas obras *Topofilia* (1980) e *Espaço e Lugar* (1983), reconhece a influência desses elementos nas percepções ambientais de habitantes oriundos de diversas regiões e culturas, denotando as peculiaridades dessas diferenças. Os conceitos (de ordem qualitativa e valorativa) desenvolvidos e denominados pelo de topofilia e topofobia, como já mencionamos, significam respectivamente a afetividade e a aversão ao ambiente por parte da população.

Por estarmos tratando de um estudo cujo objetivo é compreender qual a relação afetiva entre as pessoas e o ambiente vivido e, conseqüentemente qual o valor que elas dão para o mesmo, torna-se relevante justificar a importância de se refletir sobre a noção de “valor”.

3.2.2 Atitudes

SCHIFF (1973, p. 54) sustenta que “a percepção afeta as atitudes e a cognição tem seu papel em ambas”, resultando no comportamento. Define ainda que “uma atitude, portanto é um conjunto organizado de sentimentos e crenças que influenciarão um comportamento individual” (p. 50). Afirma ainda que o comportamento reflete a visão que uma pessoa tem do mundo.

Segundo a autora (1973), a única forma de medir essa visão que um indivíduo tem do mundo é por meio de seu comportamento, incluindo o seu comportamento verbal. Essa preocupação, não se limita ao que o indivíduo pensa, mas também como ele fará, afinal, a atitude em relação a um objeto determina a maneira como o sujeito reagirá a ele quando o encontrar. Por isso a atitude possui um componente comportamental, que pode ser entendido como uma disposição a responder. “Uma atitude, portanto é um conjunto organizado de sentimentos e crenças que influenciarão um comportamento individual.” (*ibidem*, p. 50)

Desse modo, para ela, além do componente comportamental, a atitude tem componentes afetivos e cognitivos: o componente afetivo consiste em um sentimento de gostar ou não do objeto e o cognitivo, consiste em crenças, incluindo as avaliativas sobre esse objeto. Ambos são organizados pelo indivíduo em um sistema que o predispõe a responder de uma maneira coerente com esse mesmo sistema.

Na visão de Tuan (1980, p. 4): “atitude é primariamente uma postura cultural, uma posição tomada frente ao mundo”. Depende de uma certa estabilidade em termos de interesse e valor e é o resultado de sucessivas percepções ou experiências. No uso geral a palavra expressa sentimentos e crenças individuais sobre o objeto da atitude ou sobre a visão de mundo.

Para White (1978, p. 108), do ponto de vista da mensuração de uma atitude destacam-se: *a direção, a intensidade, e a coerência*. A *direção* é o sentimento da opinião segundo um par bipolar: ela pode ser a favor ou contra, positiva ou negativa, amigável ou hostil, aprovadora ou desaprovadora, otimista ou pessimista. A *intensidade* demarca a força ou o grau de convicção expressa: uma adesão pode ser fria ou apaixonada e uma oposição ligeira ou veemente. A *coerência* depende da relação entre atitudes diferentes e entre as atitudes e o comportamento.

Tuan (1982, p. 158), chama a atenção para o fato de que tendemos a pressupor uma concordância entre o intelecto e o comportamento, entre o que uma pessoa diz e faz, entre crença e trabalho, porque isso é o que frequentemente ocorre. Porém, o fato é que pode haver discordância entre crença e comportamento, entre o que uma pessoa diz e pensa, e isso aponta para o desafio de se entender a natureza dessa associação, suas ambivalências e contradições.

Assim como todos os outros itens do repertório humano, os modos de aquisição de atitudes são extremamente variados. As atitudes podem ser aprendidas através do condicionamento instrumental clássico, da observação, por meio dos ensinamentos diversos e da formação de conceitos. Como as percepções, as atitudes desenvolvem como resultado da experiência presente e progressiva e dessa perspectiva quase não há diferenças entre percepção e atitudes. Contudo uma afeta a outra e as estruturas cognitivas e afetivas têm seus papéis em ambas. Por outro lado, percepções são mais transitórias e instáveis que atitudes e ao contrário dessas, podem crescer de um componente afetivo (valorativo) ou cognitivo (SCHIFF, 1973)

Por último é preciso afirmar que a validade das fronteiras conceituais aqui levantadas, deve-se antes, à necessidade de abordar teoricamente o fenômeno perceptivo. Sobretudo é preciso entender que do ponto de vista experiencial percepção, valor e atitudes são elementos inter-relacionados e cujos significados se superpõem.

3.2.3 Valores

A percepção é um processo ativo da mente, em que se é possível interpretar o mundo. Sendo que, há uma contribuição da inteligência no processo perceptivo, que é mediada pela motivação, pelos valores éticos, morais, interesses, julgamentos e expectativas daqueles que percebem.

A palavra “valor” tem usos variados e complexos, como ressalta Lacey (1998). A compreensão do significado de “valor” depende parcialmente dos valores que sustentamos culturalmente, através das instituições (família, escola, clubes, igrejas) que são fontes da linguagem. A maioria das ações são também interações, pois são

resultantes de condições sociais, nas quais as pessoas agem coerentemente com certos valores impostos social e culturalmente. Interagimos de acordo com nossos papéis institucionais e com as relações estruturadas por instituições que nem sempre encorajam a manifestação de outros valores.

Segundo Lacey (1998), a diversidade de valores é importante e necessária, pois sem diversidade restringem-se as possibilidades de desenvolvimento humano. A descoberta de que valores são compartilhados pode ser a base para práticas comunitárias visando a construção de uma unidade comum, ou seja, comunidade.

Ao refletirmos sobre a natureza do valor temos de lançar nossa atenção sobre a cultura. A cultura é um fator de diferenciação social na qual nem todos compartilham da mesma herança, sendo este processo individual. Há, portanto, uma cultura dominante, e várias dissidências, ou seja, contraculturas que constituem um mundo marginal também estruturado, conforme expões Claval (1999). Para ele, as zonas marginais são marcadas pela conservação das diferenças, tornando-se culturalmente produtiva à medida que serve para pregar outros valores, apresentando soluções inéditas das habituais.

Para Claval (1999, p. 63) “A cultura é a soma dos comportamentos, sabres, técnicas, conhecimentos que os indivíduos ou grupos acumulam durante suas vidas. É mutável.” Ela se constitui em uma herança de memórias transmitidas de geração a geração, dependendo do meio, do nível técnico e das vivências individuais, contribuindo para diversidade das sociedades e das formas espaciais.

A apreensão do mundo e da sociedade, como lembra Claval (1999), é feita por meio dos sentidos: tato, olfato, visão, audição e paladar. A sensação jamais é pura, pois o indivíduo percebe através dos parâmetros de leitura que recebeu. O que se lê no mundo e na sociedade é o que se aprende a ver. Recebe-se do entorno um

sistema hierarquizado de preferências e valores que ditam atitudes e escolhas. Age-se segundo aqueles que nos olham e as pessoas procuram imitar o que se faz ao seu redor para se identificar ao grupo onde vivem, mesmo existindo o desejo por singularização. Os indivíduos utilizam-se dos mesmos valores que lhes foram transmitidos e isto se reflete nas organizações espaciais, ou seja, nas representações simbólicas formais, como por exemplo a paisagem ou os lugares.

Frequentemente, não notamos a origem cultural de nossos valores porque somos educados neles e para eles, como se fossem fáticos, existentes em si e por si mesmos. Chauí (1996, p.336), acrescenta que para garantir a manutenção e continuidade desses padrões de valores ao longo do tempo, de geração em geração, as diferentes sociedades tendem a naturalizá-los, tornando latente o mais importante: o fato deles serem criação histórico-cultural. Para a autora, trata-se de uma criação que determina para a coletividades, suas formas de relação com o espaço e com os homens, definindo o sagrado e o profano, o necessário e o possível, o contraditório e o impossível, o justo e o injusto, o verdadeiro e o falso, o belo e o feio, o legítimo e o ilegítimo, o “nós” e o “eles”.

Com a premissa de que a subjetividade participa da interpretação da paisagem, passa-se a compreender aquilo que Brüseke (2001) chama a atenção, quando fala da necessidade de aprender a ouvir e se abrir para as irracionalidades, para outros valores que são ocultados, em um mundo dominado pela razão técnica da modernidade. Isso permitiria interpretar sempre de um ângulo diferente, mesmo que outros olhares ainda estejam ocultos, pois nos é permitido conhecer de forma limitada, visto que a verdade nunca se revela em sua plenitude, mas em partes. Há sempre o inexplicável, algo inacessível para nossas interpretações racionalizantes.

Desta forma o estudo da paisagem deve se abrir para a subjetividade, considerando os valores de quem interpreta. Para Machado (1988a) tais estudos são acompanhados de julgamentos de valores, pois é o cenário vivido de experiências cotidianas, envolvendo lugares através de vínculos cognitivos e afetivos. A paisagem não é apenas uma forma, mas um lugar humano, com significado, caracterizado por inúmeros laços afetivos entre o homem (habitante, cidadão) e o meio ambiente. Assim, ela é constantemente redesenhada conferindo-lhe significação.

Esta atribuição de valores é resultado da vivência e da experiência humana, devendo ocorrer tanto em relação às paisagens como aos lugares. Segundo Relph (1979), não há limites precisos entre as idéias de espaço, paisagem e lugar como fenômenos experienciados, nem a relação entre eles é constante, sendo muitas vezes ambivalentes. Para ele, lugares têm paisagens, paisagens e espaços têm lugares. Para o referido autor, culturalmente o lugar talvez seja o mais fundamental dos três, pois congrega o espaço e a paisagem em torno das intenções e experiências humanas.

A fim de ilustrar o universo dos valores concernentes à paisagens, pode-se recorrer a uma pesquisa efetuada por Donald MEINIG em 1979, relatada por XAVIER (1994) e HOLZER (1992). Seu trabalho baseou-se em entrevistas com um pequeno mais varado grupo de pessoas que olharam, ao mesmo instante, para uma determinada cena.

Foram isolados dez enfoques diferentes: a interpretação da paisagem como *natureza* destaca seus elementos físicos e atribui pouca importância à ação humana; como *habitat*, a paisagem é vista como território para morada do homem; como *artefato*, considera-se primeiramente o produto da ação humana sobre a

natureza; como *sistema*, a paisagem é percebida como um conjunto, não se prestando atenção a fatos isolados; como *problema*, tende-se a identificar a paisagem como algo a ser superado; como *riqueza*, tudo o que é percebido na paisagem tem valor monetário; como *ideologia*, a paisagem é vista como uma representação e combinação de símbolos de uma sociedade; como *história*, a paisagem representa um registro de ocorrências diversas, de experiências do passado; como *lugar*, ela o centro de valor que é associado à satisfação das necessidades diversas; por último, a paisagem é enfocada sob uma perspectiva *estética* na medida em que se enfatiza suas qualidades panorâmicas e artísticas.

Dessa maneira nós confrontamos o problema central: qualquer paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde dentro de nossas cabeças [...] nós estamos preocupados não com os elementos, mas com a essência, idéias organizadoras que utilizamos para dar sentido àquilo que vemos. (MEINIG apud HOLZER, 1992, p. 208)

O próprio autor considera que esses dez modos de interpretar a paisagem não esgotam a possibilidade de existência de outros. Está claro, portanto, que mesmo que as pessoas olhem para a direção e no mesmo instante que outros, não poderão ver a mesma paisagem ou gostarem da mesma forma do mesmo lugar. Poderá haver consenso na visão de muitos elementos em termos de número, forma, dimensão e cor, mais tais fatos adquirem significado somente por meio de associações; eles precisam ser ajustados de acordo com algum corpo coerente de idéias.

CAPÍTULO IV

A LEITURA DO SENTIDO DO LUGAR

*Não há lugar como o lar. O que é lar? É a velha casa,
o velho bairro, a velha cidade ou a pátria.*

(Yi-Fu Tuan)

Tuan salienta que na extensa literatura sobre qualidade ambiental, relativamente poucas obras tentam compreender o que as pessoas sentem sobre espaço e lugar, considerar as diferentes maneiras de experienciar (sensório-motora, tátil, visual, conceitual) e interpretar o espaço e lugar como imagens de sentimentos complexos – muitas vezes ambivalentes (TUAN, 1983, p. 07).

As palavras do autor expressam bem a essência de nosso trabalho que chega em seu momento mais significativo, onde a construção da análise se volta para o exame das experiências cotidianas no uso do lugar pelos moradores e para papel representado pelos elementos signícos nessas experiências de modo a verificarmos como o ambiente é vivenciado para então compreender por que é assim vivenciado. O que atribui valor ao ambiente? a presença do rio? ao que reagem com mais emoção os usuários?

Os trabalhos de Blay, Castello e Machado, referenciados em Del Rio e Oliveira (1996), também foram tomados como parâmetros para o desenvolvimento das questões que nos permitiriam compreender a atribuição dos significados ao fenômeno experienciado.

Para iniciarmos nossa reflexão visando compreender a existência do lugar no contexto urbano, apresentamos aqueles que constituem este pequeno fragmento da face ribeirinha da cidade de Manaus. Na realidade, quando pensamos em conhecer estes homens e mulheres que concluem e que emprestam a significação para seu

lugar não podemos subtrair o fato de que eles têm sua vida definida pela posição que ocupam no círculo produtivo, isto é, em que tipo de atividade estão ou não inseridos, quanto recebem, o que fazem fora a atividade que lhes promove sustento, mas também como reagem aos imperativos das leis e das formas de ser dos lugares.

4.1 OS MORADORES

Consideramos para nossa análise o universo de 22 indivíduos de diferentes faixas etárias, gênero e situação socioeconômica, onde a grande maioria egressa de municípios do interior do Estado, de cidades localizadas na calha do rio Solimões como Anamá e Anori, conforme planilha do Anexo B. Veja os dados ilustrado no gráfico 2.

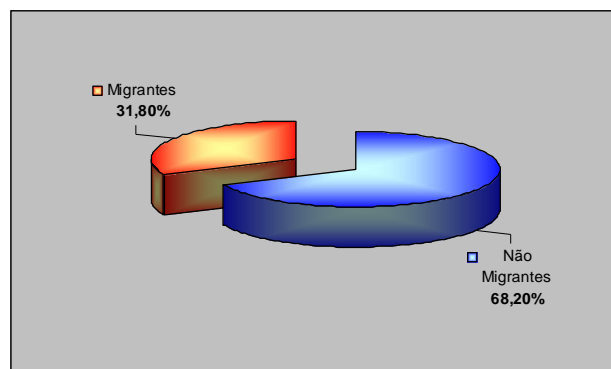


Gráfico 2 – Classificação da população da beira rio de Educandos quanto à origem

Fonte: Dados da Pesquisa de campo, 2006.

Os dados coletados em campo e organizados no gráfico acima apontam que 31,8% dos sujeitos entrevistados nasceram em Manaus e 68,2 % são migrantes. Este expressivo índice de migrantes pode ser explicado em função de nossos entrevistados terem sido, em sua maioria, os remanescentes de um grupo bem extenso que compunha o quadro dos que primeiros construíram suas casas na

beira-rio de Educandos. Pessoas que chegaram à capital ainda quando crianças, como comprovam os relatos abaixo.

Eu vim porque a mamãe conduziu nós. Naquele tempo o que eu sei é que a vida no interior era difícil. Ela trabalhava na agricultura, na roça. Ela trabalhou muito lá, nós era tudo pequeno e aí nos viemos pra cá pra melhorá um pouco. (Sr. Raimundo, ex-pescador, 54 anos de idade. Entrevista, jan. de 2007)

Seu Raimundo nos contou que chegou a Manaus por volta dos anos 50 trazido pela mãe que buscava na cidade melhores condições de vida. Esta é uma trajetória que se soma à de muitos caboclos ribeirinhos que se viam forçados a deixar para trás a vida no interior, que “era difícil”, para se estabelecerem na cidade, onde as alternativas se apresentavam como mais favoráveis. Veja este outro depoimento:

Eu vim para Manaus bem dizer com quatro anos. Vim morar com meus padrinhos, eles eram estrangeiro, português, família Morais! É onde eu fui criada desde pequenininha até meus 20 anos. Minha mãe me mandou pra eu ter uma educaçãozinha. A única educação que eu tenho hoje foi eles que deram. (Sra. Waldemarina, 89 anos, aposentada. Entrevista, jan. de 2007)

Enquanto uns vinham na companhia dos pais, outros eram encaminhados para a cidade sob a responsabilidade de parentes e amigos residentes fora do município de origem, como foi o caso de Dona Waldemarina, carinhosamente chamada de Dona Zuzu. Nota-se que a ação de migrar, nas duas situações, girava em torno dos mesmos objetivos: sair da condição desfavorável que se tornara a vida no interior.

Não é de nosso interesse aprofundar o diálogo sobre a questão da migração³⁸ uma vez que isto nos desviaria dos objetivos da pesquisa. Entretanto, cabe salientar que, enquanto um processo, a migração não resulta de uma tendência natural ou de

³⁸ Sobre o processo migratório na cidade de Manaus ver BENTES, 1983.

uma ação espontânea, mas, sobretudo, ela acontece a partir de um dado momento histórico onde que se acelera em função da complexibilidade dos elementos que integram os sistemas sócio-culturais e econômicos das sociedades de origem e destino, e estando no interior deste contexto as pessoas são condicionadas a tomar as suas decisões.

Em Manaus, o processo das migrações internas não é recente, suas origens estão ligadas às crises cíclicas da agricultura e do extrativismo. Contudo, a partir do final dos anos sessenta ela se intensificou, como resultado da expansão econômica e da melhoria da infra-estrutura e dos serviços urbanos, da melhoria das comunicações e dos transportes e da desagregação das atividades econômicas tradicionais do interior amazônico. (BENTES, 1983; OLIVEIRA, 1998)

Mas há quanto tempo estas pessoas vivem no lugar? Está claro pelos depoimentos anteriores que a ocupação do lugar se deu há muito tempo. Entretanto fizemos um levantamento que nos possibilitou caracterizar com mais detalhes a variável tempo de moradia. Veja os dados:

Tabela 1 - Tempo de moradia

Tempo de Moradia	Qtde.	%
De 1 a 2 anos	3	13,6
De 3 a 5 anos	1	4,5
De 6 a 8 anos	1	4,5
Acima de 9 anos	17	77,3
TOTAL	22	100

Fonte: Pesquisa de campo, 2006.

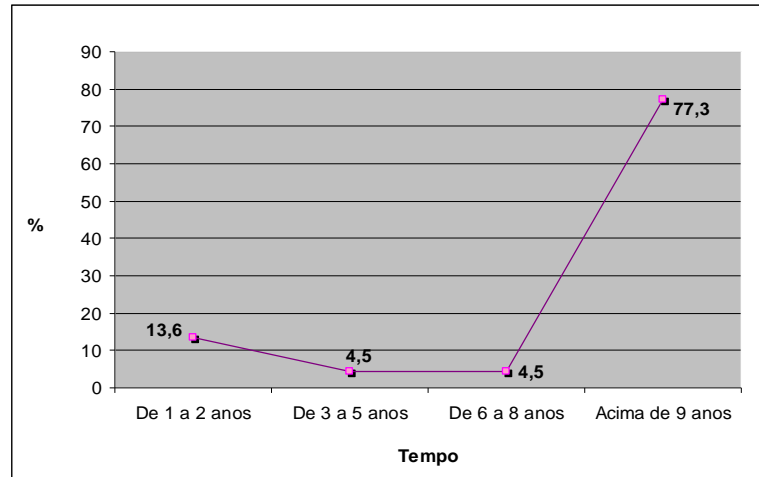


Gráfico 3: Tempo de moradia

Segundo os dados da tabela 1 e gráfico 3, 77,3 % dos moradores da beira-rio vivem no local há mais de 9 anos. Verificamos *in locu* que um dos núcleos familiares mais antigos, com aproximadamente 40 anos de moradia no local, é formado por uma só família de 8 pessoas que ocupam hoje quatro casas. Em seguida, 13,6% de pessoas declararam estar morando de 1 a 2 anos no lugar. Este índice, somados aos 4,5% dos que disseram estar residindo na área entre 3 e 8 anos, revela um considerável fluxo de pessoas que chegam para passar uma breve temporada na cidade, mas acabam ficando por um período maior do que o previsto agarrando as possibilidades que o lugar oferecia.

Continuando nosso levantamento, dispomos agora as informações sobre a faixa etária por sexo nas unidades familiares visitadas.

Tabela 2 - Faixa Etária por Sexo nas unidades familiares

Faixa Etária	SEXO			
	M		F	
	N.º	%	N.º	%
0 a 5	8	12,90	9	15,00
6 a 10	13	20,97	12	20,00
11 a 15	9	14,52	3	5,00
16 a 20	3	4,84	4	6,67
21 a 30	13	20,97	12	20,00
31 a 40	8	12,90	10	16,67
41 a 50	4	6,45	4	6,67
Acima de 50	4	6,45	6	10,00
TOTAL	62	100,00	60	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 2006.

A Tabela 2 nos mostra que 50% dos moradores das unidades visitadas possuem idade inferior ou igual a 20 anos; 41,8% totaliza o percentual dos que possuem entre 21 e 50 anos, e 8,2% encontram-se na faixa etária dos que possuem mais de 50 anos. Estas informações nos permitiram constatar que está em processo de consolidação a terceira geração de moradores na Avenida Beira Mar, pois que os entrevistados que estão acima de 50 anos constituem a parte remanescente da primeira geração de moradores. Uma observação a ser feita é que, segundo nossos entrevistados, uma parcela considerável dos primeiros moradores da beira-rio ou já faleceram ou se mudaram para outros pontos da cidade.

O nível de escolaridade é outro ponto de relevância incluído neste levantamento. Com base nas informações compiladas foram consideradas seis categorias de grau de educação formal na tentativa de melhor demonstrar a variável em questão. Dessa forma, foram analisados os seguintes níveis de escolaridade: pessoas que não concluíram o ensino fundamental (nível 1); que concluíram o ensino fundamental (nível 2); que não concluíram o ensino médio (nível 3), que concluíram o ensino médio (nível 4); que possuem curso superior (nível 5) e, por fim, que são analfabetos (nível 6).

Tabela 3 - Nível de Escolaridade

Escolaridade	Quant.	%
1 – Esn. Fund. Incompleto	13	59,09
2 – Ens. Fund. Completo	01	4,54
3 – Ens. Médio Incompleto	00	0,00
4 – Ens. Médio Completo	02	9,09
5 – Superior	00	0,00
6 – Analfabeto	06	27,27
TOTAL	22	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 2006.

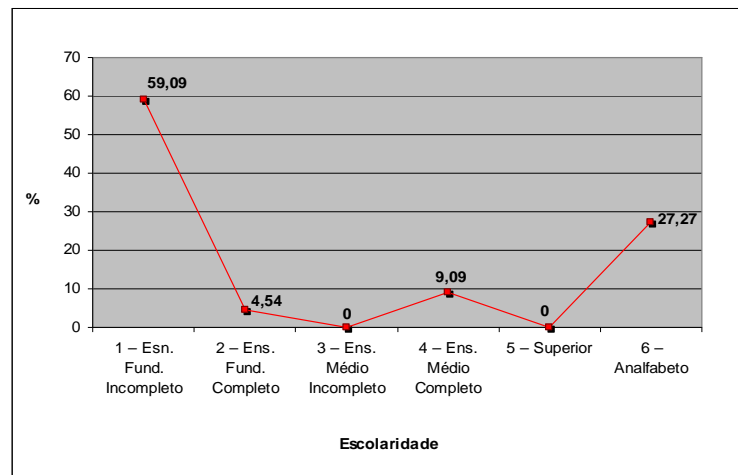


Gráfico 4: Nível de Escolaridade

Os dados expostos no gráfico 4 mostram que 59,09% dos entrevistados não concluíram o ensino fundamental; os percentuais dos que concluíram tanto o ensino fundamental quanto o médio totalizam 13,63% e ainda, 27,27% das pessoas entrevistadas são de analfabetos e semi-analfabetos. Esta última categoria é composta pelos que sabem apenas assinar o nome. Estes dados, quando relacionados aos dados de faixa etária, nos permitem concluir que os moradores que chegaram a completar o ensino fundamental estão na faixa dos 31 aos 50 anos. Os que estão acima de 50 anos enquadram-se entre os analfabetos e semi-analfabetos.

Estes baixos e preocupantes índices de escolaridade vão refletir diretamente em questões como renda³⁹ e ocupação desta parcela de moradores. Vejamos os dados:

Tabela 4 - Renda Familiar por domicílio

Renda por domicílio	Qtde	%
Acima de 3 s/m	-	-
Acima de 2 s/m	03	13,6
Acima de 1 s/m	07	31,8
1 s/m	02	9,1
Menos de 1s/m	05	22,7
Sem renda	05	22,7
TOTAL	22	100

Fonte: Pesquisa de campo, 2006.

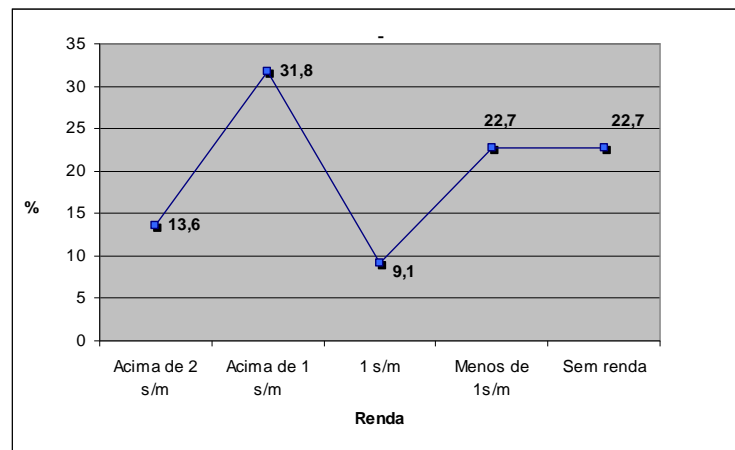


Gráfico 5 – Renda Familiar por domicílio

Os percentuais de renda familiar, apresentados na tabela 4 e gráfico 5 revelam que 54,5% das famílias estão entre as que não possuem nenhum rendimento até aquelas que recebem apenas 1 salário mínimo para o sustento da família; outros 45,4% somam os percentuais das famílias com rendimentos mensais acima de 1 e 2 salários mínimos. Queremos ressaltar que os dados em questão são

³⁹ Os rendimentos aqui foram mensurados segundo as classes de salário mínimo vigentes, no qual se considerou o valor que vigorava no ano de referência, 2006, quando o salário mínimo era de R\$ 350,00 (trezentos e cinquenta reais). A projeção da renda familiar levou em consideração todas as fontes de renda financeira, inclusive as de origem eventual, fruto de pequenas atividades de prestação de serviços, os “bicos” que auxiliam no sustento da família.

importantes para dimensionarmos a situação econômica da comunidade, porém não é de nosso intento averiguar com exatidão a renda salarial dos responsáveis pela casa. Acerca da distribuição das profissões obtivemos a seguinte configuração:

Tabela 5 - Distribuição das Profissões

Atividade	Qtde.	%
Funcionário Público	0	0,00
Funcionário Privado	1	4,54
Autônomo	4	18,18
Aposentado(a)	3	13,64
Outra	14	63,64
TOTAL	22	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 2006.

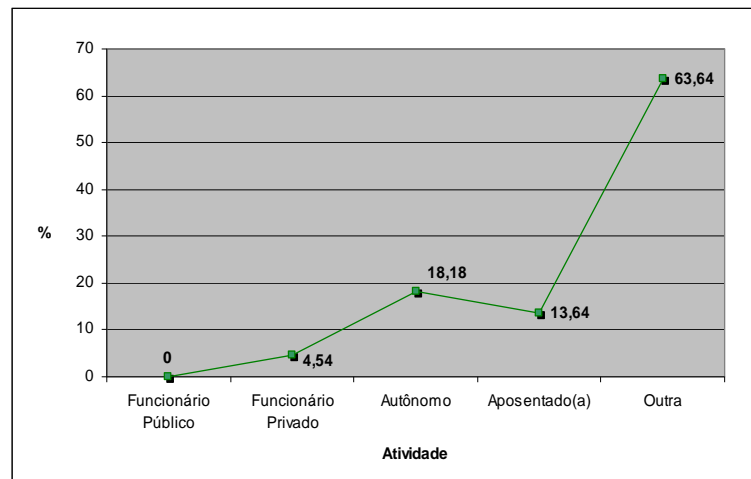


Gráfico 6 – Distribuição das Profissões

Dos 22 moradores entrevistados, apenas 4,54% exerce alguma atividade formal; 13,64% é o percentual de aposentados. Verificamos ainda a concentração de trabalhadores no setor terciário, onde se incluem as atividades do mercado informal⁴⁰ caracterizado pelo trabalho desqualificado ou com pouca qualificação, são

⁴⁰ Paul Singer (1973) explica que parte da população migrante que não consegue se integrar na economia urbana reproduz na cidade certos traços da economia de subsistência sob a forma de atividades autônomas, geralmente serviços: vendedores ambulantes, carregadores, serviços de reparação etc. Embora tais atividades sejam desenvolvidas no âmbito espacial da cidade, elas não se acham integradas na economia capitalista. Na medida em que, devido aos baixíssimos níveis de remuneração que seus executantes são obrigados a aceitar, elas conseguem competir com empresas capitalistas, seu efeito é realizar a demanda pelo produto da economia capitalista da

os conhecidos “bicos” realizados pelos 18,18% que se disseram autônomos (GRÁFICO 6). As atividades exercidas por esta parcela da população estão ligadas à pesca, ao pequeno comércio ambulante e ao embarque e desembarque de mercadorias que chegam do interior do estado nos barcos de linha.

Destaca-se ainda nessa distribuição uma maior concentração na categoria “outras” atividades que compreende a categoria das donas de casa. Nesta condição estão 63,64% das mulheres, em quais as entrevistas foram centradas. O acúmulo das atividades domésticas, mais a responsabilidade de cuidar dos filhos não disponibilizam tempo para que elas procurem por trabalhos que lhes proporcionem alguma remuneração. Destacamos um depoimento que reflete bem a situação das donas de casa da beira-rio.

Eu acordo 04h00min horas da madrugada! Vou fazer o café dos meus filhos. Acordo meus filhos para ir para aula. Aí eu já vou cuidar de lavar roupa, lavar vasilha, cuidar de casa. Pego uma costurinha aqui outra a colá! Continuo, chego na cozinha, já vou botar o almoço no fogo, já vou espremer roupa, já vou fazer meu arroz, já vou fazer meu baião, vou tratar o peixe. Aí, cinco horas já vai chegando as crianças, aí já é merenda, já vou cuidar de janta. Meu dia-a-dia é 24 horas na batalha, sem parar. (Sra. Ângela, 48 anos de idade. Entrevista, maio de 2006)

A dedicação exclusiva que estas mulheres dispensam ao trabalho doméstico veio em consequência da mudança para a cidade uma vez que a vida urbana lhes impõe uma série de limites que acabam por restringir suas atividades ao cuidado com os filhos e com a casa. Em última hipótese, elas se transformam em empregadas domésticas, pois, na prática não lhes resta outra opção profissional.

cidade e, portanto, sua procura por força de trabalho: o comércio de ambulantes limita a atividade e o emprego no comércio organizado em moldes capitalistas, os lavadores de carro reduzem a clientela dos postos de serviço e assim por diante. (SINGER, 1973, p. 46)

4.2 O LUGAR NA MEMÓRIA DE QUEM NELE VIVE

Quando se pretende revelar a dimensão do significado e da importância do ambiente vivido, o conhecimento do passado – um elemento importante no amor pelo lugar – e a familiaridade – que engendra afeição ou desprezo – são imprescindíveis (TUAN, 1983).

Para Machado (1996), a forma mais adequada de tratar os significados atribuídos ao ambiente vivido é procurar descobrir a realidade investigada, tal como ela é experienciada pelo sujeito; é procurar resgatar, de modo tão preciso quanto possível, o que ocorre com ele ao viver suas experiências; é buscar recompor a paisagem vivida ou conhecida conceitualmente com base na apreensão direta ou no aprendizado e na memória.

Sendo assim, a memória tem lugar significativo nesta pesquisa, ela possibilitou a composição de parte da história de vida desses moradores. Conhecer e ouvir Dona Zuzu (89 anos), que chegou ao lugar com 20 anos de idade e ali teve seu filho, Francisco (48 anos); Seu Raimundo (55 anos), um senhor que se criou e constituiu família ali por meio da pesca; Dona Alzilete (64 anos), a mais convicta moradora da beira-rio; além de outras queridas e fortes figuras como Dona Domingas (72 anos), Dona Maria Luiza (64 anos), Dona Ângela (62 anos), significou muito mais do que construir uma especificidade do trabalho, significou toda a realização do mesmo.

A respeito do ato de recordar, Bosi (1994) compara as posturas do velho às do adulto: para o adulto ativo, vida prática é vida prática, já a memória é fuga, arte, lazer, e forma de contemplação. Trata-se do momento em que as águas se separam com maior clareza. Quanto ao velho, ao lembrar do passado, ele não está descansando por um estante das lidas cotidianas, não está se entregando

fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesmo de sua vida.

Foi assim que Dona Zuzu, a mais antiga moradora do lugar, relembrou as circunstâncias de sua chegada na beira rio de Educandos:

Eu quando vim morar pra cá em 39, eu vim com o bucho no pé da garganta! Aí em cima tudo era mato (se referindo ao topo do barranco), por aqui tudo era mato, quer dizer, era praia com mato, igapó que chamam. Aí, nós encostamo na beira e subimo os barranco como cobra que vai subindo. (Entrevista, jan. de 2007)

Sentada em sua cadeira de embalo, gesticulando bastante com as mãos, a moradora fala do lugar experienciado, relata sua história como quem narra uma aventura. Na época, segundo ela, o único meio de acessar o lugar pretendido era escalando o barranco⁴¹ da beirada do rio, e assim o fez, se arrastando “como cobra”. Suas bem humoradas palavras refletem hoje a consciência de ter suportado, superado as dificuldades, o que traz para ela alegria e uma ocasião de mostrar sua competência, pois que “experenciado é vencer os perigos [...] aventurar-se no desconhecido e experimentar o ilusório e o incerto” (TUAN, 1983, p. 10)

Dona Zuzu relembra ainda:

Nesse Educandos só era mato. Essa Colônia aqui antes era um caminho, pra nós achá um limão nós andava, andava! Tinha casa, mas era no meio do mato. As casa era de palha. Agora não, de uns tempo pra cá que fazem as casa de alvenaria, mas antes era palha! Mas aqui na beira quase não tinha casa, não tinha nada, era uma casa aqui, outra lá, outra lá diante! Não tinha a feira, tinha o peixeiro que vendia peixe de canoa. No rio tinha as canoa, não tinha motor. (Entrevista, Jan. de 2007)

A moradora narra os fatos do cotidiano evocando inúmeros aspectos sociais e simbólicos que constituíam ambiente vivido de outrora. Na reconstrução da

⁴¹ A orla de Manaus caracteriza-se pela forma falesiana de sua topografia, com até 78 metros de altitude e amplitude entre 30 e 50 metros. Especificamente no local da pesquisa a encosta possui cerca de 15 metros de desnível médio, chegando no trecho final a 25 metros, com alta declividade. (PREFEITURA DE MANAUS. Relatório para identificação das edificações em risco de desabamento da orla de Manaus – AM, 2001).

paisagem da beira rio de Educandos os dados são nitidamente organizados pelos sentidos, construídos e simbolizados no consciente e no inconsciente.

Dona Maria Luiza, 64 anos idade e 45 anos de moradia na beira rio de Educandos relembra:

A paisagem aqui era bonita. Aqui do lado de onde eu moro tinha muito aqueles...araçá. O pessoal ia até pra lá e pescavam. Quando enchia o pessoal ia pra perto dessas árvores e pescavam, ia até onde é a Panair. A água era limpa, era tudo limpo! (Entrevista, jan. de 2007).

É importante destacarmos a familiaridade com que estas pessoas descrevem o cenário da beira-rio de antigamente. O lugar passado, portanto, é resultante da paisagem vivida, experienciada, um quadro de vida nos quais as pessoas interagem com seus arredores. Vale lembrar que, segundo Cláudio Amazonas, a configuração espacial do bairro de Educandos em 1939 contava com 6.000 habitantes, 31 residências térreas, 1.333 mocambos e 3 sobrados. Nesta época os caminhos que davam acesso à beira do igarapé de Educandos, à praia do Amarelinho e às outras áreas da orla do rio Negro eram cercados por araçás e tucumanzeiros (AMAZONAS, 1996, p. 25).

A memória dos primeiros moradores revela ainda, de forma nostálgica, a existência de uma atmosfera de tranquilidade reinante.

Depois que me estabeleci aqui eu fui pescar. Criar meus filho, tudinho por intermédio desse motorzinho. Quando cheguei aqui tudo era limpo, tinha praia, todo mundo fazia o seu campinho de futebol. Eu saia pra pescá...Na época a gente tinha tudo aquilo que o caboco gosta, peixe, tambaqui...(Sr. Raimundo. Entrevista, Jan. de 2007)

O lugar que toma forma nos pensamentos e nos sentimentos das pessoas, refere-se ao cotidiano, ao sentido de ligação e afinidade, mais ainda, é o lugar delineador das necessidades e muitas vezes das paixões. Os lugares nem sempre são visíveis, eles se fazem visíveis através do meio. Esses lugares somente se tornam mais reais através da ação do homem. O espaço local se fortalece enquanto

lugar pelas aspirações humanas pelas necessidades e os ritmos de vida pessoal e dos grupos (TUAN, 1983)

A melhor parte de Educandos pra gente morar era essa Beira-Mar, lugar tranqüilo! Meu pai chegava da viagem - não tinha luz elétrica, era lamparina, aí era muito quente dentro de casa - aí ele dizia: - filho faz uma cama no passeio, vamo todo mundo dormir no passeio! Ai, fazia a cama e dormia com a casa aberta. Tinha tranqüilidade pra dormir com a casa aberta, ladrão não vinha roubar a casa. E dormia a vontade, de madrugada dava aquele vento. Era tranqüilo, tranqüilo mesmo! Era muito bom! (Sr. Francisco, 48 anos de idade, aposentado. Entrevista, Jan. de 2007).

Na fala de Seu Francisco, as manifestações topofílicas pelo lugar do passado podem ser claramente percebidas. Os laços afetivos envolvem o contato corporal, ocasionam respostas táteis – sentir o calor, sentir o vento, como resultado de um lugar considerado tranqüilo, seguro.

Machado (1996, p. 107) argumenta que a paisagem e o lugar não estão apenas ao alcance do olhar, mas principalmente à disposição de todo o corpo. Sua percepção impõe não somente a visão de elementos singulares que, por algum motivo se destacam no conjunto, mas a interação da experiência individual. É assim que a pessoa vivencia a paisagem e apreende seu conteúdo subjetiva e efetivamente.

Desta forma, a percepção constitui-se na interpretação do mundo pelo indivíduo a partir do que se vê, sente, cheira, enfim, apreende com os sentidos. Ela representa a decodificação da sensação, transformando-a em idéia e em imagem (CLAVAL, 1997).

Tuan assegura que a resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida pode variar do extremo prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite de sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com

o lugar, por ser o lar, o lócus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida. (TUAN, 1980, p. 107).

Percebe-se que a construção dos parâmetros espaciais influi e interage no visto e no vivido o que nos remete às proposições de Collot (1990, p. 27) quando este nos diz que paisagem está ao alcance do olhar, mas também a disposição do corpo; e ela se reveste de significados ligados a todos os comportamentos possíveis do sujeito. O ver amplia-se ao poder.

Neste sentido, o lugar aqui experienciado pelos moradores lembra que a temporalidade e, conseqüentemente, o componente cultural - da informação, dos costumes, dos valores – não podem ser esquecidos no processo de construção dos espaços, como bem salienta Santos (1994).

4.3 AS RUPTURAS COM O AMBIENTE VIVIDO

O mundo vivido é multifacetado e a geograficidade⁴² dos moradores inclui não somente experiências aprazíveis em relação à paisagem, mas também respostas depreciativas e negativas que aqui vão caracterizar o processo de ruptura homem-meio. Para verificarmos e refletirmos sobre este processo questionamos os moradores acerca de situações que motivam neles sentimentos de incômodo, medo e restrição no ambiente vivido.

A análise da configuração atual da beira-rio de Educandos chama atenção para as coexistências de tempos sociais. A coexistência desses tempos nos indica tempos perdidos, ausentes materialmente, mas presente enquanto lembranças na memória dos primeiros sujeitos que ali chegaram.

⁴² Holzer (1992) conceitua a geograficidade como uma cumplicidade constante entre o homem e o seu entorno; que se desenrola em um espaço material onde inclui-se bons e maus encontros com os ambientes.

O contato cotidiano íntimo, prolongado e direto com a beira-rio de Educandos permitiu aos moradores descreverem alguns significados sobre como é, atualmente, o lugar onde vivem. Sobressaíram-se⁴³ nas respostas uma grande variedade de adjetivações:

- *desorganizado*, porque “tem muitas casas, está desorganizado”;
- *sujo*, “a paisagem não é bonita por causa do lixo e da desordem”, “de uns tempo pra cá está muito sujo”.
- *perigoso*, “moramos próximo de um barranco, quando chove cai casa” É perigoso!”, “aqui é só bocada”.

Observa-se que tais referências não extrapolam ao âmbito da tumultuada configuração espacial e das baixas condições sócio-ambientais. Estas revelações se distanciam em muito do lugar anteriormente descrito. Deste modo, fomos em busca dos argumentos que justificassem esta contradição.

Seu Francisco, um morador nascido e criado na beira-rio, nos deu a seguinte informação:

Depois que fizeram essa feira, aterraram esse pedaço, aí começou. Foi aquela confusão de lá pra cá. Aí depois vieram esses outro pessoal, aí bagunçou a Beira Mar! (Entrevista, jan. de 2007).

O morador revela, tomado por suas lembranças, que o processo de construção se intensificou a partir da criação da feira da Panair e do aterro de uma área “abandonada” daquele espaço, o que propiciou um intenso fluxo de pessoas dispostas a construir suas casas. Deste momento em diante, Seu Francisco afirma que a tranquilidade da beira-rio foi quebrada.

⁴³ As palavras em itálico representam as categorias cuja seqüência corresponde à freqüência (ordem decrescente) com que aparecem nos depoimentos. As expressões entre aspas são dos próprios moradores

Reforçando o depoimento anterior, a Sra. Marilene, também nascida e criada no lugar relata:

A paisagem era muito bonita, mas depois que tiraram essa área de terra e aqui ficou limpo, vieram o pessoal novato pra cá, então já prestou o pedaço onde agente morava. Antigamente essas pessoas eram todas essas pessoas que não gostavam de trabalhar com droga, não eram essas pessoas que gostavam de confusão, de briga sabe, era tudo unido você podia vê! Antigamente nessa beira aqui era uma praia, a areia chega era branca, chega era alva, vê como agora só ta um lixaral, então as pessoas que vieram morá ultimamente aqui mana são horrível. (Educandos, maio de 2006)

Uma das moradoras mais antigas do lugar faz relação entre número reduzido de moradores e a tranqüilidade de tempos atrás:

Aqui tinha poucas casas. Você contava, tinha uma casa ali a outra aqui e agora está desorganizado, é quase uma em cima da outra. Era um local calmo de pouca gente. (Sra. Alzilete, 64 anos, dona de casa. Entrevista, abril de 2006)

Alzilene, 31 anos, também reforça que por causa da excessiva quantidade de casas o lugar agora está cheio de lixo. Mostrando-se segura em seus argumentos, ela afirma:

Antigamente você podia vim aqui nesse beirada, você não via um lixo, mas agora quando o rio seca...É por isso que eu te digo que quem fez essa mudança aqui é esses pessoal novato que chegaram agora, são pessoas que gosta de viver no lixo. (Entrevista, abril de, 2006)

Dona Domingas, 74 anos nos conta uma das muitas situações pelo qual já passou durante os anos em que mora na beira-rio.

Quando eu cheguei aqui era muito bom. Agora esses tempo pra cá...eu tenho medo do barranco. Essa casa de alvenaria era do lado da minha, era bem pequena, de madeira. Esses pessoal aqui do prédio em cima jogam muito lixo, jogaram muito lixo, daí quando choveu, nossa casa novinha foi assim parece uma pedra de gelo, sorte que o João já tinha mandado o Mario ir lá pra lancha na beira, aí que a chuva tava grossa foi que nós corremo pra lá, quando nós olha pra trás a casa tinha acabado, avalênça que num morreu ninguém. Daí pra cá nós não tivemos mais sossego. Esse povo fumando ali debaixo, é uma agonia. (Entrevista, Jan. de 2007)

Nos vários relatos dos entrevistados o lugar agora impõe limites por conta da excessiva quantidade de casas e de pessoas, fato que, segundo eles, contribuiu de forma decisiva para a atual situação em que se encontra a área, mostrada no Capítulo I.

O lugar do passado e do presente aqui analisados podem ser caracterizados, respectivamente, pela espaciosidade e pelo apinhamento. Tuan (1983) assevera acerca destes conceitos que “um cenário é espaçoso se nos permite movermos-nos livremente”, portanto, a sensação de estar livre está intimamente associada à espaciosidade. Por outro lado, a diminuição do espaço e a ameaça de liberdade associam-se ao apinhamento. Desta maneira, o meio ambiente físico pode influenciar o sentido de tamanho e espaciosidade, uma vez que na presença dos outros, os pensamentos recuam devido ao fato de que outras pessoas projetam seus mundos na mesma área. À medida que as pessoas penetram no espaço, para cada uma existe um ponto em que a sensação de espaciosidade passa ao seu oposto – apinhamento. (TUAN, 1983, p. 63-7)

Quando eu tive morando aqui noutros tempos, não era assim essa beirada não. Não existia esses cano, que as pessoas chega vão passando com medo. Os cano chega tão imprensado e jogam água de lá de cima. Pode prestá atenção que por trás desses pisozinho é tudo encharcado. Antigamente era tudo enchutinho tinha um rego próprio direto pra cair lá naquele esgoto lá, não era assim! (Entrevista, maio de 2006)

O depoimento acima é de Dona Alzilete, esta senhora vem sofrendo há pouco mais de um ano com a perda da visão em decorrência de glaucoma. Por conta de seu atual estado seus relatos sempre foram emotivos, cheios de sentimentos de tristeza e revolta por conta das situações adversas que enfrenta no lugar em determinados momentos:

Antigamente quando eu enxergava e os outros moradô ficava, porque muitos mudaram, aqui já tem outros moradô, nessa escada agente podia andar não atolava o pé, agora pra gente ir no centro, principalmente pra

mim, é uma dificuldade horrível! Eu vou de sandália, aquela água despejando tudo por cima pra cá pra casa, pra todas as casa, eles jogam água e a atolera fica. Então, pra gente é uma dificuldade. Quando eu chego lá em cima minha sandália tá toda molhada, meus pés tão tudo sujo, aí a minha filha desce vem buscar um pouco d'água e leva um pano pra enxugar meus pés. Antigamente não era assim, você podia andar de sapato alto com os olhos fechados. (Entrevista, maio de 2006)

O lugar de hoje impõe muitas limitações aos moradores. Há unanimidade nas falas dos sujeitos acerca dos aspectos que contribuíram para desestruturar não só as condições físicas, mas também humanas na beira-rio⁴⁴. Vale ressaltar que o desencadeamento do processo de estranhamento e de ruptura dos hábitos são aqui caracterizados como elementos de uma topofobia.

Direcionamos nossos questionamentos para as situações que geram incômodo. Os aspectos ressaltados pelos entrevistados se referiram principalmente à presença de usuários de drogas na área, este fato, sem dúvida, gera a insegurança e motiva o medo associado à noção de perigo.

Graves situações foram reveladas, como nos mostra este depoimento:

...de vez em quando estрупam, aqui é morte, aqui é bocada, aqui não se respeita ninguém... Pode prestar atenção, por volta de seis horas ninguém pode mais mandar uma criança numa taberna comprar um açúcar, um pão, uma coisa qualquer, e mesmo gente grande. (Sra. Maria Helena, 46 anos, dona de casa. Maio, 2006)

No que se refere à existência de restrições no lugar, os moradores apontaram para uma série de usos anteriormente praticados e que agora quase não se vê. Não podemos afirmar que no passado essa paisagem teve em algum momento beleza realmente visível, mas pelos relatos o antes parece ser melhor do que o agora.

⁴⁴ Todos os fatos apontados podem ser relacionados de um modo geral ao contexto da década de 90 quando os governos e as administrações municipais não deram a devida atenção à questão da terra urbana. Como agravante, salários e empregos de trabalhadores foram sacrificados em favor de uma política de contenção e redução dos gastos do Estado com políticas sociais. A retração do poder aquisitivo e o aumento do desemprego contribuíram para o empobrecimento de uma parcela da população, que por sua vez passaram a ocupar de forma indiscriminada as áreas ambientalmente frágeis dentro da cidade (BECHMAN, 2003).

Aqui tinha muito mato, mas o barranco foi caindo, caindo e foi levando tudo. As pessoa tomavam banho no rio tranquilamente, não tinha essa poluição. Naquela época tudo era praia, tudo era limpo. As pessoa fazia seu campinho de futebol. Não existia isso agora como ta existindo hoje. Hoje tá diferente, mudou muito! (Sr. Raimundo. Entrevista, jan. de 2007)

As relações de amizade, de vizinhança que se estabeleceram a partir da constituição do lugar também foram lembradas:

...quando era só aquelas pessoas antigas agente se juntava e quando o rio secava, fazia tipo um mutirão, entendeu. Todo mundo pegava o seu ciscador, a beira era bem limpinha. Antigamente você podia vim aqui nesse beirada você não via um lixo, mas agora quando o rio seca...! Você pensa que tem pessoas que desce pra debaixo da sua casa pra fazer um rego pra escorrer a água?! (Sra. Marilene, 37 anos. Entrevista, maio de 2006).

Para a moradora as relações de proximidade favoreciam as atitudes em prol da manutenção da limpeza e organização na área, as pessoas trabalham juntas por uma causa comum. Nestes casos, segundo Tuan (1983, p. 73), um homem não tira o espaço do outro, pelo contrário ele aumenta o espaço do companheiro, dando-lhe apoio.

Os relatos também apontam para uma “nostalgia” que parece decorrente do fato de que as mudanças na vida cotidiana aparecem como perdas do modo de vida que se tinha, e que agora não tem mais.

Muita gente quando vinha na minha casa comia, bebia! Minha casa era toda limpinha, era toda espanadinha, eu espanava. O terreiro era limpo de vassoura! Esse terreiro era muito lindo pra gente comer um peixe assado debaixo da casa, isso quando o rio tava seco! (Sra. Alzilete. Entrevista, maio de 2006)

Percebemos o fato de que “antes” os moradores se diziam ter uma “qualidade de vida”. A idéia de qualidade de vida apareceu de modo recorrente nos relatos e constitui a base do discurso contrário à situação em hoje se encontra a Beira Mar. Para o Seu Francisco, por exemplo, a idéia está associada ao lugar como sinônimo de sossego e tranqüilidade. Para a Dona Marilene, a qualidade de define pelos

“mutirões de limpeza” realizados pelos moradores antigos. Para o Seu Raimundo significa poder tomar os “banhos de rio”.

O juízo de valor é visível nas falas – não existia, está existindo , era bom, agora está ruim. Isto é inserido em um processo de percepção que carrega o significado de “como se vive no lugar”. Estas rupturas ou descontinuidades nos modos de vida, em termos materiais e simbólicos, não podem ser negligenciadas.

Para termos uma visão geral dos aspectos que geram sentimentos de incômodo, medo e restrição estruturamos o gráfico abaixo perguntando aos moradores o que eles menos gostam no lugar?

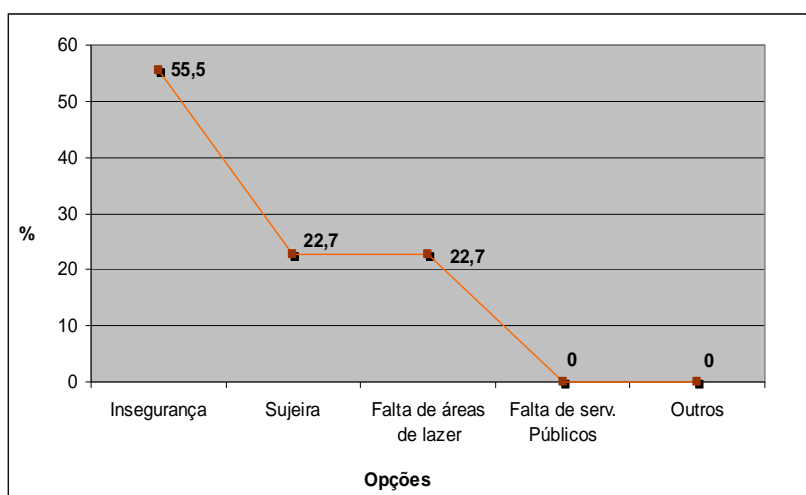


Gráfico 7 - O que menos você gosta do lugar onde mora?

Sobre nossa proposição, obtivemos os seguintes resultados apresentados pelo gráfico 7: 55,5% dos entrevistados destacam sua insatisfação com a falta de segurança e, 45,4 % representa a soma dos que disseram não gostar da sujeira e da falta de áreas de lazer para as crianças.

Vale salientar que a discussão sobre o acesso da população a estes tipos de serviços públicos se faz necessária e importante na medida em que estes se constituem em instrumentos de medição no que diz respeito ao direito à cidade e

sucessivamente à cidadania. Pois enquanto alguns têm direito apenas a moradia em situação digna, e outros nem a isso, há aqueles que contam com moradia digna e localizada próximo a generosa quantidade dos aparatos oferecidos pelos serviços público.

Não restam dúvidas que os medos e restrições existentes na beira-rio de Educandos influem negativamente sobre a avaliação dos moradores, pois sabemos que os problemas vividos acabam depreciando a experiência de paisagem de qualquer sujeito.

O sentimento de banalização da injustiça e do sofrimento, apesar de elevado, não elimina totalmente sua percepção “crítica” diante do sistema Sociedade que lhes nega espaço para sua auto-realização.

4.4 A VIDA COTIDIANA NA AVENIDA BEIRA-RIO

Podemos pensar na dimensão da vida em um espaço em que o visível aos nossos olhos é a expressão do “caos”? Nossa resposta é sim, e está pautada na necessidade de construção de uma nova matriz de planejamento urbano⁴⁵, onde a disseminação da informação e do conhecimento sobre a cidade real ou sobre a realidade urbana tem a importante função de afastar a bruma que encobre a realidade e desvendar a dimensão da exclusão (MARICATO, 2000, p. 125)

Se em parte o lugar revela a imagem do abandono, o contato com os sujeitos que o construíram trouxe a tona um espaço de condensação de energia e de potencialidades que constituiu um terreno fértil para a atuação de várias forças.

⁴⁵ O planejamento urbano modernista/funcionalista foi o principal instrumento de um processo político-econômico que contribuiu para ocultar a cidade real e para a formação de um mercado imobiliário e especulativo. O resultado é: planejamento urbano para alguns, mercado para alguns, lei para alguns, modernidade para alguns, cidadania para alguns. (MARICATO, 2000, p. 125)

Aqui, apresentamos situações raras de um “tempo lento” acontecendo dentro do ritmo frenético da cidade.



Figura 24 e 25 – A brincadeira de bola quando seca o rio e o passeio improvisado de canoa para agradar a criança
Foto: Helen Oliveira, jan., 2007.

As imagens das figuras 24 e 25 retratam um ambiente onde o lazer acaba sendo construído pelo indivíduo como uma saída do cotidiano da subordinação. As crianças da beira-rio mantêm o hábito do futebol quando as “praias” se formam na margem devido a seca, hábito do qual falava seu Raimundo em um relato anteriormente citado. Num outro momento, registramos um homem distraindo um bebê de colo improvisando um passeio de canoa.

Trindade Jr. (2003) considera que os espaços de beira de rio na cidade podem parecer ricos em experiências e vivências, plenas de conteúdos que podem exteriorizar formas que sejam extensões de relações e de sociabilidades. Desta forma, não obstante determinações e imposições de ordem sócio-econômica, as pessoas vão transformando o lugar, criando e recriando seu espaço que não se limita ao espaço físico, mas se entende via “sentimento de pertença” ao local onde habitam.

Portanto, em vez de ser considerada como uma aberração na paisagem da cidade, a ocupação de áreas como os igarapés e/ou os espaços de beira de rio aqui, em particular retratado, tem que ser vista a partir da lógica da construção da espacialidade numa sociedade desigual, em que ocupar o lugar na cidade significa poder pagar por isso. (OLIVEIRA, 2003, p. 35)

Consciente destes argumentos é que agora lançamos outros olhares sobre a beira-rio de Educando, um olhar que está para além do que se pode caracterizar como um fragmento da vida urbana construído “à beira do rio e à margem da cidade”⁴⁶. As experiências aqui trabalhadas evidenciam a valorização do homem enquanto sujeito, buscamos sua relação com espaço, desvendando um ambiente percebido sob os fundamentos cognitivos, afetivos e simbólicos do lugar.

Aqui o termo valorizar é utilizado nos moldes defendidos por Tuan (1980), da importância, ou seja, das considerações dadas a determinado ambiente, como uma qualidade pela qual este é estimável em maior ou menor grau, considerando para isto, os aspectos de como as pessoas conhecem, constroem e definem sua realidade.

Para melhor compreendermos estas dimensões perguntamos aos moradores sobre como é a vida no lugar? Veja como as respostas ficaram estruturadas por meio do gráfico 8:

⁴⁶ BECHMAN, Mauro Jeusy Vieira. **À Beira do rio e à margem da cidade: Populações em áreas de risco ambiental**. Dissertação de Mestrado – UFAM/ICHL. Manaus, 2003.

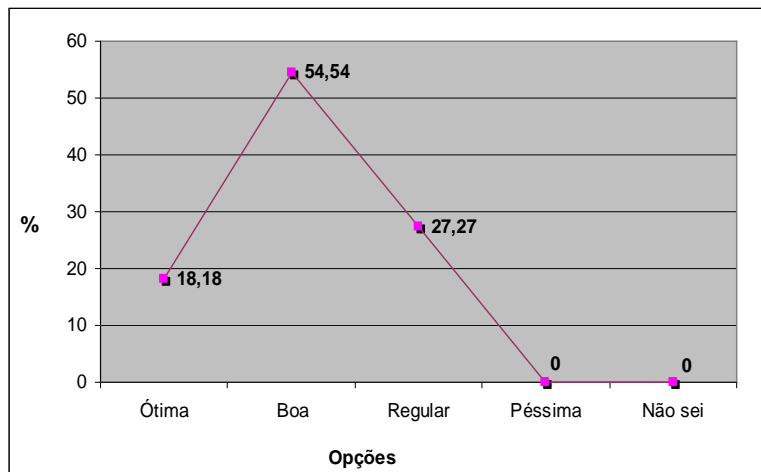


Gráfico 8 – Como é a vida na beira-rio?

Dos moradores entrevistados, 18,18% disseram que a vida no lugar é ótima; 27,27% apontaram a vida como regular e 54,54% afirmaram que a vida no lugar é boa, isto levando em consideração os problemas descritos anteriormente. Vale ressaltar que a questão da insegurança, da sujeira e do aumento no número das construções são fatores determinantes de uma percepção negativa sobre o ambiente vivido. Entretanto, ao mesmo tempo em que se aponta para a decadência do lugar, os depoimentos ilustram a simbiose entre o modo de vida e o trabalho.

É mais uma facilidade, morar na beira do rio. Você pode ter uma canoa, um motor... Você não tendo dinheiro, hoje eu não tenho nada! Aí eu pego a minha malhadeira, minha canoa né, meu motorzinho rabeta e vou pegar peixe a colá. Vou lá pro outro lado, ali no Marapatá. Boto a malhadeira, pego uma caixa de peixe e venho embora pra casa. Aí até vendo! Deixo na geladeira e vendo. Pego pra minha alimentação; pego um dinheiro para comprar outras coisas que ta faltando em casa. (Sra. Ângela, 48 anos, dona de casa. Maio, 2006)

Dona Maria José, 43 anos, dona de casa, relata:

Mana, olha pra mim é um lugar muito bom, até porque eu já estou acostumada aqui né. Pra mim é farto! É tudo perto!

As respostas positivas (ótima, boa) forneceram indícios do papel da beira-rio enquanto um lugar provedor dos recursos materiais (subsistência), sociais e simbólicos da existência, como se pode perceber neste outro depoimento:

O lugar que eu moro é muito legal... Acho até que a falta de uma estrutura, até porque acho que as casas não deveriam amontoadas umas em cima das outras, né! Mas, na realidade, na casa que eu moro é muito bom, porque toda a vida eu gostei de beiradão. Olhar pro rio, né! Amplo, do ar da natureza, casa bem arejada. (Sra. Antônia, 58 anos. Entrevista, maio de 2006)

A familiaridade com o lugar também é um fator que acaba engendrando a aceitação dos inconvenientes e dificuldades. Para Machado (1996, p. 114), a afeição por uma localidade raramente é adquirida de passagem, pois com o tempo nos familiarizamos com o lugar, o que quer dizer que cada vez mais o consideramos conhecido.

Mas quais os atributos que fazem do lugar um ambiente bom pra se viver, valorizado? Para isto fizemos o seguinte questionamento: O que você mais gosta na beira-rio? Veja os dados:

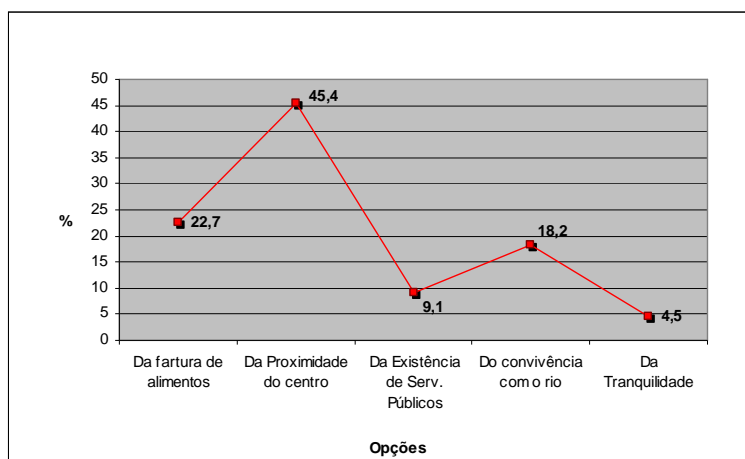


Gráfico 9 – O que você mais gosta no lugar onde mora?

O Gráfico 9 mostra que o que 22,7% dos entrevistados mais gostam no lugar é da fartura de alimentos dada a proximidade da feira e da balsa do terminal pesqueiro; 9,1% alegaram gostar de onde vivem por causa da existência de serviços públicos como postos de saúde e escola; outros 18,2% disseram gostar do rio; 4,5 % responderam gostar mais da tranquilidade que o lugar oferece, a grande maioria (45,4%) afirma que o que mais gostam no lugar é a sua proximidade do centro da cidade de Manaus.

Todos estes fatores estão diretamente relacionados ao valor utilitário da beira-rio. A noção de valor utilitário, sustenta Blay (1996), vincula-se ao valor de uso, valores que não são definidos em termos financeiros. Em termos amplos são úteis os objetos que permitem dar satisfação às necessidades do homem (BLAY, 1996, p. 136)

Christofolleti (1983) sustenta que todos estão à procura de ambientes que satisfaçam as suas necessidades, desde as mais básicas ligadas à sobrevivência até aquelas consideradas supérfluas. Os ambientes escolhidos tornam-se assim valorizados perante a vivência e o comportamento dos indivíduos e comunidades.

As vantagens locacionais como estar “próximo ao centro” declarada pelos entrevistados caracteriza-se de um profundo sentimento realista. Esta situação não significa que os mesmo tenham acesso ou participam como consumidor privilegiado nesta situação. Pelo contrário existe um alto grau de dramaticidade para a sobrevivência. Como podemos observar neste relato:

Gosto do lugar porque o trabalho é mais fácil. É próximo do centro que a pessoa vai a pé cedo pra comprar qualquer coisa. As pessoas tem como ganhar um pouquinho de dinheiro, mixaria, mas tem pra comprar sua farinha, seu açúcar, seu leite, seu café, seu pão pras criança porque vai carregar ali um peixe, vai fazer ali uma venda, pega um peixe vai vender, já fica com um dinheirinho. (Sra. Cleonice, 66 anos. Entrevista, Out.de 2006)

As populações residentes, principalmente aquelas que não tem rendimentos ou que possuem rendimentos na faixa de 1 salário mínimo, necessitam estar próximas dos serviços oferecidos pela cidade. Estando na beira-rio de Educandos torna-se possível transitar pela cidade da forma que lhes convier: de canoa – como se fazia à época das tradicionais catraias –, de barco, de ônibus, ou mesmo a pé.

O entendimento da condição econômica dos sujeitos e a inserção dos mesmos na reprodução ampliada do capital na cidade, como vimos, faz parte do circuito inferior da economia urbana que é o que comanda as relações econômicas neste espaço. No entanto, para além da dimensão econômica, a forma de inserção precarizada aos benefícios da metrópole, também cria formas de sociabilidades mediadas pela necessidade, muitas vezes, dominadas pelo interesse, mas que ultrapassam uma simples troca de mercadorias, chegando a criar reconhecimentos, narrativas, amizades, companhias, o que fica evidente na fala de Nete, 31 anos, dona de casa, moradora do lugar há 5 anos:

A vida aqui é legal, se agente quer um peixe agente arruma aqui com pessoal, nada aqui é difícil. Tem aquelas pessoas que moram lá pro fim de mundo que não tem o que beber, o que comer, né! Aqui não, só falta mesmo se tiver preguiça. Acho um lugar legal. (Entrevista, Out. de 2006)

Vale ressaltar que no valor de uso do lugar inclui-se tudo que concerne à manutenção de nossas vidas diárias e que têm significado para nós. (MACHADO, 1996)

Gosto do rio! Ele é importante pra mim sabe por quê? Porque eu tenho meus parente no interior que quando eles vem no barco eles encostam aqui e já vem direto pra minha casa, não precisa mais pegar um táxi pra sair pra outro canto, já vem direto pra cá, pra dentro da minha casa, então por isso que o rio é importante pra mim. (Dona Cleonice, entrevista, out., 2006)

O valor da localização dado em função do uso do lugar apontam também para o papel importantíssimo da feira (a “Panair”) e do rio, pois os laços de amizade

estabelecido entre feirantes, pescadores e moradores lhes dá real possibilidade da fatura de alimentos.

Outros depoimentos também revelaram a proximidade das pessoas com o rio justificada pela consciência do que ele representou no passado. Dona Alzilete nos fala: “Quando vim morar aqui, há 40 anos, o rio era limpo, bonito de ver, tinha peixe, dava até pra gente tomar banho nele”. Outra lembrança agradável é de Dona Lucila, dona de casa, 61 anos, “Era tudo praia quando secava, nos dias quentes era bom... Todo mundo pulava rio”. Apesar das boas lembranças, nos dias atuais, Maria Luzia, dona de casa, 64 anos, tem opinião contrária sobre o rio: “Nos dias de calor, o rio tem mau cheiro, mesmo aqui em casa que é alto”. Na mesma idéia, Dona Domingas, dona de casa, 71 anos, lembra: “Os moradô lá de cima jogam lixo no rio e no verão o cheiro é insuportável”.

Um outro questionamento a cerca do rio foi sobre a forma de utilização do mesmo atualmente. Como resposta, obtivemos que 41% dos moradores entrevistados disseram utilizar o rio apenas como via de transporte. Outros 9,1% disseram utiliza-lo quando precisam lavar o assoalho de suas casas e demais dependências, 13,6% dos entrevistados são os que confirmaram que ainda tomam banhos de rio e, por fim, 36,6% disseram não utilizar o rio para nada, uma vez que todo lixo, inclusive dejetos escoam diretamente para ele. Veja estes dados no Gráfico 10:

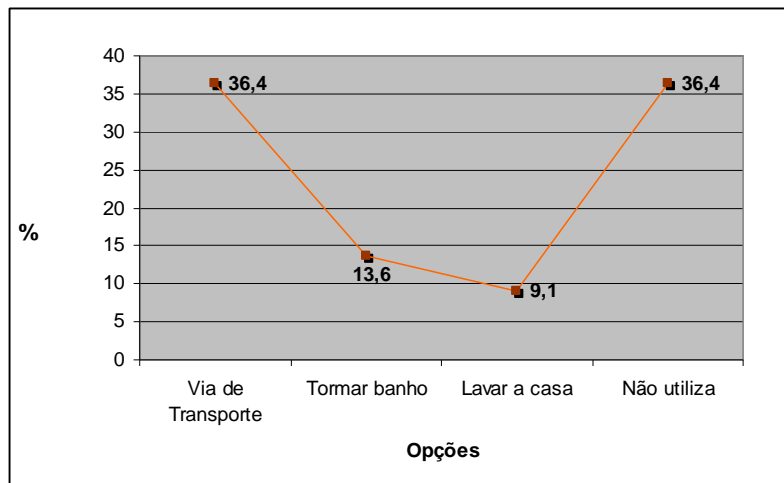


Gráfico 10 – Atualmente você utiliza o rio para quê?

Podemos observar que na caracterização do mundo vivido na beira-rio de Educandos muitas coisas e fenômenos giram em torno do rio. Ele tem significado forte e faz parte do cotidiano dos moradores, mesmo que hoje não tenha as mesmas características e significados de antes. Também Incluem-se nesse mundo vivido a feira, a terminal pesqueiro, barcos, e outros artefatos do bairro, o espaço vivenciado extrapola os limites do lugar.

No dia-a-dia da Beira Mar vê-se a luta pela igualdade nos direitos e usos da cidade. E são estas particularidades e especificidades é que dão o significado concreto às coisas e aos objetos no e do lugar e o valoriza enquanto ambiente vivido desprezando-se a multiplicidade e a heterogeneidade da realidade (OLIVEIRA, 2003)

Por estes motivos o valor atribuído ao lugar revelou-se muito grande quando perguntamos aos moradores se eles gostariam de mudar para outro ponto da cidade.

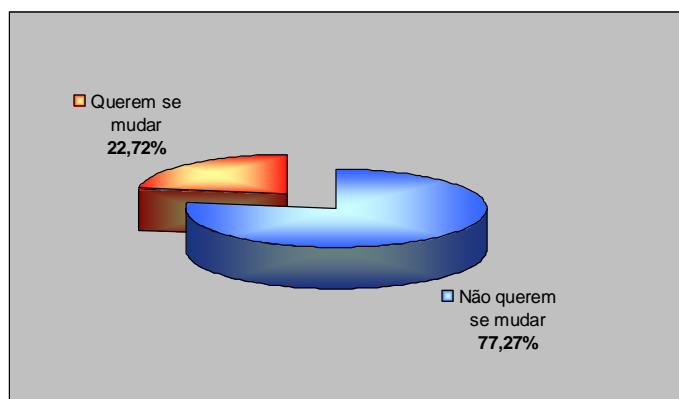


Gráfico 11: Você gostaria de se mudar do lugar?

Os dados expostos no gráfico 11 mostram que 77,27% dos entrevistados não gostariam de se mudar para outro ponto da cidade; e os outros 22,72% disseram querer se mudar por causa da falta de segurança no local e da baixa infra-estrutura.

Jamais quero me mudar daqui! Porque todas as pessoas que moram longe daqui, que não trabalham, não têm uma renda própria...fica muito difícil. Problema de colégio, posto (de saúde)...tudo isso fica muito dificultoso por aí pra onde o governo joga as pessoas, que vão, coitadas! Não tem pra onde ir né! Fica pra se conformar né! Mas eu não, eu não quero! Jamais quero sair desse lugar. (Nete, 31 anos. Entrevista, out. de 2006)

Congregamos inúmeros depoimentos sobre o questionamento acima: Dona Maria Helena, 46 anos, dona de casa, diz que quer se mudar: “o lugar é muito violento, já perdi um filho”; Maria do Socorro, 36 anos, empregada na fábrica de gelo, diz: “não aprecio o lugar por causa da sujeira, mas é ventilado e já estou acostumada aqui, não quero me mudar”; Alzilene, 31 anos, dona de casa, dá o seguinte depoimento: “não aprecio a sujeira e a marginalidade, mas não pretendo sair daqui porque aqui não se têm dinheiro, mas tem alimento”; Antônio, 25 anos, autônomo, relata: “o lugar é meio feio, mas não pretendo me mudar”; Antônia de Souza, 54 anos, dona de casa, diz: “Apesar da violência e da sujeira eu gosto daqui. Gosto de olhar o rio, os barcos...só vou me mudar porque a casa é alugada”.

Machado (1996) salienta que gostar de um bairro, por exemplo, não obriga necessariamente a pessoa nele permanecer ou predominantemente preferir suas facilidades e serviços. Neste sentido, a satisfação não significa afeição profunda e pode até significar apenas um pouco mais do que a ausência de irritações persistentes. Mas para aqueles que vivem muitos anos em um lugar, a familiaridade engendra sim, tanto a afeição quanto a aceitação (MACHADO, 1996, p. 113). Portanto, entendemos que os moradores da beira-rio gostam do lugar, se afeioaram a ele, mas estão insatisfeitos com a falta de estruturas básicas como segurança, higiene e limpeza.

Para além destes problemas, é possível observar o desenvolvimento de uma rede de relações entre os grupos sociais no cotidiano. Estas relações sociais desenvolvidas no lugar têm um papel importante no desejo de permanência no mesmo, pois foram desenvolvidas ao longo do tempo, envolvem as carências, as necessidades e os laços de solidariedade desenvolvidos entre parentes e amigos e sua própria relação com o espaço geográfico, como nos mostra este depoimento:

Se eu por a caso, todo mundo daqui desta beira se mudar, como vão tirar daqui essas casas, muitos vão morrer de fome. Muitos vão morrer porque que não tem trabalho. Muitas crianças vão chorar de fome. Você tá enxergando ali a balsa, nós aqui dessa beirada todo mundo conhece os pessoal do motor de pesca. Quando chega o motor de pesca: hei fulano! hei dona Alzilete! Nessas casas tudinho ficam na hora de pegar um boi. Pode abrir minha geladeira, tu vê como é que tá de peixe. (Sra. Alzilete, Entrevista, maio de 2006)

O relato da moradora expõe o flagrante empobrecimento de algumas famílias e a pobreza de outras. Contudo esta situação econômica crítica é amenizada por dois motivos: 01) pelo fato da Avenida Beira Mar ficar localizada próximo à Feira da Panair, onde muitos moradores (homens ou mulheres) buscam trabalho, compram ou recebem doações de alimentos para o sustento de suas famílias; 02) pelos laços

de amizade e/ou parentesco entre moradores, comerciantes e pescadores que sempre estão doando gêneros alimentícios para as famílias.



Figura 26 e 27 – O entorno da Avenida Beira Mar é caracterizado pela existência de pequenos comércios e pela feira da Panair
Fotos: Helen Oliveira, jan., 2007.



Figura 28 e 29 – A Balsa de armazenamento de pescado e o setor da feira onde se comercializa os peixes também fazem parte da dinâmica do lugar
Foto 26: Helen Oliveira, jan., 2007.
Foto 27: Jakeline de Souza, jan., 2007.

Diariamente, o movimento nas feiras e no “porto”, é intenso (Figuras 28 e 29). Neste espaço as práticas sociais atuam fortemente para o desenvolvimento de interações, de sociabilidades responsáveis pelo reconhecimento mútuo entre seus agentes (moradores, comerciantes, pescadores, etc.).

Estas particularidades e singularidades tornam a beira-rio de Educandos um dentre os muitos “lugares das possibilidades” que existem na cidade de Manaus, lugares, como bem salienta Oliveira (2003), onde a vida se realiza, se acha à espreita, de modo contestatório, em contrapartida à cidade que caminha num ritmo intenso em direção à modernidade, à homogeneidade e a monumentalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: CONTRIBUIÇÕES E PERSPECTIVAS

Objetivou-se nesta pesquisa investigar novos caminhos de olhar o urbano, de pensar, de sentir e de ver o homem como parte integrante do meio ambiente, com valores culturais, sociais e afetivos pelo lugar que devem ser considerados nos processos de intervenção urbana. Ao compreendermos com mais profundidade os processos de apropriação e de percepção do espaço, observamos o florescimento de novos temas e práticas sobre as análises espaciais.

A paisagem e o lugar constituíram o ambiente vivido, cuja análise preserva e transmite ao longo de cada história e vida pessoal ou transpessoal, os valores e percepções de uma cultura, cristalizando em si o “tempo vivido”, mediando relações de convivência entre pessoas que resgatam as experiências do passado visando a compreensão do presente, bem como armazenando referências para o devir, numa convergência das realidades ambientais experienciadas.

Consideramos que as paisagens circunscritas à espaços e lugares, envolvendo nossas vidas e ancorando recordações, encontram-se impregnadas de significados. Estes são renovados a cada experienciar, redefinidos sob planos de representações variadas, resultante do próprio espírito humano criativo e imaginante.

É neste contexto que reconhecemos as limitações de uma pesquisa dessa natureza, pois as experiências ambientais carecem inúmeras vezes, por meio da observação e análise dos relatos de vida, de objetividade e clareza. No entanto, faltam palavras no vocabulário para expressá-los, estando impregnadas de imagens construídas entre o real e o imaginário, mesclada de fantasias em busca de estruturas que reflitam segurança diante da fragilidade das circunstâncias e situações.

A experiência ambiental aqui analisada encontra-se fundamentada em sentimentos topofílicos e topofóbicos, respectivamente afeição e desprezo. Tratando primeiramente dos aspectos topofóbicos salientamos que nas pessoas que vivem na beira-rio de Educandos o sentimento dominante é a preocupação e a indignação com a intensa transformação do lugar, fruto da degradação do ambiente e da ausência do poder público na área. Em seus discursos citam que o aumento do número de construções e conseqüentemente de pessoas provocou rupturas no modo de vida, antes considerado tranqüilo e/ou sossegado.

É importante ressaltarmos que a visível degradação socioambiental na beira-rio de Educandos não decorre de um simples desequilíbrio nas relações da população que ali reside com os componentes ambientais. Decorre antes de um complexo de problemas sociais, econômicos e políticos, cuja questão distributiva da renda assume papel central. Por esse motivo, tal fenômeno não pode ser dissociado das relações de produção e de trabalho, ou seja, das condições materiais de sobrevivência, que se manifestam intensamente na produção do espaço urbano.

Esse processo pode ser definido como a luta de forças contrárias e interesses diversos dos vários atores sociais que, juntos, definem a configuração territorial de cada espaço. No lugar, essas contradições e conflitos de interesse afloram a todo instante e se materializam na paisagem.

Cotidianamente a população está sujeita aos riscos das enchentes, escorregamentos de encostas, contaminação das águas pela disposição de resíduos no rio etc. Neste caso, não há como negar a estreita relação entre riscos urbanos e a questão do uso e ocupação do solo, que entre as questões determinantes das condições ambientais da cidade, é aquela onde se delineiam os problemas

ambientais de maior dificuldade de enfrentamento e, contraditoriamente, onde mais se identificam competências de âmbito municipal. (JACOBI, 2000)

No caso da beira-rio a atuação do Estado é marcada pela ineficácia ou mesmo ausência total de políticas públicas para o enfrentamento destes problemas, predominando a inércia da Administração Pública a garantir a melhoria da qualidade de vida. Ressaltamos que para dar conta do equilíbrio social e do bem estar da população é preciso considerar com atenção suas necessidades, sua escala de valores, seus sentimentos, suas formas de conhecimento e apreensão do mundo. Por isso nosso interesse em não somente considerar os aspectos da paisagem da beira-rio de Educandos que está visível aos nossos olhos, mas também e, principalmente, chamar a atenção para o espaço enquanto lugar da (re)produção da vida. Aquele em que no cotidiano se processa a esfera da proximidade, da vizinhança, do conhecimento e do reconhecimento, da horizontalidade das relações afetivas.

É na materialidade do cotidiano que existe a possibilidade concreta de apreensão do espaço pelas pessoas. É através das ações e das possibilidades de ações que os lugares se constroem, investidos de valor simbólico, relacionando materialidade e subjetividade. E são a estas questões que estão relacionados os aspectos topofílicos.

A análise destes aspectos mostrou um profundo apego pelo ambiente vivido, dado que o lugar é visto enquanto provedor de recursos materiais (subsistência), sociais e simbólicos da existência. O rio e a feira (da “Panair”) lhes proporcionam a fartura de alimentos e a localização possibilita acesso fácil e rápido aos serviços públicos da cidade.

Assim, categoria “lugar” é a que melhor define a experiência dos moradores com o entorno, já que essa interação é interpretada pela satisfação de seus objetivos e necessidades. Em outras palavras, a categoria “paisagem” assume uma posição secundária e complementar, uma vez que os atributos naturais e cênicos são valorizados sob o ponto de vista funcional e utilitário. Destes fatos decorre o desejo da grande maioria dos moradores de não querer se mudar para outra localidade. Assim, eles se consideram predispostos à contribuir para as melhorias nas condições de vida no lugar.

Neste sentido, a problemática ambiental, aqui enfocada a partir de um olhar sobre um fragmento da vida urbana, representou um tema muito propício para aprofundar a reflexão em torno da possibilidade de implementar alternativas diversificadas de democracia participativa no processo de planejamento urbano, pois consideramos que:

- A agenda para a sustentabilidade ambiental urbana deve levar em consideração a importância de se estimular a expansão dos meios de acesso a uma informação geralmente esparsa e de difícil compreensão, com parte de uma política de fortalecimento do papel dos vários atores sociais na crescente dificuldade na promoção da inclusão social;
- É preciso envolver os diferentes níveis de intervenção sobre o espaço social da cidade, reconstruir os vínculos das pessoas com sua cidade, permitir a elas processos criativos de recuperação da auto-estima;

Os caminhos da interdisciplinaridade percorridos nesta pesquisa, integrando os conhecimentos com o propósito de ver o urbano sob um novo olhar, representaram um instigante desafio, que pretendemos aprofundar em trabalhos futuros por propiciar o enriquecimento nas leituras e nas análises do espaço

urbano. Nesse sentido, baseados nessas premissas, pretendemos ampliar a pesquisa em duas vertentes:

1. Por meio da Geografia da Percepção investigar como grupos sociais, marginalizados ou não, se apropriam e percebem o ambiente, identificando os elementos urbanos referenciais dessas construções e seus valores sociais, culturais e ambientais, tendo em vista a importância desse aprofundamento, atualmente, nas práticas de planejamento urbano, cuja postura legal tem demonstrado a necessidade de saberes multidisciplinares nos processos de intervenção urbana;
2. Somar essas discussões a outros trabalhos, pois a compreensão da realidade urbana por meio do mundo vivido e percebido pelos indivíduos, adquire cada vez mais importância, sendo imprescindível que saibamos contrapor, ao mesmo tempo, associar aos valores da cidade legal, para o aprofundamento nas leituras da morfologia urbana, conseqüentemente apontando novas diretrizes para o desenho urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, Henri (org.). **A duração das cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

AMAZONAS, Cláudio. **Memórias do Alto da Bela Vista: Roteiro Sentimental de Educandos**. Edições Governo do Estado do Amazonas. 1996.

AMORIM FILHO, O. B. **Estudos de Percepção ambiental como a última Fronteira da Gestão Ambiental**. Disponível em <http://www.site.uol.br/ivairr/percepçãoabi.htm>. acesso em 5 de fev. de 2006.

BECHMAN, Mauro Jeusy Viera. **À Beira do Rio e à Margem da Cidade: Populações em área de risco ambiental**. 2003. 126f. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus – AM.

BLEY, L. **Morretes: Um Estudo de Paisagem Valorizada**. In: DEL RIO, Vicente e OLIVEIRA (orgs.). *Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira*. São Paulo: Studio Nobel. Universidade Federal de São Carlos, 1996.

BRÜSEKE, F. J. **A técnica e os riscos da modernidade**. Florianópolis: EdUFSC, 2001. 216 p.

BUTTNER, A. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido**. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982. p. 165-193.

CARLOS, Ana Fani A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. **A (Re)Produção do Espaço Urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

_____. **Espaço-Tempo na Metrópole: A fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001

COLLOT, M. **Pontos de vista sobre a percepção das paisagens**. Boletim de Geografia Teórica, Rio Claro, 39 (20), 1990. p. 21-32.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 4.^a Editora Ática, 2002.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis: EdUFSC, 1999. 453 p.
DAMIANI, Amélia L. **A geografia e a produção do espaço na metrópole: entre o público e o privado**. In: *Urbanização e mundialização: estudos sobre a metrópole*.

CARLOS, A. F. A.; CARRERAS, C. (orgs.). São Paulo: Contexto, 2005.

DAVIS, Mark. **Planeta Favela**. Tradução de Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2006;

DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de (orgs.). **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**. São Paulo: Studio Nobel. Universidade Federal de São Carlos, 1996.

DERANI, Cristiane. **Direito Ambiental Econômico**. São Paulo: Max Limonad, 1997.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. 3.^a ed. São Paulo: Hucitec. 1994.

FERNANDES, Marlene Allan (coord.). **Cidades sustentáveis: subsídios à elaboração da Agenda 21 brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente: Instituto do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis: Consórcio Parceria 21 IBAM-ISER-REDEH, 2000.

FERRARA, L. **As cidades ilegíveis: percepção ambiental e cidadania**. In: DEL RIO, Vicente e OLIVEIRA (orgs.). **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**. São Paulo: Studio Nobel. Universidade Federal de São Carlos, 1996.

FERREIRA, L. F. **Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo**. Revista Território. Rio de Janeiro, ano V, n. 9 p. 65-83, jul.-dez., 2000.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Desenvolvimento Humano em Manaus: Atlas Municipal**. Belo Horizonte, 2006.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GUGLIELMINI, Luíza Angélica Oliveira. **Manaus à beira-rio: A produção e reprodução do espaço urbano**. 2005. 194f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais e Sustentabilidade na Amazônia – PPGCASA. Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Manaus.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 7. Ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2003.

HOLZER, W. **Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente**. Revista Território, ano II, n. 3, jul.-dez., 1997.

JORNAL DO COMÉRCIO. **Edição especial em homenagem ao 336º aniversário da cidade de Manaus**. Manaus, sábado, domingo e segunda-feira, 22, 23 e 24 de outubro de 2005.

JOLLIVET, Marcel, PAVÉ, Alain. **O meio ambiente: questões e perspectivas para a pesquisa**. In: Gestão de Recursos Naturais Renováveis e Desenvolvimento: Novos Desafios para a Pesquisa Ambiental. 2^a ed. São Paulo: Cortez, 2000.

LACEY, H. **Valores e Atividade Científica**. São Paulo: Discurso Editorial, 1998.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder.** Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

LEFÉBVRE, Henri. **O Direito à Cidade.** 1.ª ed. Tradução de Rubens Eduardo Frias. Editora Moraes, 1991.

LEFÉBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno.** Tradução de Alcides João de Barros. São Paulo: Editora Ática, 1991.

LENCIONI, Sandra – **Região e Geografia.** São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2003. (Acadêmica; 25)

_____. **Região e Geografia.** São Paulo: Edusp, 1999.

_____. **A natureza do espaço – Técnica e tempo; razão e emoção.** São Paulo, Hucitec, 1996.

LOWENTHAL, D. **Geografia, Experiência e Imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica.** In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). *Perspectivas Geográficas*, São Paulo: Difel, 1982. p. 101-130.

LYNCH, K. **A imagem da cidade.** CAMARGO, J.I. (Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1997. 227 p.

MACHADO, L. M. C. P. **Paisagem valorizada: a Serra do Mar como espaço e lugar.** In: DEL RIO, Vicente e OLIVEIRA (orgs.). *Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira.* São Paulo: Studio Nobel. 1996, p. 97 - 119.

_____. **O Estudo da paisagem: uma abordagem perceptiva.** *Revista Geografia e Ensino.* Ano 2, n. 8, Belo Horizonte, 1988b.

_____. **Paisagem, ação, percepção e cognição.** *Cadernos Paisagem-Paisagens.* São Paulo, n. 3, p. 1-4, 1998.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. **Habitação e cidade.** São Paulo, 1997. 79 p.

MELLO, J. B. F. 1990. *Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo.* R. Bras. Geog., 52 (4): 91-115.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MESQUITA, Zilá. **Cotidiano ou quotidiano?** In: *Territórios do cotidiano.* MESQUITA, Z; BRANDÃO, C.R. (orgs.). Porto Alegre: Ed. UFRGS; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis - RJ: Vozes, 1994.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Fundação de Manaus**. 4.^a ed. Editora Metro Cúbico. Manaus, 1994.

MANAUS, Prefeitura Municipal. **Relatório Final da Comissão Técnica para Identificação das Edificações em Risco de Desabamento na Orla de Manaus – AM**. Julho, 2001. 94 p.

OLIVEIRA, Lívia de. Contribuições dos estudos cognitivos à percepção geográfica. **Geografia**, v. 2, n. 3, p. 61-72, abr. 1977.

_____. **Percepção do espaço geográfico**. In: DEL RIO, Vicente e _____ (orgs.). **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**. São Paulo: Studio Nobel. Universidade Federal de São Carlos, 1996.

OLIVEIRA, José Aldemir. **A Produção do Urbano na Periferia: Transformações e permanências**. *Amazônia em cadernos*, Manaus, EDUA, n.º 4, Out. 1998, p. 231-260.

_____. **As Pequenas Cidades da Amazônia: Espaços perdidos e reencontrado**. In: *O espaço no fim do século: a nova raridade*. DAMIANI, Amélia Luisa, et al. (orgs.). 2.^a ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. *Manaus de 1920 a 1967. A cidade doce e dura em excesso*. Manaus: Valer, 2003.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A Cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus 1899-1925**. 2.^a ed. Manaus: EDUA, 2003.

PROJETO GEO CIDADES: **Relatório Ambiental Urbano Integrado**: informe GEOManaus. Supervisão: Ana Lúcia Nadalutti La Rovere, Samyra Crespo; Coordenação: Rui Velloso. Rio de Janeiro: Consórcio Parceria 21, 2002.

RELPH, E. **As bases fenomenológicas da geografia**. *Geografia*, v.7, n. 4, p. 1-25, abr. 1979.

ROLNIK, Raquel. **São Paulo, início da industrialização: o espaço e a política**. In: KOWARICK, Lúcio (org.). *As lutas e as cidades: São Paulo: passado e presente*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

SÁ, Cristina. **Reflexões sobre a construção do espaço**. In: _____ (et. al.). *Olhar Urbano, Olhar Humano*. São Paulo: IBRASA, 1991.

SALAZAR, João Pinheiro. **O Abrigo dos Deserdados**. 1985. 221f. Dissertação de Mestrado. Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da universidade de São Paulo - USP.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **O espaço cidadão.** São Paulo: Nobel, 1987.

_____. **Fim de século e Globalização.** São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994.

_____. **Território globalização e fragmentação.** São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994.

_____. **A Natureza do Espaço-técnica e Tempo, Razão e Emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

SEABRA, O. C. L. Territórios do uso: cotidiano e modo de vida. In: CIDADES, revista científica/ Grupo de estudos urbanos. Vol.1. nº2. Presidente Prudente: Provo, 2004.

SEIXAS, Paulo Castro. **Selva tropical ou tropicalização da selva?** Ensaio sobre a cidade de Manaus. Revista de Antropologia Urbana. Ano 1, vol. 1, número 1, julho, 2004.

SINGER, Paul. **O Uso do Solo Urbano na Economia Capitalista.** In: A produção Capitalista da Casa (e da Cidade) no Brasil Industrial, São Paulo, Alfa-Ômega, 1982.

SOUZA, C. L. **Cognição ambiental e leitura da paisagem urbana: teoria e prática.** Cadernos Paisagem\Paisagens, São Paulo, n. 3, p. 15-26, 1998.

SOUZA, M. L. de. **O Desafio Metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

SPÓSITO, M. E. B. Os **embates entre as questões ambientais e sociais no urbano.** In: Dilemas Urbanos: novas abordagens sobre a cidade. CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges (orgs). São Paulo: Contexto, 2003.

SUERTEGARAY, D. M. A. et al. **Ambiente e lugar no urbano: a Grande Porto Alegre.** Porto Alegre: UFRGS, 2000. 239 p.

TASCHNER, Suzana. **Favelas do Município de São Paulo: Resultados da Pesquisa.** In: BLAY, E.A. (org.). A Luta pelo Espaço. Textos de sociologia urbana. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

TRINDADE JR., Saint-Clair Cordeiro da. **Imagens e representações da cidade ribeirinha na Amazônia: uma leitura a partir de suas orlas fluviais.** Belém: UFPA, 2003 (Mimeo).

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: Difel, 1983.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel/Fapesp/Lincoln Institute, 1998.

YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar**: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas. São Paulo: Contexto, 2001.

ANEXOS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DO AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS E
SUSTENTABILIDADE DA AMAZÔNIA**

Vida Cotidiana e Ambiente na Beira-Rio de Educandos

ANEXO A

FORMULÁRIO

1. IDENTIFICAÇÃO	N.º DO FORMULÁRIO:
LOCALIDADE:	
LOGRADOURO: (Endereço completo)	

1.01 – Nome: 1.02 – Idade:	
1.03 - Estado civil: <input type="checkbox"/> 1 – Solteiro(a) <input type="checkbox"/> 2 – Casado(a) <input type="checkbox"/> 3 – União estável(a) <input type="checkbox"/> 4 – Viúvo(a) <input type="checkbox"/> 5 – separado(a)	1.06 - Qual o curso que ___ frequenta (ou)?
1.04 - _____ sabe ler e escrever? <input type="checkbox"/> 1 – sim <input type="checkbox"/> 2 – não	1.07 - Qual sua profissão?
1.05 - Frequentou a escola? <input type="checkbox"/> 1 – sim <input type="checkbox"/> 2 – não	1.08 - Qual sua atividade no momento? <input type="checkbox"/> 1 – Funcionário Público <input type="checkbox"/> 2 - Funcionário Privado <input type="checkbox"/> 3 – Autônomo. Qual a atividade?

2. SITUAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA DA FAMÍLIA

2.01 - Qual a renda familiar? (soma de ganhos de todos que trabalham) <input type="checkbox"/> 1 - sem renda <input type="checkbox"/> 2 - menos de 1 s/m <input type="checkbox"/> 3 - 01 s/m <input type="checkbox"/> 4 - acima de 01 s/m <input type="checkbox"/> 5 - acima de 02 s/m <input type="checkbox"/> 6 - acima de 03 s/m
--

3. ORIGEM

3.01- _____ Nasceu neste município? <input type="checkbox"/> 1 – sim <input type="checkbox"/> 2 – não (passe à 3.02)	3.03 - Por quê veio para Manaus? <input type="checkbox"/> 1 – trabalhar <input type="checkbox"/> 2 – estudar <input type="checkbox"/> 3 – casar <input type="checkbox"/> 4 – melhorar de vida <input type="checkbox"/> 5 – outros
3.02 - A quanto tempo reside em Manaus? <input type="checkbox"/> 1 - de 1 a 2 anos <input type="checkbox"/> 2 - de 3 a 5 anos <input type="checkbox"/> 3 - de 6 a 8 anos <input type="checkbox"/> 4 - acima de 9 anos Especificar o ano:	3.04 - Há quantos anos _____ reside neste local? <input type="checkbox"/> 1 - de 1 a 2 anos <input type="checkbox"/> 2 - de 3 a 5 anos <input type="checkbox"/> 3 - de 6 a 8 anos <input type="checkbox"/> 4 - acima de 9 anos Especificar o ano:

4. CARACTERÍSTICAS DO DOMICÍLIO

4.01 – Espécie <input type="checkbox"/> 1 - Particular permanente <input type="checkbox"/> 2 - Particular improvisado <input type="checkbox"/> 3 - Coletivo	4.04 - Qual o material que predomina na construção das paredes externas do domicílio? <input type="checkbox"/> 1 – Alvenaria <input type="checkbox"/> 2 – Madeira aparelhada <input type="checkbox"/> 3 – Madeira aproveitada <input type="checkbox"/> 4 – Outro material. Especifique:
4.02 – Tipo <input type="checkbox"/> 1 – casa <input type="checkbox"/> 2 – cômodo <input type="checkbox"/> 3 – apartamento	4.05 - Qual o material que predomina na cobertura deste domicílio? <input type="checkbox"/> 1 – Telha <input type="checkbox"/> 2 – Laje de concreto <input type="checkbox"/> 3 – Zinco <input type="checkbox"/> 4 – Madeira aproveitada <input type="checkbox"/> 5 – Palha
4.03 - Este domicílio é: <input type="checkbox"/> 1 – próprio <input type="checkbox"/> 2 – alugado <input type="checkbox"/> 3 – cedido	4.06 - A forma de abastecimento de água utilizada neste domicílio é: <input type="checkbox"/> 1 – rede geral <input type="checkbox"/> 2 – outras

5. DADOS REFERENTES AO PROJETO

PARA AVALIAR A PERCEPÇÃO DO AMBIENTE VIVIDO: 5.01 - Para você como é o lugar onde mora? Descrição do lugar. (objetiva verificar a representação de sua fisionomia)
5.02 - Como você considera a sua vida no lugar onde você mora? <input type="checkbox"/> 1 - Ótima <input type="checkbox"/> 2 - Boa <input type="checkbox"/> 3 - Regular <input type="checkbox"/> 4 - Péssima <input type="checkbox"/> 5 - Outra opção. O quê? <input type="checkbox"/> 6 - Não sei
5.03 - Para você existem problemas ambientais no lugar onde você mora? <input type="checkbox"/> 1 – sim. Qual o principal? <input type="checkbox"/> 2 – não.

PARA AVALIAR A VALORIZAÇÃO DA PAISAGEM COMO INCÔMODO MEDO E RESTRIÇÃO:

5.04 - O que você menos gosta do lugar onde mora?

- () 1 - Insegurança
 () 2 - Da sujeira
 () 3 - Da falta de serviços públicos
 () 4 - Faltam áreas de lazer
 () 5 - Outro O quê?

PARA VERIFICAR A UTILIDADE E USO DO LUGAR:

5.05 O que você mais gosta do lugar onde mora? (refere-se à categoria afetiva);

- () 1 - Tranqüilidade
 () 2 - Bem servido com ônibus
 () 3 - Do rio
 () 4 - Da existência de serviços públicos
 () 5 - Da proximidade com o centro da cidade
 () 6 - Outro O quê?

5.06 – O rio é utilizado para alguma coisa?

- () 1 - sim (passe para a 5.08)
 () 2 - não

5.08- As crianças tem opção de lazer?

- () 1 - sim (passe para 5.09)
 () 2 - não

5.07 – De que forma ____ utiliza o rio?

- () 1 – como via de transporte
 () 2 – para coletar água
 () 3 – para tomar banho à beira
 () 4 – outros

5.09 - Que tipo de lazer? Onde elas brincam?

.....

.....

PARA AVALIAR OS VALORES:

5.09 - Você aprecia o seu espaço de moradia como ele é hoje? Por quê? (refere-se à valorização ou não do aspecto ecológico);

.....

5.10 - Você pretende mudar para outro local?

- () 1 – sim
 () 2 – não

Por quê?

.....

.

ANEXO B

Caracterização dos sujeitos entrevistados

Papel Social	N.º *	Sexo	Idade	Escolaridade	Local de Origem	Observações sobre o sujeito
Não Migrantes	01	F	48	Semi-analfabeta	Manaus	Dona de casa. Reside no lugar há aproximadamente 40 anos. Chegou “bem novinha” no lugar. Casou-se cedo. Construiu sua moradia no local pela proximidade do centro e pela praticidade, já que seu marido era pescador. Tem 4 filhos. Não quer sair do lugar. Gostaria de construir uma casa adequada.
	02	F	18	Fundamental (7.ª série)	Manaus	Estudante e dona de casa. Mora com a mãe e o marido a mais de 9 anos no local pela proximidade do centro. Sua casa é própria. Só sai do lugar se a tirarem.
	03	F	21	Fundamental (4.ª série)	Manaus	Dona de casa. Mora no local há mais de 9 anos. Não tem renda nenhuma. A casa é própria. Tem 2 filhos. Gosta do lugar, não quer sair dali.
	04	F	41	Fundamental (4.ª série)	Manaus	Dona de casa. Mora no lugar de aluguel a cerca de 2 anos. Aluga apenas um cômodo. E reside na área pela proximidade do centro da cidade. Tem 4 filhos. Quer mudar dali, mas só sai se a tirarem.
	05	F	37	Fundamental (8.ª série)	Manaus	Eventualmente trabalha como cozinheira nos barcos de passeio. Nasceu no local, portanto está ali há 36 anos. Sua casa é própria e se mantém no local devido a proximidade com o centro da cidade. Tem 2 filhos. Só sai do lugar se a tirarem.
	06	F	37	Fundamental (4.ª série)	Manaus	Eventualmente trabalha como cozinheira nos barcos de passeio. Mora no local há mais de 9 anos. Aluga um cômodo por R\$ 100,00 da casa da amiga. Para ela o local é estratégico, pois é próximo do centro. Tem 1 filha. Não quer mudar do lugar porque não tem pra onde ir.
	07	F	31	Ens. Médio	Manaus	Dona de casa. Mora no lugar desde que nasceu. Atualmente aluga um cômodo por R\$100,00, já que sua casa foi alagada com a cheia do rio. Não sai do local pela proximidade do centro. Diz que não tem dinheiro, mas não lhe falta comida onde vive.
Migrantes	08	M	27	Ens. Médio	Anamã	Comerciante. Veio para Manaus com a mãe para estudar. Reside no local há mais de 9 anos. Sua casa é própria, morando ali tem acesso rápido ao local de trabalho, bem como ao centro. Tem 2 filhos. Não pretende sair do lugar.
	09	F	18	Fundamental (4.ª série)	Anori	Cuida da casa. Está em Manaus há 16 anos, veio para a cidade para trabalhar. Na beira-rio mora há 2 anos com a mãe e o padrasto. Considera o local importante para a família por sua proximidade do centro. Quer se mudar do local, acha perigoso.
	10	F	54	Fundamental (5.ª série)	Janauacá - Careiro	Foi Professora no interior (de carteira assinada) e auxiliar de produção no Pólo Industrial. Atualmente é dona de casa. Mora na casa com o esposo e uma filha. Está na cidade há 12 anos e reside no local há 2 anos. A casa onde mora é alugada (R\$ 200,00). Está construindo a sua em outro local. Considera bom morar na beira-rio pela localização e pela possibilidade de estar perto do rio. Vai se mudar.

	N.º *	Sexo	Idade	Escolaridade	Local de Origem	Observações sobre o sujeito
Migrantes	11	F	66	Analfabeta	Anamã	Autônoma. Vende balas e churrasquinho em frente a sua casa. Está em Manaus há 15 anos, o mesmo tempo que mora na beira-rio. Veio em busca de trabalho. Sua casa é própria e mora com mais 15 pessoas na casa (filh@s, netos genros e noras). Considera bom morar no lugar por causa da movimentação de pessoas, isto lhe proporciona boas vendas. Quer mudar de lugar, pois não agüenta a violência.
	12	F	61	Freqüentou a escola, 1.ª cartilha ABC	Anori	Trabalhou na indústria, hoje é dona de casa. Veio para Manaus em busca de trabalho há mais de nove anos; reside no local há 33 anos e gosta do lugar porque morar na beira-rio facilita a vida na cidade. Tem 5 filhos. Não deseja mudar de lugar.
	13	F	61	Fundamental (3.ª série)	Anori	Foi costureira. Há pouco tempo perdeu a visão. Veio para Manaus com 1 ano de idade com a irmã mais velha. Está há 60 anos na cidade e há 40 na beira-rio. Sua casa é própria e gosta do lugar porque há muita fartura de alimentos. Tem 4 filhos. Não quer sair do local.
	14	F	31	Fundamental (6.ª série)	SP de Olivença	Dona de casa. Faz 20 anos que está em Manaus e aproximadamente 5 na beira-rio. Veio para a cidade trabalhar. O marido trabalha fazendo "bico" como carregador. Sua casa é própria e gosta do lugar pela facilidade de acesso ao centro da cidade, o considera bonito. Possui 3 filhos com idades de 5 a 10 anos. Não quer mudar do lugar.
	15	M	25	Fundamental (6.ª série)	Anamã	Pescador. Veio para Manaus há mais de 9 anos para melhorar de vida. Há 9 anos também reside na beira-rio. Sua casa é própria e a sua localização facilita o acesso rápido ao trabalho. Possui três filhos. Acha o lugar bom de morar, mas o considera feio. Não quer sair dali.
	16	F	36	Fundamental (4.ª série)	Belém-PA	Trabalha na fábrica de gelo tratando de peixe. Veio para Manaus há 10 anos para melhorar de vida. Reside no local acerca de 8 anos. Sua casa é alugada e considera que morar próximo do rio e da feira facilita a vida na cidade, além de ser muito ventilado. Não quer sair dali.
	17	F	46	Fundamental (1.ª série)	Maués	Dona de casa. Está em Manaus há 36 anos e na beira-rio há mais de 9 anos. Veio para a cidade trabalhar. A casa onde mora é cedida e a localização é importante por causa do trabalho do marido. Possui 8 filhos. Quer mudar para o interior, pois acha o local violento, já perdeu um filho vítima da violência.
	18	F	43	Fundamental (5.ª série)	Anori	Trabalhou na indústria por 8 anos, hoje é dona de casa. Veio para a cidade para trabalhar e estudar. Sua residência é própria e diz que morar perto do rio facilita a vida na cidade por isso gostaria que o lugar melhorasse, fosse mais organizado. Possui três filhos. Não quer mudar do lugar.
	19	F	89	Fundamental (3ª série)	Janauacá	Dona de casa, pensionista. Veio para Manaus aos 4 anos de idade para ser criada pelos padrinhos que eram portugueses. Casou-se aos 21 anos com um pescador e veio morar na Beira rio de Educandos em 1939. Tem quatro filhos. Só sai do lugar se

						conseguir vender ou ser indenizada pela casa.
	20	M	54	Fundamental 5ª. Série)	Manacapuru	Foi pescador. Veio para Manaus em 1952 com mãe. Há 40 anos mora na beira-rio de Educandos. Hoje não exerce mais sua atividade. Não sairia do lugar para morar longe.
	21	F	64	Analfabeta	Careiro	Dona de casa. Veio para Manaus em 1952 com os pais. Casou-se e o marido comprou a casa na beira rio porque trabalhava como comandante de um motor. Não saem do lugar porque não podem comprar outra no próprio bairro. Tem medo do barranco desmoronar.
	22	F	74	Analfabeta	Urucurituba	Chegou em Manaus com 15 anos de idade. Veio trazida por uma conhecida para trabalhar em casa de família. Antes de vir para beira rio morou no centro da cidade em um porão. Chegou na beira rio há mais de 40 anos. Seu marido ganhou a casa do patrão. Diz que hoje corre risco por causa do barranco e por causa da cheia do rio.

* Estes números dos informantes acompanham os depoimentos extraídos das entrevistas e empregados na construção do capítulo IV.

